



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

PAULO SÉRGIO MICALI JUNIOR

**PARA ALÉM DOS SOCOS NA CARA:
REPRESENTAÇÕES PUGILÍSTICAS E A HISTÓRIA DO
BOXE EM LONDRINA (1970 – 2000)**

Londrina
2018

PAULO SÉRGIO MICALI JUNIOR

**PARA ALÉM DOS SOCOS NA CARA:
REPRESENTAÇÕES PUGILÍSTICAS E A HISTÓRIA DO
BOXE EM LONDRINA (1970 – 2000)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Richard Gonçalves André

Londrina
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Micali Junior, Paulo Sérgio .

Para além dos socos na cara : representações pugilísticas e a história do boxe em Londrina (1970 - 2000) / Paulo Sérgio Micali Junior. - Londrina, 2018.
129 f. : il.

Orientador: Richard Gonçalves André.

Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2018.
Inclui bibliografia.

1. História - Tese. 2. Boxe - Tese. 3. Londrina - Tese. 4. Representações pugilísticas - Tese. I. Gonçalves André, Richard . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

PAULO SÉRGIO MICALI JUNIOR

PARA ALÉM DOS SOCOS NA CARA:
REPRESENTAÇÕES PUGILÍSTICAS E A HISTÓRIA DO BOXE EM
LONDRINA (1970 – 2000)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Richard Gonçalves André
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Cláudia Eliane Parreiras Marques
Martinez
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa
Universidade Estadual Paulista - UNESP

Londrina, 10 de maio de 2018.

Para meus pais, meu professor, minha amada e a Kira que, com afeto, me ensinaram coisas importantes.

AGRADECIMENTOS

Paciência. Embora ela nunca me tenha sido uma estranha, acredito ter me tornado mais íntimo dela ao longo destes dois anos que compuseram o curso de mestrado. Realizar uma pesquisa que culminará numa dissertação não é nada fácil. Nem um pouco. Todavia, neste tempo não houve apenas dificuldades. É um tanto quanto clichê dizer isto, mas houve alegrias e tristezas, regozijo e dificuldades. Em todas essas situações, sempre contei com a presença de meus queridos amigos e familiares. Agradeço-lhes do fundo do meu coração.

Agradeço a todos da Escola de Boxe do Londrina Esporte Clube.

Agradeço aos meus pais que me proporcionaram todos os meios necessários para que me tornasse um amante dos estudos e que pudesse a eles me dedicar.

Sou grato a minha amada Taiana que, sempre muito mais preparada do que eu, foi capaz de me apontar caminhos em uma pesquisa que nem ao menos fazia parte de suas várias especialidades!

Também agradeço ao meu querido orientador que, com sabedoria, distribuiu-me recomendações aos borbotões além de ter me servido como um modelo de profissional a ser seguido. Pouquíssimos professores são tão bons quanto ele.

Sem mais delongas, eis a minha dissertação. Ela foi elaborada a partir do sangue, do suor e das intermináveis dores nas costas provocadas pelas muitas horas que foram passadas em frente a um computador que insistentemente travava e incitava minha ira de diferentes maneiras.

Aqui foi aplicado todo o rigor acadêmico que minhas competências permitiram-me, mas não foi só com isso que me preocupei durante a escrita. Acredito que uma leitura possa ser fluída e agradável. Assim, também busquei escrever de forma a agradar e divertir o leitor. Com isso, não quero estabelecer uma distinção entre o científico e o lúdico. Muito pelo contrário. Acredito que a união entre os dois pode trazer resultados bastante satisfatórios!

História, boxe, representações, violência, fotografias além de alguns trechos provenientes de grandes obras literárias foram utilizadas aqui para que conceitos complexos fossem problematizados de forma didática. É por meio do minucioso amálgama de todos estes elementos que também demonstro minha gratidão a todos aqueles que vierem a ler esta pesquisa.

“Nunca se esqueçam de que, até o dia em que Deus dignar-se a desvelar o futuro para o homem, toda a sabedoria humana estará nestas palavras: Esperar e ter esperança”.

Edmond Dantès

MICALI JUNIOR, Paulo Sérgio. **Para além dos socos na cara:** representações pugilísticas e a história do boxe em Londrina (1970 – 2000). 2018. 129 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

RESUMO

Miguel de Oliveira, que foi um dos maiores entusiastas do esporte (principalmente do boxe) em Londrina e região, costumava colecionar fotografias. Após a sua morte em 2009, sua coleção foi herdada pelos seus parentes e amigos que hoje dirigem a Escola de Boxe do Londrina Esporte Clube e a Federação Paranaense de Pugilismo (ambas localizadas em Londrina). Composta por centenas de peças nas quais estão retratados (pelo menos em sua maioria) elementos referentes à prática do pugilismo, como eventos, campeonatos e disputas nas quais Miguel de Oliveira participou como árbitro, treinador ou espectador ao longo das décadas de 1960 e 2000, nesta pesquisa eu a tomo como fonte de estudo a fim de problematizar historicamente as representações pugilísticas nela retratadas e relacioná-las com o conceito de violência. Para tal, as fotos foram divididas em categorias que se referem a momentos específicos na prática do boxe, desde os treinamentos, o combate propriamente dito até o anúncio do vencedor e o recebimento de prêmios. Assim o fiz, pois em cada um daqueles instantes há configurações distintas que concernem às mencionadas representações. Também é importante ressaltar que, uma vez que há uma miríade de formas por meio das quais a violência pode ser representada (perpassando desde o campo físico até o simbólico), fez-se necessária uma abordagem interdisciplinar, portanto amparei minhas análises largamente em alguns dos pressupostos de Eric Dunning, Norbert Elias, Pierre Bourdieu e Nilo Odália naquilo que concerne à polissemia que caracteriza o complexo conceito de violência quando relacionado às práticas esportivas e suas representações. Quanto aos resultados aqui obtidos, foi-me possível identificar e problematizar uma série de representações pugilísticas (além de suas transformações) presentes em cada uma daquelas categorias. Desde refinamentos de conduta até aprimoramentos das técnicas e materiais de segurança, o boxe, ao que parece, caminhou junto ao desenvolvimento da intolerância social frente às brutalidades tidas como irracionais, apesar de continuar a se fundamentar tanto na intimidação quanto na submissão do adversário.

Palavras-chave: História do boxe. Londrina. Fontes fotográficas. Representações pugilísticas. Violência.

MICALI JUNIOR, Paulo Sérgio. **Beyond the punches in the face: pugilistic representations and the history of boxing in Londrina (1970 – 2000).** 2018. 129 p. Dissertation (Master's Degree in Social History) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

ABSTRACT

Miguel de Oliveira, who was one of the biggest sports enthusiasts in Londrina and in its surroundings, used to collect photographs. After his death in 2009, his collection were inherited by his friends and relatives who run nowadays the Londrina Sports Club's Boxing School and the Paraná Pugilism Federation (they both are located in Londrina). Composed by hundreds of photos in which it was portrayed (in most cases, at least) elements concerning the practice of boxing in events, championships or disputes where Oliveira has participated as a referee, coach or spectator during the 1960's and the 2000's, in this research I have selected those photos as sources of study and I used them to problematize historically the pugilistic representations and to establish a relation between those and the conception of violence. That is why I have divided the photos into categories that concern some of the most important moments in the boxing practice, like the trainings, the combats and the announces of the winners and their awards. It seems that in each one of those instants, there are distinct representative configurations. It is also important to remember that once there is a myriad of forms violence may be represented (physically and symbolically, for example), it was essential to prepare an interdisciplinary study involving the presumptions of Eric Dunning, Norbert Elias, Pierre Bourdieu and Nilo Odalia about the polysemy that characterizes the complex conception of violence and its relation with the sportive practices and its representations. About the results we have obtained, it was possible to identify and problematize a bunch of pugilistic representations (and its historical transformations) present in each one of those categories. Through conducts refinements or the developing of techniques and safety materials, the boxing seems to be walking towards the growing social intolerances against the irrational brutalities, although this sport still is reasoned in both intimidation and the submission of the adversary.

Keywords: Boxing history. Londrina. Photographical sources. Pugilistic representations. Violence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1	– Miguel de Oliveira e seu pupilo participando do Campeonato Brasileiro de Novos de 1981.....	18
Imagem 2	– Régis Ferreira vence José Nilton Soares no Palácio do Futebol em Londrina.....	19
Imagem 3	– <i>Sparring</i> sem proteção	82
Imagem 4	– O campeão de todos os campeões. “Espero merecer seu apreço. Do seu John L. Sullivan”	87
Imagem 5	– Boxe feminino no Shopping Quintino, Londrina.....	89
Imagem 6	– Campeonato brasileiro de boxe. Londrina, 1977	92
Imagem 7	– “Cumprimentem-se e lutem”	94
Imagem 8	– Intimidação, uma forma de pré-combate	99
Imagem 9	– Luta amadora na Escola de Boxe.....	104
Imagem 10	– Infração cometida durante uma competição amadora na Escola de Boxe.....	107
Imagem 11	– Combate no Shopping Quintino. Anúncio do vencedor	110
Imagem 12	– Resultados do XIV JABS.....	114
Imagem 13	– Resultados dos Jogos Abertos de 1984	117

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIBA	Association Internationale de Boxe Amateur
ANPUH	Associação Nacional dos Professores Universitários de História
BPM	Batalhão da Polícia Militar
CBBOXE	Confederação Brasileira de Boxe
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
ECVN	Esporte Clube Vila Nova
FEL	Fundação dos Esportes de Londrina
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
FPP	Federação Paranaense de Pugilismo
IBF	International Boxing Federation
LEC	Londrina Esporte Clube
MMA	Multiple Martial Arts
NDPH	Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica
PMPR	Polícia Militar do Paraná
RP	Rádio Patrulha
UFC	Ultimate Fighting Championship
VGD	Vitorino Gonçalves Dias
WBA	World Boxing Association
WBC	World Boxing Council
WBO	World Boxing Organization

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. SOBRE AQUILO QUE JÁ FOI FEITO E OUTRAS POSSIBILIDADES DE ESTUDO	22
1.1 VIOLÊNCIA E SUA ABRANGÊNCIA CONCEITUAL	26
1.2 TEME A TEU PRÓXIMO E POR TI MESMO!	32
2. CONTEXTO HISTÓRICO E O ESPAÇO OCUPADO PELO BOXE EM LONDRINA	43
2.1 UM ARTEFATO, VÁRIOS DISPOSITIVOS: LONDRINA E O ESTÁDIO MORINGÃO	44
2.2 ACADEMIAS E A FEDERAÇÃO PARANAENSE DE PUGILISMO	52
3. FOTOGRAFIAS: APROPRIAÇÕES E REPRESENTAÇÕES	67
3.1 A COLEÇÃO FOTOGRÁFICA “ORGANIZADA” POR MIGUEL DE OLIVEIRA	74
3.1.1 Treinos: o dia-a-dia pugilístico	81
3.1.2 En garde!: desafio e auto-propaganda	85
3.1.3 Pré-luta: recomendações, cumprimento e a encarada	91
3.1.4 Nobre arte: esgrima com os punhos	102
3.1.5 Soa o gongo. É o fim da luta	109
3.1.6 Anúncio do(s) vencedores: louros e lágrimas	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122

INTRODUÇÃO

Por meio desta pesquisa, busquei tecer uma investigação histórica circunscrita aos anos 1970-2000 que, amparada na análise de uma coleção fotográfica, concerne à relação entre violência, representações pugilísticas e a prática esportiva (e, portanto, regulamentada) do boxe moderno¹ em Londrina. É isto o que almejo, apesar de pouco clarificador quando apresentado desta forma, de supetão. Buscando ser mais claro, iniciarei discorrendo sobre o próprio estudo da História do Esporte, suas práticas e a sua relevância para com o campo da História.

De acordo com os historiadores Rafael Fortes e Victor Andrade de Melo,

As práticas corporais institucionalizadas têm sua configuração articulada com as dimensões sociais, culturais, econômicas, políticas de um dado contexto (que deve ser entendido no tempo e no espaço).

Assim, lhes é possível

Fazer parte do patrimônio de um povo, da memória afetiva dos indivíduos e grupos, sendo também importantes ferramentas na construção da ideia de nação e na formulação de identidades de classe, gênero, etnia, entre outras. (FORTES; MELO, 2010, p. 24)

Sobre o campo da cultura, o universo pugilístico configura-se entre um de seus mais frutíferos objetos de inspiração. Nas artes, por exemplo, literatura, cinema, videogames, fotografia são apenas alguns dos vários e diversificados meios a partir dos quais o boxe ou “nobre arte”, como esse esporte também é conhecido, serve como pano de fundo para a estruturação de toda uma trama e/ou jogabilidade. No entanto, o mesmo não acontece na História enquanto disciplina acadêmica. No excerto anterior, Fortes e Melo frisaram a intrínseca relação entre os esportes e uma série de dimensões (entre elas a cultural), mas isso não bastou para que, nas ciências humanas, temas relacionados aos esportes deixassem de permanecer repletos de hiatos, parcialmente explorados ou quase exclusivamente voltados para o futebol. No Brasil, o senso comum poderia induzir-nos ao engano de considerar o futebol como sendo o seu mais relevante (ou, talvez, o único a sê-lo). De fato, o futebol é bastante popular, mas não podemos deixar de reconhecer que ele

¹ Aquele mesmo tipo de luta praticado por Adilson “Maguila” Rodrigues, Acelino “Popó” de Freitas, Muhammad Ali e Rocky Balboa, o fictício protagonista da franquia Rocky: um lutador

representa apenas um elemento dentro do complexo arcabouço esportivo brasileiro. Assim (e ainda falando em cultura), a fim de chamar atenção para possibilidades de estudos referentes aos esportes (e não somente ao futebol), chamo a atenção para o seguinte excerto:

Tirando as trocas de socos, comuns no seu modo de vida, [Tom King] nunca ferira ninguém. E jamais fora visto puxando briga. Era um profissional, e toda a disposição brutal de que dava mostras se limitava às suas apresentações profissionais. Fora do ringue, era um homem lento, de natureza dócil e, na juventude, quando ganhava muito dinheiro, foi mais mão-aberta do que deveria. Não guardava rancor e tinha poucos inimigos. Para ele, lutar era um negócio. No ringue, golpeava para ferir, golpeava para incapacitar, golpeava para destruir; mas sem animosidade. Era sua proposta de negócio. Plateias se reuniam e pagavam pelo espetáculo de dois homens derrubando-se a socos. (LONDON, 2013, p. 96)

Esta é uma pequena parte de um famoso conto sobre pugilismo e, desde já, informo ao leitor que não será a última vez que farei emprego da literatura para deslanchar meu raciocínio. Análises literárias não constam entre meus objetivos e seus empregos aqui terão funções unicamente narrativas. Pois bem, no último trecho consta uma breve descrição do perfil de um personagem de um dos contos do escritor californiano Jack London. De acordo com ele, o boxeador Tom King demonstra-se extremamente profissional (esportivamente falando) ao restringir todo o seu potencial de brutalidade física aos ringues. Aparentemente, esse personagem encontra-se a par das normas de conduta que regem a realidade fictícia na qual ele está inserido (por mais estranho que isso soe). Refiro-me à aversão popular pela violência gratuita que, de acordo com Norbert Elias, vem crescendo e sofisticando-se conforme o passar dos anos na sociedade contemporânea ocidental (ELIAS, 1994). Elias, todavia, não acredita que a extinção da violência seja generalizadamente almejada, muito pelo contrário. O que ele defende, na verdade, é que a aceitação da violência veio se tornando cada vez mais criteriosa. Grosso modo, é como se houvesse “local e hora” para tal. Reflitamos sobre o caso do boxe: no Brasil, praticá-lo num local público, sem equipamentos adequados, métodos e regras provavelmente provocaria alvoroços e acarretaria num processo por crime de lesão corporal (BRASIL, 1940) ao passo em que, numa academia, sob o pretexto de um evento esportivo, iria se configurar como prática desportiva legal.

Eis um dos pontos aos quais intentava chegar: a relação histórica entre violência e boxe. No primeiro capítulo desta dissertação – no qual também são

estabelecidas reflexões sobre o estado da arte e algumas possibilidades de estudo concernentes à História do Esporte –, todo um tópico foi dedicado à relação entre violência e as práticas pugilísticas, mas parece-me necessário salientar desde já a impossibilidade conceitual de se separar esses dois elementos. É por isso que, como será demonstrado, várias das representações pugilísticas captadas fotograficamente encontram-se elas próprias, e de diferentes formas, associadas à violência. Isso se dá porque no boxe o que está em jogo é justamente a subjugação do adversário por meio de golpes que podem ser desferidos unicamente com os punhos. Ou seja, esse esporte ampara-se em violências do tipo física (devido aos golpes) e simbólica (também devido à busca pela subjugação de outrem).

Diferentemente de um simples exercício de identificação “é/não é violento”, retomo a oração que inicia o parágrafo anterior e volto a destacar que, por meio desta pesquisa, o que é almejado é a problematização dos elementos mencionados por meio de uma coleção de fotografias que retratam lutas, lutadores ou eventos de boxe, se não londrinenses, ao menos relacionados ao município de Londrina, o que nos leva a outro importante ponto: a coleção como uma (tentativa de) construção de memória. Voltarei a tratar dela, mas antes pretendo discorrer sobre o início desta pesquisa assim como sobre algumas das fontes que a fundamentaram.

Enquanto na condição de graduando, iniciei-me nos estudos voltados para a prática do boxe em Londrina (MICALI JÚNIOR, 2014), adquiri no Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH) da UEL uma série de matérias periódicas microfilmadas sobre o tema, participei dos treinos realizados na Escola de Boxe do Londrina Esporte Clube (LEC) e nela coletei uma série de entrevistas com indivíduos ligados a esse esporte. Alguns deles são frequentadores daquela academia², outros não. A partir de então, também passei contar com fontes de estudo periódicas e orais e, buscando ser mais específico quanto a esses documentos, ressalto que todas aquelas que foram empregadas ao longo desta pesquisa são algumas das fotografias que compõem a mencionada coleção³; trechos de entrevistas realizadas por mim com os professores de boxe da Escola de Boxe do LEC, ex-policiais que praticaram o mesmo esporte na Academia da RP e

² Ao longo do texto, a Escola de Boxe do LEC será tratada tanto por escola quanto por academia, uma vez que, neste caso, os termos funcionam como sinônimos.

³ As fotografias pertencentes à coleção aqui estudadas encontram-se circunscritas às décadas que vão de 1970 a 2000. As de 1960 não serão abordadas, pois elas são apenas duas e nelas estão representadas cenas que se passaram no Rio de Janeiro e não concernem ao boxe.

um ex-pugilista londrinense que foi campeão em diferentes categorias; além de alguns microfilmes de matérias periódicas do Folha de Londrina concernentes ao boxe e que estão circunscritos às décadas de 1970 e 1990.

Voltarei a tratar destes dois últimos tipos de fonte ao longo do segundo capítulo, no qual também serão abordadas as academias onde atuou o treinador Miguel de Oliveira⁴, os espaços esportivos municipais além da contextualização da prática do boxe em Londrina ao tomar a cidade como um fruto das intencionalidades de seus cidadãos – funcionando, portanto, como uma ferramenta (MENESES, 2004). Já nesta parte introdutória, ressaltarei aquilo que entendo por cada uma delas. Sobre a história oral, entendo-a como “[...] uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea [...]” que consiste “[...] na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente” (ALBERTI, 2008, p. 155). Desta maneira, é possível entrevistar indivíduos de forma a coletar seus relatos e buscar uma melhor compreensão de suas lembranças e experiências.

Já com relação ao estudo de fontes periódicas, tive em vista que

Os diversos materiais da Imprensa, jornais, revistas, almanaques, panfletos, não existem para que os historiadores e cientistas sociais façam pesquisa. Transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico. Trata-se de entender a Imprensa enquanto linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e particularidades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258)

Enfim, apesar de cada tipo de fonte contar com suas respectivas particularidades, elas compartilham de uma característica que sempre lhes é comum: há intencionalidade(s) por trás de suas construções. Nesta pesquisa, fiz uso de fontes orais, periódicas e, principalmente, fotográficas. Falarei mais sobre fontes fotográficas no terceiro e último capítulo, onde me aprofundarei nas peculiaridades por trás do seu uso por parte do historiador. Ainda, é neste mesmo capítulo que será

⁴ Fundador da atual Escola de Boxe do LEC, entusiasta do esporte e técnico de pugilismo que, por muitos anos, foi responsável pelas equipes de boxe de Londrina e do Paraná, tanto em torneios de âmbito regional quanto nacional e internacional. Também é digno de nota que, coincidentemente, há um lutador brasileiro de boxe com o mesmo nome. É importante que ambos não sejam confundidos.

analisada a coleção de Miguel de Oliveira sob duas perspectivas: 1) a mencionada (tentativa de) construção de uma memória ligada à prática do boxe em Londrina; 2) as fotografias enquanto fontes para o estudo da representação pugilística e a sua relação para com a violência. Para melhor atender ao intuito desta última perspectiva, aquelas fontes imagéticas foram organizadas em seis categorias de forma a tornarem-se mais claros alguns dos momentos-chave dentro do universo pugilístico. São eles: 1) o treino; 2) a propaganda da luta e, conseqüentemente, dos próprios lutadores; 3) o momento “pré-luta” no qual o árbitro dita as últimas recomendações aos combatentes; 4) a luta propriamente dita; 5) o fim da luta e/ou o último soar do gongo; 6) o momento de anúncio e consagração do vencedor; que foram trabalhados, respectivamente, nas seguintes categorias: 1) Treinos: o dia-a-dia pugilístico; 2) En garde!: desafio e auto-propaganda; 3) Pré-luta: recomendações, cumprimento e encarada; 4) Nobre arte: esgrima com os punhos; 5) Soa o gongo. É o fim da luta; 6) Anúncio do(s) vencedor(es): louros e lágrimas.

Retomando as mencionadas aulas de boxe, foi durante elas que passei a conhecer a existência da coleção de fotografias que pertencia ao falecido fundador, que foi um dos mais importantes entusiastas deste esporte na cidade e seu entorno, por sinal. Guardadas em um saco plástico preto, daqueles comuns de lixo, aquelas fotografias permaneceram pessimamente acomodadas por anos até que, em fins de 2015, eu as higienizei e acomodei com a finalidade estudá-las. Enquanto ainda as analisava de forma prévia, descobri que a coleção era composta por 706 peças datadas entre 1960 e 2000. Quanto aos locais nelas retratados, são os mais diversos, desde singelas academias de boxe em Londrina até grandes núcleos urbanos e seus robustos centros esportivos. O teor das fotografias não me representou um mistério, afinal, elas pertenceram a Miguel de Oliveira que, ao longo das décadas que compuseram sua carreira esportiva, viajou pelo Brasil em função de eventos, competições e torneios ligados ao esporte, principalmente ao boxe. Desde o início, portanto, era de meu conhecimento a quem pertenciam às fotografias, o contexto de sua produção e, ao menos, algumas das intencionalidades por trás de sua produção, afinal, é muito improvável que um entusiasta viesse a produzir, coletar e armazenar material que porventura viesse a depreciar ou desvalorizar seu ofício.

Em 2009 Miguel de Oliveira faleceu, aos 66 anos, vitimado pelos efeitos colaterais de um transplante de rins. A partir de então, sua antiga coleção passou a

pertencer aos atuais dirigentes da mencionada escola de boxe. São eles quem me permitiram o acesso à coleção e é por meio dessa mesma fonte (até então obscura) que retomo os estudos voltados para a História do Esporte. Sobre esta área, assim como qualquer outra ela vem acompanhada de uma série de desafios teórico-metodológicos que lhe são “intrínsecos”. A sua, nesse momento, talvez também diga respeito ao fato de permanecer bastante lacunar e pouco consolidada enquanto disciplina acadêmica. Já com relação às fontes de estudo referentes ao campo em questão, Leonardo Brandão, um dos poucos historiadores brasileiros que investigam o esporte e sua prática, ressaltou que há uma abundante e diversificada disponibilidade delas, apesar de raramente encontrarem-se organizadas e dispostas em arquivos, acervos ou centros de documentação (2010a). Àqueles inclinados aos estudos voltados a essa área, portanto, é importante que tenham em mente que os papéis de historiador e de detetive-investigador muitas vezes se entrecruzam, afinal, serão necessários o emprego de metodologias de análise pouco exploradas, a realização de coletas de entrevistas, a seleção de matérias periódicas e/ou a busca por fotografias cujo acesso, via de regra, não é precedido por consultas catalográficas.

Até aqui empenhei-me em discorrer sobre a História do Esporte e suas práticas, o objeto de estudo da presente pesquisa, o referencial teórico-metodológico empregado além dos motivos que me levaram a identificar um elemento que pode contribuir para com a História. Já de agora em diante até o fim deste tópico introdutório, minha escrita abrangerá a atual situação da Escola de Boxe do LEC. Também realizarei um breve exercício de análise envolvendo duas fotografias. A finalidade deste último será oferecer ao leitor uma prévia daquilo que será encontrado no quarto e último capítulo, no qual é realizado, de fato, o exercício que concerne à análise de fontes.

Iniciemos pela escola de boxe. Enquanto seção do clube poliesportivo Londrina Esporte Clube, essa academia se localiza hoje sob as arquibancadas do estádio Vitorino Gonçalves Dias (VGD), que fica situado no município de Londrina, localizado ao norte do estado do Paraná. No mesmo espaço ocupado por ela coexiste a Federação Paranaense de Pugilismo (FPP), que é a única federação esportiva paranaense associada à Confederação Brasileira de Boxe (CBBoxe). Portanto, ao nos ocuparmos daquela coleção de fotografias, tratamos não apenas de registros fotográficos amadores concernentes a uma academia em específico,

mas também à FPP⁵. Ressalto que a condição de seção de um clube poliesportivo e a coexistência com uma federação esportiva representam relevantes informações para nossa análise fotográfica, afinal, em uma pesquisa histórica não se pode analisar um esporte em particular de forma independente do campo no qual ele está ou não inserido. “É preciso pensar o espaço das práticas esportivas como um sistema no qual cada elemento recebe seu valor distintivo” (BOURDIEU, 2004, p. 208). Em outras palavras, faz-se necessário compreender o campo⁶ ocupado por determinado esporte dentro do universo esportivo, o qual, diga-se de passagem, também não constitui um espaço autônomo, como se fosse uma ilha isolada no oceano. Ainda inspirado na metáfora envolvendo a ilhazinha, acredito ser possível melhor refletir sobre a Escola de Boxe ao tomá-la como uma parcela de algo maior, ou uma parte do continente. Como já destacado, aquela escola encontra-se associada à FPP, que por sua vez está associada a CBBoxe, que por sua vez está associada ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB), que por sua vez está associado ao Ministério dos Esportes e assim por diante, alcançando em determinado momento escalas à nível intercontinental.

No parágrafo anterior mencionei vários níveis de relação, mas nessa seção introdutória me ocuparei apenas daquela que abrange a Escola de Boxe e a FPP. A fim de ser mais claro quanto à relação entre estas e as fontes fotográficas que analisaremos adiante, chamo a atenção para a imagem a seguir:

⁵ A FPP e a Escola de Boxe funcionam num mesmo espaço e são dirigidas pelas mesmas pessoas desde 1994.

⁶ Pierre Bourdieu definiu o campo artístico como um “espaço de relações objetivas em referência aos quais se acha objetivamente definida a relação entre cada agente e a sua própria obra” (BOURDIEU, 1989, p. 71). Quando fazemos uso dos conceitos de *espaço* e *campo*, portanto, nós nos referimos ao espaço de relações sociais.

Imagem 1 – Miguel de Oliveira e seu pupilo participando do Campeonato Brasileiro de Novos de 1981.



Fonte: Coleção da Escola de Boxe do LEC/ FPP. Fotografia desconhecida, 1981. 1 fot., 9,89x15 cm.

Exclusivamente neste momento não serão problematizadas as representações pugilísticas e nem será explorada a sua relação para com a violência. Na verdade, por meio das figuras 1 e 2 buscarei sensibilizar o leitor quanto à importância do processo de identificação de elementos definidores do espaço social ocupado pelo boxe londrinense dentro do universo esportivo. Isto posto, atentemo-nos à imagem 1. Nela estão retratados Miguel de Oliveira (à direita) e seu pupilo. O nome deste nos é desconhecido. O ano é 1981 e o Campeonato Brasileiro de Novos desenrola-se em São Paulo, capital⁷. É possível notar que ambos os indivíduos centralizados nessa imagem portam uniformes azul-celeste e, ao prestar ainda mais atenção, é possível identificar o escudo do LEC estampado no centro de seus tórax.

⁷ Estas informações estão contidas no verso da fotografia.

Imagem 2 – Régis Ferreira vence José Nilton Soares no Palácio do Futebol em Londrina.



Fonte: Coleção da Escola de Boxe do LEC/FPP. Fotografia desconhecido, 1999. 1 fot. 10,16x14,98 cm.

Na imagem 2 o mesmo se repete. O lutador da esquerda, competindo pelo Pirituba⁸, é José Nilton Soares e o da direita, vencedor da contenda e competindo pelo LEC, é Régis Ferreira. Tanto a identidade do árbitro quanto a competição em questão nos são desconhecidas, mas sabemos que o evento se passa em outubro de 1999 e a peleja se desenrola no Palácio do Futsal⁹, que fica localizado em Londrina.

Como é possível visualizar, o árbitro segura os punhos de ambos os lutadores embora eleve somente o de Ferreira. Isso significa que a vitória foi conquistada por ele, mas é impossível dizer como ela se deu¹⁰. Ferreira veste calções e regata nas cores branca e azul-escuro, que são as mesmas cores do LEC. Em seu peito as estampas não estão claras com exceção de uma: a do mesmo clube, localizada no centro de seu tórax. As cores de um escudo esportivo não mudam, mas as dos uniformes sim. Haja visto as dos times de futebol. Sejam os times seleções

⁸ Refere-se à equipe de boxe da academia Pirituba, do distrito de Pirituba, São Paulo.

⁹ Essas informações também estão contidas no verso da fotografia.

¹⁰ No boxe são vários os critérios de vitória. Pontuação, nocaute, nocaute técnico e desistência constam entre os mais comuns. Para maiores informações, vide as regras técnicas contidas no tópico “Regulamento” do portal eletrônico da CBBOXE.

nacionais ou clubes particulares, eles frequentemente entram em campo vestindo novos *designs*, cores ou símbolos de novos patrocinadores. Agora chamo a atenção para o seguinte: da mesma forma que na primeira imagem, na segunda também há a relação entre o LEC e as academias de Miguel de Oliveira, que é evidenciada por meio do compartilhamento de símbolos que, nesse caso, estão presentes nos uniformes do técnico e dos lutadores. Isso se dá, pois o LEC é um clube poliesportivo e há uma parceria firmada entre ele e as academias de Miguel desde 1980 que perdura até hoje (LONDRINA ESPORTE CLUBE, s/d).

Embora não seja uma característica estritamente sua, o boxe é um esporte dado a ser visto¹¹. Logo, patrocínios, símbolos, posições corporais, enfim, uma miríade de diferentes tipos de informações nos é representada pelos mais diversos meios. Por intermédio das cores e dos símbolos presentes nas roupas do lutador, é possível identificar sua filiação, categoria além dos patrocinadores que investem em sua carreira. Já na prática pugilística propriamente dita, encaradas, exposição da musculatura, posição dos braços, ombros, pés e mãos são elementos que compõem uma *léxis* cuja compreensão é essencial para que problematizemos determinadas representações pugilísticas. Não seria pertinente aprofundar-se nessas discussões aqui, mas em suma, o que quero dizer é que por trás daqueles elementos aparentemente tão simples há uma profusão de componentes passíveis de aprofundados e diversificados estudos.

Sobre aquelas possibilidades, é interessante a forma como o conceito bourdiano de campo possibilita-nos ferramentas voltadas para a pesquisa na história dos esportes e suas práticas, afinal, nessa área do conhecimento suas respectivas importância e possibilidades de estudo circunscrevem-se em uma complexa teia de inter-relações sociais. Para além da identificação de elementos concernentes ao universo pugilístico e da relação entre Escola de Boxe e o LEC (que acreditamos representar um dos indicadores referentes ao espaço ocupado ou não pela escola

¹¹ Apesar da aparente simplicidade/obviedade desta afirmação, chamamos a atenção para a complexidade por trás do ato de colocar algo à mostra. Por que, quando, onde e como esse algo é mostrado? Cada uma dessas questões podem nos levar a um processo investigativo que está relacionado às intencionalidades que motivaram aquela ação. Da mesma forma que os lutadores de boxe, jogadores de futebol também exercem seu ofício de forma a serem vistos, mas estariam todos eles “mostrando-se” da mesma maneira? De acordo com Chartier, “As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (CHARTIER, 1990, p. 17). Enfim, ao sabatinarmos a prática/mostra pugilística, também devemos nos ater aos interesses daqueles que a motivaram e possibilitaram.

de boxe no universo esportivo local), também se faz necessário o estabelecimento de propriedades socioculturais que constituam paralelos entre os indivíduos e/ou grupos sociais específicos e suas respectivas transformações e/ou permanências ocorridas ao longo do tempo para que o estudo da história do boxe e sua prática sejam de fato dotados de historicidade. Dessa forma, e a fim de melhor recortar o presente objeto de investigação (e também almejando maior clareza para nossos argumentos), pautamo-nos nos seguintes questionamentos: como se dão as representações pugilísticas na coleção fotográfica em questão? É possível o estabelecimento de relações para com o conceito de violência? Levando em conta a temporalidade quinquagenária daquela coleção, é possível identificar transformações e/ou permanências relacionadas às representações que se encontram nela contidas? ¹²

Finalmente, para uma melhor investigação das questões presentes no fim do parágrafo anterior, primeiro faz-se necessário o aprofundamento tanto no conceito de violência quanto em discussões concernentes às representações pugilísticas. O que são, no que consistem, como se dão e de que forma são ou não identificados em imagens são perguntas que poderiam, isoladamente, gerar discussões particularmente extensas. Assim, tenderemos a manter esta investigação circunscrita à história londrinense do boxe por meio de fontes fotográficas, periódicas e orais e girando em torno de, principalmente, quatro propriedades: prática do pugilismo em Londrina, representações pugilísticas, violência e imagens fotográficas.

¹² Aqui cabe uma ressalva. Não abordaremos a relação entre representações pugilísticas, violência e os atos praticados fora dos ringues e/ou dos treinos, como no caso das conturbadas brigas entre fãs/espectadores cujos ânimos “incendiam-se”. Nosso recorte de estudo contempla os lutadores e suas respectivas equipes em situações esportivas e regulamentadas. Ou seja, tratamos de treinos, competições profissionais ou não, recebimento de prêmios, propaganda esportiva, etc.

1. SOBRE AQUILO QUE JÁ FOI FEITO E OUTRAS POSSIBILIDADES ESTUDO

Em 2006 e 2007, devido ao crescente número de grupos de pesquisa interessados na história dos esportes cadastrado no diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) a Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH) solicitou àquela que incluísse a “especialidade História do Esporte em uma tabela de área de conhecimento” (FORTES; MELO, 2010, p. 23), mas isso não aconteceu. Devido às suas escassezes bibliográfica e referencial teórico-metodológico, na História do Esporte ainda há muito que se fazer, e para que melhor a compreendamos como potencial especialidade serão investigadas suas possibilidades e limitações ao passo em que serão pinceladas as transformações sofridas pela sua historiografia ao longo do último século. Assim será feito, pois devido ao significativo e crescente interesse pelos esportes como objetos de estudo pareceu plausível estabelecer uma relação entre essa potencial especialidade e as próprias reformulações historiográficas do século XX.

Uma série de novos problemas, abordagens e objetos passaram a fazer parte do cânone historiográfico a partir da década de 1970, tendo o movimento que ficou conhecido como História Nova assumido o papel de “catalisador” em um processo que culminou no enriquecimento do campo de atuação do historiador. Dessa forma, multiplicou-se (aos historiadores) o número de objetos de investigação passíveis de estudo e interessantes à área e, dentre eles, os esportes e suas práticas (CARATTI, 2012). Há de se ressaltar, no entanto, que não houve uma revolução historiográfica repentina e surgida do nada. O que houve, na verdade, foi um processo gradual que atravessou grande parte do século XX e continua efervescente.

Não somente no campo da História, mas também em diferentes áreas das Ciências Humanas e Sociais, ainda existem hiatos, por exemplo, em questões referentes aos esportes os quais, de acordo com Leonardo Brandão, somente há pouco

[...] foram considerados objetos da história ou dignos de interesse do historiador. Até bem pouco tempo atrás seria muito difícil escrever um texto científico em história sobre esportes, processos de esportivização ou institucionalização de práticas corporais. Não que faltassem fontes, o que não havia era a concepção, hoje já bem mais fortalecida, de que o esporte ultrapassa o mero jogo das atividades

físicas e pode, assim como as artes plásticas, a literatura, o teatro, o cinema etc. contribuir para uma melhor compreensão cultural e histórica das sociedades. (BRANDÃO, 2010a, p. 202)

Neste trecho Leonardo Brandão levantou três importantes tópicos referentes àquele tipo de pesquisa: disponibilidade de fontes, possibilidades de estudo e a juventude que caracteriza o campo. A seguir discutiremos mais sobre cada um deles.

Iniciemos pela disponibilidade de fontes. No trecho anterior Brandão sugeriu que o número de fontes disponíveis é suficiente. Por outro lado, seria imprudente afirmar a existência de uma vasta e bem organizada gama daquela. De acordo com Victor Andrade de Melo e Rafael Fortes

No cenário nacional, temos usado como fontes, majoritariamente, documentos e periódicos. Há ainda um grande desafio: a dificuldade de acessar material diferenciado em função da pouca organização de nossos arquivos, tanto das hemerotecas quanto das próprias entidades esportivas. (FORTES; MELO, 2010, p. 30)

Ainda,

Outro desafio que deve ser assumido pelos pesquisadores é o uso de fontes de diferentes naturezas, buscando ampliar os olhares sobre o esporte: filmes, fotografias, obras de artes plásticas, memórias, obras literárias, peças dramáticas (teatro e dança), material publicitário, músicas, blogs. (FORTES; MELO, 2010, p. 31)

Fontes, portanto, estão à disposição do pesquisador. No entanto, é necessário ampliarmos nossos olhares para a História do Esporte. Jônatas Marques Caratti, por exemplo, acredita que “[...] pode-se dizer que somente a partir da década de 1970, na França, com a revolução historiográfica [...] é que o desporto tornou-se atraente” (CARATTI, 2012, p. 512). O esporte e sua prática enquanto objeto para a História, entretanto, não se popularizou como um todo. Citando Fortes e Melo novamente,

[...] houve um tempo em que falar em história do esporte no Brasil praticamente significava falar da história do futebol [...] O quadro está mudando alvissareiramente, mas permanecem numerosos os temas, modalidades esportivas e práticas corporais que requerem maior atenção e investimento dos historiadores brasileiros. Aliás, mesmo no que se refere ao futebol, poderíamos diversificar as investigações. Um exemplo é o caso dos clubes pequenos, ainda pouco estudados. (FORTES; MELO, 2010, p. 31)

O campo da História do Esporte apresenta-se de forma bastante “jovial”, passível de uma série de diversas e empolgantes possibilidades de estudo. Partindo desse pressuposto, torna-se digno de nota que os esportes (passíveis de diferentes apropriações) podem significar mais do que *hobbies* e/ou passatempos. Ao discorrer sobre usos e consumos de bens culturais, Michel de Certeau atentou-se para a não passividade a partir da qual as práticas, ideias, valores e produtos são apropriados e ressignificados por parte dos anônimos sujeitos do cotidiano. Aqueles não necessariamente serão empregados conforme suas pretensões “originais” (CERTEAU, 1998; SOUSA FILHO, 2002) e, para que sejamos mais claros, foi selecionada uma das falas do historiador Flávio de Campos que, em entrevista concedida à Folha de São Paulo, afirmou que os esportes se constituem em

[...] uma questão de extraordinária importância para a pesquisa acadêmica. Uma chave interpretativa extremamente fecunda para a análise das mais diversas formações sociais [...] parece-me difícil compreender a sociedade brasileira negligenciando o papel desempenhado pelo futebol e suas mais diversas expressões ao longo dos últimos cem anos. (SCWARTZ, 2004, s/p)

Ainda, ressaltamos aquilo que entendemos por esporte:

[...] todas as formas de atividades físicas que, por meio da participação casual ou organizada, objetivam expressar ou promover a forma física e o bem estar mental, formando relações sociais ou obtendo resultados em competições de todos os níveis. (MUSSINO 2002 apud DACOSTA, s/d, p. 19)

Feitas aquelas considerações, agora parece importante salientar que estudar o esporte a fim de melhor compreender o meio no qual ele se encontra circunscrito não é nenhuma novidade, embora sejam iniciativas fragmentárias que ainda não constituem um campo. Em 1947 o jornalista Mario Filho publicou *O negro no futebol brasileiro*, obra na qual discutiu “Miscigenação, harmonia social, identidade coletiva [...]” (HAAG, 2014, p. 5) a partir de um claro diálogo com Gilberto Freyre naquilo que concerne ao procedimento de formação da nacionalidade brasileira associada ao processo de miscigenação (FORTES; MELO, 2010; HAAG, 2014). Outros pesquisadores como Inezil Penna Marinho (1956) e o próprio Gilberto Freyre (1938) também já haviam escrito sobre o futebol brasileiro, no entanto seus escritos e os de

seus contemporâneos¹³ apresentam forte teor militante, ou seja, “[...] a história servindo para provar e legitimar posições previamente estabelecidas; a preocupação exacerbada com o levantamento de datas, nomes e fatos [...]” (FORTES; MELO, 2010, p. 19). Assim, apesar de contarmos com obras referentes à História do Esporte carecermos de trabalhos melhor embasados teórico-metodologicamente do ponto de vista da História-problema.

Ainda com relação àquela escassez referencial, Peter Burke, ao investigar “práticas” enquanto atuais paradigmas para a historiografia, afirmou que

[...] a história do esporte, que antes era tema de amadores, tornou-se profissionalizada, um campo com suas próprias revistas, como *Internacional Journal for the History of Sport* [...] Paradoxalmente, a história das práticas é uma das áreas dos escritos históricos recentes mais afetadas pela teoria social e cultural. Na perspectiva das práticas, Norbert Elias, cujo interesse pela história das maneiras à mesa parecia excêntrico há pouco tempo, agora está solidamente inserido na corrente principal das ideias. O trabalho de Bourdieu sobre a distinção inspirou muitos estudos a respeito da história do consumo, enquanto a ideia de Foucault sobre uma sociedade disciplinar em que eram adotadas novas práticas para reforçar a obediência foi adaptada para estudar outras partes do mundo. (BURKE, 2005, p. 78-79)

A partir da leitura dessa mesma obra de Peter Burke, Leonardo Brandão deduziu que

[...] muitos historiadores europeus passaram a estudar com maior intensidade as manifestações esportivas a partir das contribuições teóricas de alguns pensadores, em especial as de Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Mikhail Bakhtin e Norbert Elias. As obras desses quatro estudiosos, somadas as contribuições do historiador Roger Chartier à historiografia, sobretudo suas elaborações complementares as noções de “práticas” e “representações”, propiciaram novos caminhos a serem trilhados na constituição desse domínio histórico. (BRANDÃO, 2010b, p. 69)

Brandão apresentou-nos cinco autores cujas pesquisas não se voltam especificamente ao estudo do esporte e sua prática, mas que as abrangem e, portanto, são fundamentais para a possibilidade de se estabelecer um diálogo interdisciplinar entre esporte e as outras ciências. Dentre aqueles, conferimos destaque aos trabalhos de Pierre Bourdieu e Norbert Elias. Aquele, devido à sua teoria de campo por meio da qual é possível investigar os esportes enquanto

¹³ Há vários outros trabalhos, como os de Fernando de Azevedo (1920), José Lins do Rego (2002), Laurentino Lopes Bonorino (1931) e Tenório D’Albuquerque (1939).

espaços relativamente autônomos, mas que também estão sujeitos às forças que se aplicam não somente a eles; e este, cujos pressupostos são de fundamental importância para uma melhor compreensão do desenvolvimento das atividades esportivas a partir do refinamento de condutas e do autocontrole nas relações sociais.

Finalmente, neste tópico foi discutida a relação entre o aprimoramento da História-problema (que é um dos frutos das reformulações historiográficas do século XX) e o conseqüente surgimento de “solo fértil” para os mais diferentes tipos de objetos de pesquisa para as ciências humanas. Os esportes e suas práticas são alguns desses exemplos. Ainda bastante lacunar, o campo do conhecimento que os engloba vem crescendo, apesar dos seus vários hiatos remanescentes. No entanto, não há escassez de fontes. Muito pelo contrário. O que há é uma não consagração da História do Esporte enquanto especialidade acadêmica, e alguns dos reflexos referentes a isso são uma série de ausências naquilo que concerne à disponibilidade de arquivos documentais organizados e referenciais teórico-metodológicos mais numerosos e mais bem definidos. Nesse quesito, são os sociólogos e os filósofos os que mais se debruçaram sobre o tema, fornecendo a nós, pesquisadores do campo histórico, conceitos e “panos de fundos” por meio dos quais é-nos possibilitada a realização de estudos e investigações, apesar de raramente existirem discussões voltadas especificamente para os esportes e suas práticas.

1.1 VIOLÊNCIA E SUA ABRANGÊNCIA CONCEITUAL

Em seu *O que é a violência* o filósofo brasileiro Nilo Odália adverte-nos de que seu objeto de estudo não “está dado”, ou seja, ele não é evidente por si só e, inclusive, algumas de suas manifestações são tão sutis e bem manejadas que acabam passando “por condições normais e naturais do viver humano” (ODÁLIA, 1983, p. 85). Peter Burke oferece-nos bons exemplos disso ao discorrer sobre o emprego da violência enquanto mantenedora das diferenças e, conseqüentemente, gerenciadora de identidades. Citaremos um exemplo. Houve uma ocasião na qual esse mesmo autor destacou a aversão de alguns russos setecentistas à popularização do tabaco e da pintura aos moldes holandeses em seu meio. “Os tradicionalistas denunciaram ambos, o fumo como ‘o incenso do diabo’ e o novo

estilo de pintar como irreligioso” (BURKE, 2009, p. 168). Diante disso, surgiram-nos algumas questões. Como se dá, naquele caso, a manifestação da violência? No rechaço às novidades por parte de um grupo tradicionalista ou na ameaça contra um “*status quo* cultural”? Seriam ambos os casos? Seja como for, esse exercício de identificação revela-se uma tarefa e tanto. A definição de “violência”, então, não poderia deixar sê-la.

Ao longo deste tópico buscaremos chamar a atenção do leitor para a relação entre a violência, o boxe e suas representações, ligação esta que aparentemente é identificável por meios dos gestos, poses e símbolos que estão/estiveram presentes na prática do pugilismo ao longo da história. Para tanto, iniciaremos clarificando a própria etimologia da palavra *violência*:

Tendo surgido no início do século XIII em francês, a palavra “violência”, que deriva do latim *vis*, designando a “força” ou o “vigor”, caracteriza um ser humano com um caráter colérico e brutal. Ela define, também, uma relação de força visando a submeter ou a constranger outrem. Nos séculos seguintes, a civilização ocidental lhe conferiu um lugar fundamental, seja para denunciar profundamente seus excessos e chamá-la de ilegítima, lembrando que a lei divina proíbe matar outro homem, seja para lhe dar um papel positivo, eminente, e caracterizá-la como legítima, para validar a ação do cavaleiro, que derrama o sangue para defender a viúva e o órfão, ou tornar lícitas guerras justas mantidas pelos reis cristãos contra os infiéis [...] (MUCHEMBLED, 2012, p. 7)

Aquilo que foi escrito pelo historiador Robert Muchembled, apesar de situar-se num contexto europeu medieval, parece sintonizado com a contemporaneidade. A partir do último trecho, pareceu-nos irresistível imaginar a “substituição” daqueles cavaleiros e reis por modernos atores sociais, como lutadores de boxe, por exemplo. Retornando ao excerto anterior, Muchembled dizia que violência tem a ver com demonstrações de força e vigor que podem ser direcionadas de forma legítima ou não contra algo ou alguém. No caso dos pugilistas, isso se dá de inúmeras maneiras e as historicizações destas formas nos interessam.

E por falar em multiformidade,

Visto a violência ser um fenômeno complexo, sua análise, hoje, não pode mais se restringir ao aspecto moral de relações diretas e nem mesmo a alguns aspectos da economia, da política ou da sociologia. Ela atinge a totalidade da vida humana. Por isso, necessário se torna um estudo interdisciplinar, pois cada ciência poderá, direta ou indiretamente, contribuir para a compreensão da problemática. Embora, a rigor, a violência não pertença a nenhum campo

específico dos quadros científicos. Como ato humano, poderá ser estudada por qualquer ciência. Evidentemente, cada uma a analisará segundo seus conceitos, princípios, objetivos e perspectivas. (CARAM, 1978, p. 13)

Cientes daquele teor interdisciplinar, pesquisadores como Michel Foucault, Fátima Regina Cecchetto, Luiz Henrique de Toledo ou os já mencionados Odália, Caram e Muchembled atentaram-se à pluralidade que caracteriza a violência. “Violências”, portanto, manifestam-se de diferentes maneiras e configuram-se em diferentes categorias, seja pelo meio religioso, social, político, revolucionário além de inúmeras outras e suas respectivas subcategorias. Investigá-las mais a fundo não nos interessa, então manteremos esta pesquisa voltada (mas não restrita) a uma instância em especial: a esportiva. Ao que tudo indica, manifestações violentas dentro do universo esportivo podem acontecer em dois níveis: física e simbólica. Tratemos primeiro desta e, para tal, recorreremos a Odália uma vez mais. Destacamos aquilo que, para ele, foi tido como um “caminho”, uma “pequenina chama” por meio da qual é possível iluminar o tema em questão. Referimo-nos ao ato da privação.

Com efeito, privar significa tirar, despojar, desapossar alguém de alguma coisa. Todo ato de violência é exatamente isso. Ele nos despoja de alguma coisa, de nossa vida, de nossos direitos como pessoas e como cidadãos. A violência nos impede não apenas de ser o que gostaríamos de ser, mas fundamentalmente nos realizar como homens. (ODÁLIA, 1983, p. 86)

Bastante singelo, embora profundamente sofisticado, partir da relação entre violência e privação a fim de que sejam realizados estudos concernentes àquela em âmbito simbólico revela-se um método bastante interessante. No entanto, tendo como pano de fundo o conceito de violência simbólica¹⁴, categoricamente todo e qualquer esporte competitivo (como o vôlei, futebol e polo aquático) pode ser entendido como violento, afinal, por meio do(s) esporte(s) busca-se a vitória em detrimento de um oponente que será morto simbolicamente (CECCHETTO, 2004) ao

¹⁴ Por meio do estudo bourdiano, Alexandre Reis Rosa sintetizou o significado de violência simbólica da seguinte maneira: “a violência de caráter simbólico representa uma forma de violência invisível que se impõe numa relação do tipo subjugação-submissão, cujo reconhecimento e cumplicidade fazem dela uma violência silenciosa que se manifesta sutilmente nas relações sociais e resulta de uma comunicação cuja inscrição é produzida num estado dóxico [*doxa* significa “atitude natural da vida diária”] das coisas, em que a realidade e algumas de suas nuances são vividas como naturais e evidentes. Por depender da cumplicidade de quem a sofre, sugere-se que o dominado conspira e confere uma traição contra si mesmo (BOURDIEU, 1999 apud ROSA, 2007, p. 40).

ser relegado à condição de perdedor, sendo impedindo de ser aquilo que “gostaria de ser”, portanto; ou seja, um campeão, um vencedor. Assim, é possível tomar o boxe e suas representações como elementos tão simbolicamente violentos quanto qualquer outro tipo de esporte competitivo.

Com relação às manifestações físicas de violência, estas são mais bem investigadas por Fátima Regina Cecchetto, que é cientista social e doutora em saúde pública. Ela oferece aos seus leitores uma intrigante abordagem sobre a violência quando associada ao conceito de masculinidade ao passo em que também analisa casos deste tipo envolvendo jovens lutadores “brigões”, e ela o faz partindo do seguinte pressuposto:

Falar de um esporte ou de uma arte marcial associada à violência é falar do uso que alguns fazem de seus significados, pois está claro que o *pit boy*, um tipo de lutador de jiu-jitsu que age em bando, exibindo a brutalidade, não segue a filosofia da “arte da briga” à risca, tampouco adota como filosofia administrar o conflito e suas raízes. (CECCHETTO, 2004, p. 164)

Neste excerto Cecchetto sugeriu que a violência esportiva está diretamente ligada às formas como seus significados são empregados, estabelecendo aí um paralelo para com Muchembled: dependendo da(s) sua(s) forma(s) de uso, a violência pode ser legítima ou não. Seguindo essa linha de raciocínio, a luta esportiva pode ser percebida de forma mais ou menos brutal. Isso pode variar de acordo com a maneira como é praticada e, apesar de o ato de lutar contra alguém configurar-se de forma bruta, seu nível¹⁵ pode ser mais ou menos intenso, ou seja, ele é mensurável e, dependendo dos patamares que porventura vier a alcançar, poderá ser entendido como algo legal ou ilegal.

Cecchetto discorre sobre manifestações físicas de violência, mas ela não deixa de se ater às questões do simbólico. De acordo com ela, em suma há dois níveis de representação que são inferíveis por intermédio do estudo dos esportes de luta e suas práticas: física, por causa da exibição de brutalidade em níveis variados, e simbólica, devido ao “não seguimento” de uma filosofia pacifista implícita a determinados esportes de luta como o jiu-jitsu. De fato, sua análise volta-se

¹⁵ Não há um sistema de medidas unificado voltado para o cálculo da brutalidade. Existem códigos e leis penais que preveem aquilo que se configura como crime de agressão, é claro, mas isso não significa que a prática de determinada luta, mesmo que acordada com eles, necessariamente será entendida como legítima. Essa discussão está ligada à constituição da prática de lutas enquanto um campo ou não. Essa reflexão se encontra presente no terceiro capítulo desta pesquisa.

especificamente para o Jiu Jitsu, mas embora sejam escassas as semelhanças entre esse tipo de luta e o boxe, parece possível estabelecer-lhes paralelos. A fim de que sejamos mais claros trazemos a seguinte citação de Alexandre Fernandez Vaz: “o combate no boxe nada tem a ver com descontrole e brutalidade [...] É, antes, o momento de exhibir a técnica e domínio do gesto dos pugilistas” (VAZ, 2007)¹⁶. Essencialismos à parte, a fala de Vaz vai, de certo modo, ao encontro da de Cecchetto naquilo que toca a possibilidade de as práticas dos esportes de luta se ampararem em códigos e etiquetas reguladoras e é a isso que acreditamos ser possível estabelecer um *link* que estabeleça uma relação entre o boxe e o jiu-jitsu.

Apesar de o último excerto apresentar certo dogmatismo, ele também sugere uma representação curiosa devido ao posicionamento daquele que o profere. Nesse caso houve militância favorável em relação ao boxe, mas não podemos nos esquecer de que também existem discordâncias. Estas, no entanto, são apenas mais algumas das variadas formas de se perceber um mesmo objeto ou tema. Há ainda uma infinidade de outras maneiras. Em seu *Violência e estilos de masculinidade*, por exemplo, Fátima Regina Cecchetto apontou supostos desvios de conduta dentro do universo das lutas. A partir daquelas mesmas entrevistas, a pesquisadora foi capaz de identificar “casca-grossas” e “*pitboys*”, duas categorias de praticantes de lutas que foram elencadas a partir da seguinte perspectiva: de um lado estão os “bons” e “esforçados” praticantes de luta que seguem as regras (os casca-grossas), do outro estão os “maus” praticantes, aqueles que são brigões e usam daquelas técnicas para causar pantomimas em bares, nas ruas e promover confusões (que são os *pitboys*). Para além dos que consideram as violências esportivo-combativas legítimas ou não, há também aqueles que reconhecem nas próprias técnicas, independentemente das motivações que levam ao seu emprego, práticas virtuosas ou indecentes, ou seja, consideram-nas legitimamente violentas ou não independentemente da existência de um pano de fundo esportivo.

Por meio daquela análise é possível notar a existência de pressuposições que concernem a formas corretas e incorretas do emprego das técnicas de determinada luta esportiva, o que nos remete a uma das asserções levantadas por Zygmunt

¹⁶ Há de se ressaltar que, entre quaisquer práticas e costumes, formas de apropriação são tão numerosas quanto o número de pessoas (CERTEAU, 1996) que o fazem. Esportes, portanto, podem (e são) recorrentemente empregados com fins hostis, mas qualquer academia e/ou evento de lutas (assim como qualquer estabelecimento comercial e/ou promotora de eventos) que preze pela legalidade de suas atividades busca manter-se dentro dos conformes estabelecidos em lei.

Bauman. Por mais óbvio que soe, “podemos dizer o que é o ‘crime’ porque temos um código jurídico que o ato criminoso infringe” (BAUMAN, 2008, p. 74). Na citação anterior, Bauman buscava “destrinchar” as variadas percepções daquilo que representa(ria) o “mal” na sociedade líquido-moderna. Aprofundar-se nessa discussão não consta entre nossos objetivos, mas a fala do sociólogo nos é chamativa devido ao seguinte: ao ato de rotular é imprescindível a pré-existência de elementos definidores e comparativos. Trazendo aquela discussão para a presente pesquisa, é possível chegar à conclusão de que, figurativamente falando, “o código jurídico” mencionado por Bauman poderia ser representado pelo conjunto de regras estabelecido pela Association Internationale de Boxe Amateur¹⁷ (AIBA), que é a associação regulamentadora do pugilismo e sua prática em escala internacional e sob a qual a CBoxe está submetida¹⁸. A fim de proporcionar parâmetros ao leitor, ressaltamos que da mesma forma que as equipes de futebol (pelo menos as que prezam pela legalidade de seu funcionamento) estão submetidas aos critérios da Comissão Brasileira de Futebol (CBF)¹⁹, a CBoxe, demais federações estaduais brasileiras e academias também o estão para com a AIBA. O que é certo ou errado no boxe esportivo legalizado, portanto, é aquilo que se encontra previsto nas regras estipuladas pela mesma instituição.

Retomando a discussão envolvendo Cecchetto, seguindo sua lógica torna-se perceptível que, quando utilizadas para fins estritamente esportivos, as habilidades combativas passam a representar, além de teor artístico, “civildade”. Eric Dunning compartilha dessa perspectiva, pois chegou a afirmar que dentro do universo dos desportos “a violência é legítima no sentido de estar de acordo com as regras, normas e valores socialmente prescritos” (DUNNING, 1992, p. 330). Ele assim o afirmou tendo em vista o processo civilizatório descrito por Norbert Elias, que vê nas lutas esportivas frutos daqueles mesmos procedimentos (1992; 1994), mas é importante salientar que mesmo regulamentadas e rigidamente acordadas com regras e normas de segurança, não há consenso quanto à “esportividade”. Dessa forma, o teor desportivo de lutas como o boxe sempre se encontra passível de relativização, afinal, o contato bruto que é uma característica sua está diretamente

¹⁷ Associação Internacional de Boxe Amador.

¹⁸ Para maiores informações, as regras técnicas e competitivas da AIBA encontram-se disponibilizadas no seguinte portal eletrônico: <<http://www.aiba.org/aiba-technical-competition-rules/>>.

¹⁹ Que, por sua vez, está submetida às regras da Fédération Internationale de Football Association (FIFA). Vide o portal eletrônico da CBF: <<http://www.cbf.com.br>>.

associado às sempre possíveis lesões, contusões ou tragédias mais graves, o que desagrada a muitos (GRAHAM, 2008; MELO; VAZ, 2006; SUGAR, 2005) e possibilita percepções e apropriações pautadas em preconceitos, despreços, indiferenças, etc. Retomaremos esse assunto, mas desde já insistimos que representações são variadas e estão intimamente ligadas às diversas e múltiplas formas possíveis de apropriação de determinado objeto.

Voltando ao emprego indiscriminado das técnicas combativas tão comuns entre os *pitboys*, deduzimos que lhes haja um menor respaldo social e que sua marginalização se dá em duas frentes: por parte dos esportistas compromissados com as regras que, como nos apresentou Cecchetto, desaprovam o combate não esportivo, tomando-o como antiético; e jurídico-socialmente, já que, além de crescente intolerância contra demonstrações descabidas de brutalidade (ELIAS, 1992; 1994), agressão física configura-se, tomando as leis brasileiras como parâmetros, como crime de lesão corporal e se encontra prevista no artigo 129 do Código Penal Brasileiro (BRASIL, 1940).

Enfim, até aqui discutimos sobre as diferentes formas de se praticar uma luta esportiva, as maneiras de percebê-la, a questão de a violência fazer sentido apenas diante de parâmetros (violento em relação a que?) além da polissemia que evolve o conceito em questão. No tópico a seguir voltaremos a tratar destes dois últimos pontos, mas de uma forma diferente. Nós o faremos a partir de uma leitura na qual o boxe é representado como um “dado a ser visto”, o que se assemelha a uma peça teatral.

1.2 TOME A TEU PRÓXIMO E POR TI MESMO!

No tópico anterior foi estabelecida uma série de paralelos entre a prática do boxe e a violência. Já neste será investigada a intrínseca relação entre as representações pugilísticas e a violência em seus diferentes níveis. Antes, no entanto, buscaremos esclarecer o porquê do título deste tópico. Em suma, trata-se de uma alusão ao segundo capítulo do livro *Violência* (2014), de Slavoj Žižek. Os estudos deste autor nada têm a ver com a prática do boxe, mas é possível o estabelecimento de alguns diálogos entre eles e a presente pesquisa. Referimo-nos, especificamente, à pressuposição de que há certos espaços sociais marcados por “políticas do medo”. Buscando ser mais claros, propomos o seguinte exercício de

imaginação: substituamos o conturbado universo político (que é marcado por hipocrisias e levantes moralistas, que são uns dos objetos de estudo prediletos de Žizek) pelo pugilístico. Feito isto, agora sugerimos que este universo seja imaginado como um grande palco teatral onde cada um dos indivíduos exerce papéis específicos. Há a plateia alvoroçada e muito ansiosa pelos resultados das lutas, juízes bastante atentos e sentados bem próximos ao ringue a fim de não perderem nenhum lance, treinadores sérios que ditam recomendações aos seus pupilos(as) que, após o soar do gongo, transubstanciar-se-ão nos(as) protagonistas do evento. Foquemos nos lutadores. Seja numa luta oficial, amadora, num grande complexo esportivo, a céu aberto ou um simples treino entre colegas de uma mesma pequenina academia, enfim, em todas estas situações algo continuará sempre bastante presumível: por se tratar de uma luta de boxe, haverá troca de golpes. Essa situação, todavia, não é tão simples quanto pode parecer, pois há níveis e mais níveis de violência dentro daquela disputa (aqui entendidas, sumariamente, como “políticas de medo/temor”) que virão a ser representadas na forma de uma contenda esportiva (DUNNING, 1992).

O boxe é um dado a ser visto, logo ele é dotado de representações. Ele próprio é uma representação e, uma vez que seu objetivo fundamenta-se justamente na subjugação de outrem, a questão do “temor” necessariamente girará em torno da expressividade dos corpos dos combatentes seja na forma de gestos intimidatórios, técnicas de luta, variados tipos de golpes, utilização de equipamentos de combate e métodos de defesa. São aquelas as formas que chamamos de representações pugilísticas.

Punhos e pés direcionados ao oponente sugerem, ao mesmo tempo, a precaução de alguém pronto para esquivar-se de um golpe, apará-lo ou mesmo o iminente desferimento de um golpe potente. Por outro lado, olhares vorazes, cenhos franzidos e músculos retesados evidenciam uma prévia daquilo que virá a culminar numa saraivada de socos. Enfim, seria relativamente simples continuar uma longa lista sobre o assunto, mas isso não enriqueceria nossa argumentação. Talvez seja mais importante destacar que tudo no boxe tem a ver com a busca pela vitória por intermédio de meios tidos, dentro do universo pugilístico, como viris e brutalmente consentidos. A propósito,

O pugilismo é um curioso elo com o passado, pois ainda que tenha sido bastante pasteurizado (lembremos que na Antiguidade Grega as provas de pancrácio só se encerravam com a desistência completa de um dos combatentes – o que não raramente ocorria apenas com a morte – e que durante muitos anos havia poucas estruturas mais eficazes para reduzir o impacto dos socos, como luvas e protetores de cabeça, estes utilizados nos dias de hoje entre amadores), ainda é um esporte considerado muito violento, sendo marcante as imagens sujas de corpos machucados, suor, sangue. (MELO; VAZ, 2006, p. 143)

O “sucesso de bilheteria” de uma mostra pugilística está intimamente relacionado ao potencial de brutalidade esportiva e resistência física que seus competidores têm a oferecer àqueles que os assistem, e estes elementos parecem funcionar como uma espécie de capital simbólico (BOURDIEU, 1989, 2007). Voltaremos a tratar deste tema no último capítulo desta pesquisa, mas já convém ressaltar que os marqueteiros e cronistas esportivos já há muito tempo fazem uso desse tipo de capital como uma espécie de “catalisador” para a mencionada política do medo. Não é para menos que os lutadores recebem alcunhas como “Iron” Mike Tyson, James “*Bonecrusher*” Smith ou “*Brown Bomber*”. Os apelidos dos lutadores, como é possível notar, fazem menção a habilidades de luta que eles supostamente possuem, seja naquilo que se refere à sua resistência física e emocional, ao seu poder de ataque ou na sua capacidade de quebrar os ossos de alguém. Os apelidos são criativos e engenhosos em sua diversidade, mas algo quase sempre lhes é comum: busca-se provocar o temor no adversário e a admiração dos expectadores e, assim, inflacionar a política de medo que rege o meio pugilístico. O caso do segundo lutador parece mais sintomático. Apelidado de “quebra ossos”, isto (o ato de quebrar os ossos de alguém), apesar de bastante possível numa luta, não reflete o objetivo primeiro de uma competição. De qualquer forma, o capital simbólico do qual goza James Smith sugere que, devido às suas qualidades como boxeador, os ossos dos oponentes provavelmente serão quebrados e, apesar de toda uma clara mitologia por trás deste apelido, fica-nos clara uma das fórmulas que são bem comuns ao universo pugilístico: boxe + lutadores temíveis + propaganda (aqui entendida como política do medo) = “casa cheia”.

Para além dos socos, há muitos outros signos e representações pugilísticas que são associados aos diferentes tipos de violência. Numa luta há muito mais para se identificar e especular do que os golpes, simplesmente. Quem vencerá, por meio de qual estratégia, golpe, em qual *round*, qual dos competidores está mais em

forma, quem é o mais resistente são alguns dos elementos por meio dos quais torna-se observável a mencionada política do medo: deve-se temer por si (uma vez que é possível ser atingido por um golpe poderoso a qualquer momento), temer o rival (que apresenta-se forte, ladino e busca intermitentemente a desestabilização do adversário por meio de gestos e olhares mordazes) e também buscar ser temido, é claro. Não seria uma estratégia muito inteligente manter-se fora desse “jogo”.

Agora, mudando um pouco o nosso foco, ressaltamos que dentro do universo do boxe, golpes não são aplicados a torto e a direito. Não. Há uma série de métodos, técnicas e objetivos que regem este esporte. Da mesma forma que no xadrez,

São várias as estratégias de combate em uma luta de boxe, esse esporte que parece tão brutal para grande parte do público, mas que é extremamente refinado do ponto de vista técnico [...] Alguns lutadores partem logo para cima, tentando já nos primeiros momentos da peleja, nocautear, marcar ponto e/ou reduzir ao máximo a resistência do oponente. Outros, aqueles que absorvem melhor os golpes, optam por aguardar um pouco mais para minar o adversário, atacando-o mais fortemente no fim da luta, quando o oponente já está mais cansado. (MELO; VAZ, 2006, p. 140)

De acordo com Eric Dunning, os desportos²⁰ amparam-se na competitividade e, dessa forma, possibilitam o aparecimento de violências e de agressões (DUNNING, 1992). Aqueles que se propõem a investigar a história dos esportes de luta e suas práticas, portanto, é imprescindível estar a par das questões que envolvem a violência e a sua “teatralização”, já que sua forma de manifestação física, sob o modo de “representação de uma luta” ou “confronto simulado” entre dois indivíduos ou grupos, representa um dos ingredientes centrais em um combate esportivo (DUNNING, 1992). Todavia, e conforme demonstrado, o conceito de violência oferece sérias dificuldades àqueles que se propõem a defini-lo, já que pode referir-se desde uma de suas formas mais populares de representação/manifestação (como a agressão física) até demonstrações em nível simbólico tão singelas que,

²⁰ Norbert Elias define o desporto (qualquer que ele seja) da seguinte forma: “[...] atividade de grupo organizada, centrada num confronto entre, pelo menos, duas partes. Exige certo tipo de esforço físico. Realiza-se de acordo com regras conhecidas, que definem os limites da violência que são autorizados, incluindo aquelas que definem se a força física pode ser totalmente aplicada. As regras determinam a configuração inicial dos jogadores e dos seus padrões dinâmicos de acordo com o desenrolar da prova. Mas todos os tipos de desportos têm funções específicas para os participantes, para os espectadores ou para os respectivos países em geral. Quando a forma de um desporto fracassa na execução adequada destas funções, as regras podem ser modificadas” (ELIAS, 1992, p. 230).

aos olhos de um leigo desavisado, talvez até passassem despercebidas. Assim, a fim de que melhor compreendamos tanto a sua complexidade quanto a sua abrangência, recorreremos novamente à literatura. Dessa vez, no entanto, trataremos de uma obra de Franz Kafka.

Em 1915, o mencionado romancista publicou uma de suas mais célebres obras: *A metamorfose*. Apesar de seus vários atrativos, o que nela nos interessa é a representação violenta contida tanto na trama vivenciada pelo protagonista (o caixeiro viajante Gregor Samsa) quanto nas problemáticas referentes à tradução de *Die Verwandlung*, que é o título original da obra. Nesse caso, acreditamos que a violência permeia diferentes níveis que vão desde o enredo da obra propriamente dito até sua interpretação e sua apreensão, o que nos levou a identificar uma característica sua: versatilidade. Ao investigar a violência, Hanna Arendt chegou justamente à conclusão de que a natureza deste conceito é instrumental, pois assim “como todos os meios, [ela] está sempre à procura de orientação e de justificativas pelo fim quem busca” (ARENDR, p. 32) Dessa forma (e devido ao seu caráter instrumental), faz sentido supor que a violência é historicamente condicionada, já que ela representa o(s) fruto(s) de um complexo processo de relações de força(s) que são impostas a determinado indivíduo/comunidade em determinados espaço-tempo. Além do mais, instrumentos são (re)construídos e (re)apropriados de diferentes formas *ad infinitum*.

Antes de voltarmos à *Metamorfose*, buscaremos, rapidamente, clarificar as questões levantadas no parágrafo anterior. Para tal, propomos outro exercício imaginativo: imaginemos um gladiador romano do século I a.C. e um boxeador inglês do início do século XX. Ambos encontram-se num fantasioso debate sobre o que seria violento e brutal. Nesse ínterim, é de se esperar que eles chegassem a uma série de impasses uma vez que suas atividades estariam circunscritas a realidades separadas temporalmente por séculos. Esportividade, morte, assassinato além da própria violência, estes são apenas alguns conceitos que carregam “pesos semânticos” completamente diferentes para aqueles que deles se apropriam. Talvez a morte não significasse para o boxeador inglês, imerso numa realidade permeada pelos valores característicos de uma Inglaterra novecentista, o mesmo que para o gladiador que, num circo sanguinário, duela pela sua própria vida enquanto diverte uma plateia alvoroçada que se deleita com o estropiamento que se passa diante de seus olhos. Assim, para fechar essa discussão, destacamos que, no caso do

boxeador, em seu repertório de representações esportivo-combativas provavelmente não constasse nada que viesse a dizer respeito à execução de um oponente de ringue da mesma forma que, para o gladiador, provavelmente não haveria tantas representações concernentes às modernas concepções de civilidade ocidentais, como a mera possibilidade de todos os competidores saírem de uma contenda vivos e com seus membros intactos.

Retomemos ao drama sofrido por Gregor Samsa. Em um dia que deveria ser como outro qualquer, ele acordou bem cedo como de costume. As funções de um caixeiro viajante exigem que o indivíduo acorde muito antes que o sol nasça. No entanto, tudo fugiu ao seu controle. De repente ele se viu transformado em um inseto! Aparentemente não havia motivos para tal. Foi como num passe de mágica que a misteriosa transformação aconteceu. A partir daí, o outrora amado e estimado filho torna-se, aos olhos da própria família com a qual morava, um tremendo incômodo; uma vergonha asquerosa. Gregor então passou a ser agredido, privado de alimentação e condições salubres até que morre. O termo escolhido pelo autor para referir-se à bizarra transformação (se é que podemos chamá-la assim), em alemão, é '*Verwandlung*'. Mas, recorrendo ao *clichê*, como bem sabem os linguistas tanto uma vírgula quanto uma simples palavra “mudam” completamente o sentido de uma oração. As dificuldades tradutórias giram justamente em torno disso e, como o afirma Celso Donizete Cruz,

O escritor argentino Jorge Luis Borges também criticava o título consagrado nas traduções, argumentado que a língua alemã possui a palavra "*Metamorphose*", e Kafka a adotaria se sua intenção fosse de fato privilegiar em sua narrativa a mutação biológica o que não é o caso. Na recepção em espanhol do século XXI, em consonância com o reparo, propõe-se uma nova tradução do título, *La Transformación*, nas edições da Editorial Funambalista, de Madri, e da Debolsillo de Barcelona [...] Em língua inglesa, já no final do século XX surgia uma proposta conciliatória, *The transformation (metamorphosis)*, na edição da Penguin Classics, de 1995 [...] houve também argumentos contrários à adoção de um novo título, todos no fundo receosos de afrontar gratuitamente a tradição [...]. (CRUZ, 2009, p. 9-10)

Até aqui foi-nos possível identificar três formas de manifestação violenta. Iniciemos discorrendo sobre as agressões físicas. Gregor não recebeu socos (tão comuns ao universo pugilístico), mas pontapés. “Uma perninha [sua], aliás, saíra seriamente machucada” (KAFKA, 2009, p. 53). Já em outro momento, seu pai atirou-lhe uma maçã que penetrou em suas costas (KAFKA, 2009). Independente de como

um golpe é desferido, agressões físicas representam uma das formas mais caricatas de violência (ODÁLIA, 1983), mas ela não é a única. A imposição da fome, sede, higiene, humilhação, derrota, enfim, toda forma de privação também o é (ODÁLIA, 1983). Violência, portanto, não necessariamente se dá por meio de injúria física e, como mencionado, também é possível manifestá-la a partir da privação, que é outro ato polissêmico. Pode-se privar alguém de ir, vir, ser, ter, estar, enfim, as possibilidades são variadas e múltiplas; se não infinitas. No boxe, como mencionado várias vezes, busca-se a subjugação do adversário (VAZ, 2007), ou seja, almeja-se imposição da derrota a alguém, o que, por consequência, resulta na privação da vitória. Seguindo esse raciocínio, pode-se concluir que nesse esporte de luta o objetivo principal da contenda gira em torno de vários tipos de violências, afinal, nele, como levantado, vitória implica em derrota e, com exceção dos incomuns empates, um dos competidores é privado dos “louros”. A discussão, no entanto, não para por aí.

Outro paralelo entre as violências cometidas contra Gregor, o inseto, e os lutadores de boxe? Enquanto que aquele, por se tratar de uma vergonha, foi mantido (e violentado) bem longe do olhar de curiosos e da esfera pública, no boxe uma característica da violência que lhe compete é justamente o contrário daquela. Referimo-nos à sua exposição. Via de regra, uma luta profissional funciona da mesma forma que um espetáculo pelo qual um determinado número de pessoas paga pelo direito de se acomodar e assistir a um “show” que será “apresentado” por indivíduos que são remunerados para tal. Essa “luta espetáculo”, no entanto, não se encerra nela mesma, pois os lutadores, treinadores e parceiros de equipe preparam-se previamente, e às vezes com bastante antecedência. Levam-se semanas ou até meses de treino para a realização de uma única luta. Ainda, promotores e seus exércitos compostos por fotógrafos, marqueteiros e colunistas ficarão encarregados de arregimentar o maior público pagante possível. Muitos outros profissionais participam do processo de realização de um evento do tipo, mas aquilo que nos interessa aqui são, especificamente, as representações pugilísticas. Na luta propriamente dita, além de sua promoção, praticamente tudo tem a ver com posições, técnicas e uso de equipamentos que concernem ao ofício pugilístico. Manter os braços bem próximos ao corpo tem como finalidade a proteção contra os golpes do adversário; a utilização de luvas e protetores bucais servem para resguardar mãos, pulsos, dentes e maxilar; punhos em riste, amedrontadores, além

de olhares ríspidos e a utilização de roupas folgadas, propícias para o combate ágil, enfim, estes são apenas alguns dos elementos que compõem um complexo sistema de representações pugilísticas.

Sobre a terceira forma de manifestação da violência (e ela concerne à questão da tradução), no excerto referente àquilo que escreveu Celso Donizete Cruz chamou-nos a atenção à menção sobre “deturpações” e “afrontas à tradição” cometidas contra a obra de Kafka por parte dos tradutores. Isso parece remeter àquela pressuposição de que há “formas corretas e incorretas” de empregar as habilidades combativas que foi mencionada por Cecchetto e, em outro sentido, por Muchembled. De qualquer forma, Kafka morreu quando ainda era muito jovem e não viveu o suficiente para presenciar aquelas supostas perversões que acometeriam sua obra, mas como mencionado, seus leitores e tradutores acusaram uma série de violências que foram cometidas contra os sentidos originais de seus escritos e as descaracterizações que acometeram seus “significados primigênicos”. Dito isto, é possível estabelecer aí um gancho de forma a adentrar-nos em discussões que concernem à apropriação. O ato de apropriar-se, a propósito, constitui um recorrente tema de estudo para o historiador francês Roger Chartier que, inspirado na obra de Michel de Certeau, afirmou o seguinte:

A apropriação, a nosso ver, visa uma história social dos usos e das interpretações referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Assim, voltar a atenção para as condições e os processos que, muito concretamente, sustentam as operações de produção do sentido (na relação de leitura, mas em tantos outros também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as ideias são desencarnadas, e, contra pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas. (CHARTIER, 1991, p. 180)

Como nos revelou Donizete Cruz, alguns tradutores temiam afrontar as tradições kafkianas. Esse temor aparentemente se pautava na possibilidade de, durante o processo de tradução, apropriações supostamente indevidas serem cometidas, o que conseqüentemente perverteria e corromperia o texto original. Há de se ressaltar que aqui nos deparamos com um possível entrave conceitual. Ao tomarmos como pano de fundo as ideias de Certeau, Cecchetto e Muchembled, surgiu-nos a questão: apropriação e perversão são conceitos que contradizem um ao outro? De acordo com Certeau, uma vez sendo possível apropriar-se de algo, o

que há como consequência não se configura como perversão, mas como uma forma uso, simplesmente (CERTEAU, 1998). Já Muchembled e Cecchetto, ao tratarem da violência, discorrem sobre a sua legitimidade a partir dos usos que dela são feitos. Seja na prática esportiva e/ou no manutenção da segurança pública, o emprego dos diferentes tipos de violência, apesar de continuarem violentos (é claro), tornar-se-ão, de certa forma, mais toleráveis caso estejam de acordo com regras e códigos largamente reconhecidos (CECCHETTO, 2004; MUCHEMBLED, 2012).

Destacamos que aquela discrepância em nada afeta a presente pesquisa. Ao longo desta, são apontadas práticas que estão ou não de acordo com regras pré-estabelecidas, mas em momento algum questionamos suas respectivas legitimidades, uma vez que elas (ou sua ausência), nesse sentido, não interessam ao ofício histórico. Dito aquilo, ressaltamos que, até aqui, foram investigadas algumas das formas de se perceber e representar práticas esportivo-combativas relacionadas ao boxe. No entanto, aquelas não são as únicas e exclusivas formas de fazê-lo. Há, por exemplo, aqueles que veem nos esportes de luta nada além de práticas brutais e animais, independentemente da existência e cumprimento de ideais pacíficos, regras, leis, etc. Trataremos melhor desta questão quando discorrermos sobre como essa percepção pode influenciar o espaço ocupado pelo boxe no campo (e no não-campo) esportivo brasileiro e londrinense. O destaque será voltado para este último. Agora, atenhamo-nos no seguinte: tanto Vaz quanto Cecchetto associaram algumas modalidades de luta com racionais formas de expressão técnico-combativas. É justamente aí que podemos identificar questões-chave para esta pesquisa. O conjunto de técnicas pugilísticas, o autocontrole e a aversão à brutalidade irracional (fatores esses que, de acordo com os dois últimos autores, dotam uma luta de teor artístico) constituem elementos que podem influenciar as representações pugilísticas contidas na coleção fotográfica aqui estudada? Em geral, os diferentes universos esportivos compartilham de um elemento que lhes é comum. Referimo-nos à realização de apologias ao cultivo da saúde, espírito de equipe, disciplina e respeito mútuo. Num primeiro momento, refletimos sobre a hipótese de estes componentes poderem ser identificados nas mesmas fontes além da existência de possíveis indícios de violência naquelas imagens, o que nos levou a recorrer a Cecchetto uma vez mais.

De acordo com a autora, há tipos de classificações que correspondem aos diferentes perfis simbólicos de lutadores. Tê-los em mente enquanto “lançamos” as

questões contidas no fim do parágrafo anterior às nossas fontes possivelmente enriqueceria, e muito, a criticidade histórica referente à presente pesquisa.

Além das habilidades específicas, a filosofia do esporte é recorrentemente mencionada, colocando a figura do professor no centro desse aprendizado, como o modelo com “autoridade” para o ensinamento dessas técnicas dentro da ética esportiva. Nas entrevistas com lutadores e professores, foram muito enfatizados dois valores considerados necessários para um bom lutador: a força e a técnica. Esta é mais salientada por aqueles que se veem como atletas e assimilaram valores associados ao domínio das emoções. Incluem-se aí a resistência à dor, a inteligência, a sagacidade, o conhecimento de um significativo número de golpes e a precisão de aplicá-los nas competições. No entanto, esses atributos, na verdade, complementares nessa luta marcial, possibilitam uma categorização dos lutadores, isto é, dependendo da ênfase conferida ao manejo específico desses vetores da força e da técnica [...] Essas noções acham-se representadas por duas categorias classificatórias: o *pit boy* e o “casca-grossa”. A primeira expressa a tendência à aceitação que a violência física ganhou entre esses grupos; a segunda refere-se ao lutador experiente, ícone de superioridade técnica e de compromisso com a ética competitiva baseada em regras. (CECCHETTO, 2004, p. 142-143)

Pit boy e “casca-grossa” são denominações voltadas aos praticantes do jiu-jitsu e não do boxe. Como ressaltado, Cecchetto trabalhou com aquela modalidade, e não com essa. No entanto, as questões levantadas pela antropóloga também dizem respeito à academia de boxe, cujo sistema organizacional apresenta uma série de semelhanças ao de outras academias de diferentes modalidades. Cada tipo de luta esportiva possui suas regras, equipamentos e especificidades, mas elas também contam com uma série de elementos em comum, como a organização de eventos, campeonatos, um sistema de ensino-aprendizagem envolvendo alunos e professores/mestres, representações combativas, políticas de medo, etc. Não nos aprofundaremos mais nessas questões, mas sim naquilo que se refere à violência, que também é outro elemento bastante associado às diferentes modalidades combativas. Não é de hoje que o esporte e a violência são postos num mesmo plano. Mais do que nos casos dos jogos de tabuleiro e/ou lógica (cujas representações costumam restringir-se ao campo simbólico, apenas), os esportes de luta vêm sendo duramente criticados por alguns grupos, como veremos a seguir, devido à sua brutalidade física. Indignado, o já falecido Bert Randolph Sugar, que foi jornalista e “historiador do boxe”, dedicou-se em alguns de seus artigos a responder de forma bastante ácida àquelas acusações, principalmente por meio de uma das

mais renomadas revistas americanas especializadas em boxe, a Ring Magazine. Em seu artigo *Depois de cem anos, críticas ao boxe continuam a afiar velhas serras*, datado de novembro de 1992, Sugar nos revela que

Ao longo do último século, o boxe foi o “saco de pancadas” predileto daqueles autoproclamados reformistas que continuam a “meter seus narizes” nos negócios dos outros. De volta a virada do século, o esporte era praticado em somente três estados estadunidenses, e ilegalizado nos outros por várias razões – incluindo, ou não, a proibição de que negros dividissem o ringue com brancos –, tendo encarado, ainda, anualmente, uma série de clamores pela sua abolição.²¹ (SUGAR, 2003, p. 7, tradução do autor)

O excerto acima serve como ponte para o capítulo que está por vir, já que nele também será discutido o espaço ocupado (ou não) pelo boxe no contexto histórico esportivo londrinense. No presente tópico, buscamos nos aprofundar na miríade de formas por meio das quais a violência e as representações pugilísticas podem se associar. Em suma, o diálogo entre elas pareceu se fundamentar numa espécie de “política do medo”, que é uma abstração na qual está circunscrita uma série de elementos concernentes à violência e, dentre eles, a brutalidade esportiva.

²¹ “Over the past century, boxing has been the favorite whipping boy of those so-called reformers who continue to stick their No’s in other people’s business. Back at the turn of the century, the sport was practiced in only three states, outlawed in others for various reasons – up to and including not allowing blacks to appear in the same ring with whites – and has faced cries to abolish it over almost each and every one in the intervening ninety-nine”.

2. CONTEXTO HISTÓRICO E O ESPAÇO OCUPADO PELO BOXE EM LONDRINA

Ao longo desta pesquisa temos estudado a prática do boxe em Londrina, apontando e problematizando suas representações e os seus paralelos para com a violência. Neste ínterim, deparamo-nos com uma série de questões relacionadas tanto a esse esporte e seus praticantes quanto aos locais aonde ele se dá. Onde, especificamente, acontecem essas lutas e treinos? Quem são seus praticantes e adeptos? Há campeonatos e torneios? Quem os organiza? Estas são algumas das questões que serão abordadas neste capítulo e, para tal, serão utilizados dois tipos de fontes históricas: orais e periódicas.

Como sugerido, mas ainda não investigado, em Londrina o pugilismo foi e é praticado por diversas pessoas com variados motivos e em diferentes lugares, sejam eles públicos ou privados. Assim como qualquer prática, seja ela esportiva ou não, o boxe também é polissêmico e heterogêneo uma vez que tudo em sua história encontra-se passível de transformações e apropriações. Quanto à abordagem dessas questões e tendo como base o ponto de vista histórico, faz-se necessário contextualizá-las. Pautados nas fontes mencionadas, então, selecionamos o seguinte recorte: as academias nas quais atuou Miguel de Oliveira e o Ginásio de Esportes Professor Darci Cortez²², ambos situados na cidade de Londrina das décadas de 1970 a 2000. Sobre os motivos para tal recorte, ele se deve ao fato de que, além das fontes com as quais trabalhamos ao longo desta pesquisa se circunscreverem mais ou menos neste período e a coleção fotográfica ter pertencido a Miguel de Oliveira, o ginásio em questão, que aparece em muitas daquelas fotografias, tem sido um espaço de destaque para a prática do boxe em Londrina uma vez que é ele o primeiro e o maior centro poliesportivo municipal. Ao selecioná-lo, também tivemos em vista que sua fundação encontra-se inserida num processo de modernização urbana municipal por meio da qual fica explicitada a existência de paralelos entre a condição artefactual de Londrina (MENESES, 2004) e o espaço simbólico-social que o boxe lhe ocupa. Novamente sobre as fontes que fundamentam este capítulo, são elas uma série de matérias periódicas e algumas das entrevistas realizadas por mim com indivíduos que, de alguma forma, estiveram

²² Ginásio municipal “[...] comumente conhecido como Moringão, em homenagem ao Pref. Dalton Fonseca Paranaguá, em cuja gestão o ginásio foi construído” (PREFEITURA DE LONDRINA, s/d, s/p).

e/ou estão ligados ao boxe londrinense. Buscaremos clarificar estas questões em outro momento, porque agora será investigado o perfil do município londrinense. Apontaremos suas transformações socioeconômicas de forma a tornar mais compreensíveis o onde e o como “se encaixou” a prática do boxe no desenrolar de sua história.

2.1 UM ARTEFATO, VÁRIOS DISPOSITIVOS: LONDRINA E O ESTÁDIO MORINGÃO

A história do município de Londrina, também devido à sua juventude, conta com ampla documentação fotográfica, tais como aquelas que foram produzidas por fotógrafos famosos como Hans Kopp, José Juliani, Haruo Ohara, Osvaldo Lite, George Craig Smith entre outros. Dessa forma, é possível acompanhar e melhor compreender suas transformações paisagísticas, urbanísticas, tecnológicas, etc. enquanto se identificam nelas a influência de suas práticas sociais vigentes. É possível inferir, por exemplo, que enquanto nas duas primeiras décadas desde sua fundação a produção agrícola manteve-se diversificada e em pequena escala. Já por volta da década de 1950, quando alcança a posição de capital mundial do café que lhe era conferida, nota-se a continuidade de seu rápido crescimento populacional seguido pela sua urbanização, verticalização e a expansão do comércio principalmente nas “proximidades da Avenida Paraná, região do comércio mais fino, composto de comerciantes dos mais diversos ramos [...]” (GRASSIOTTO; GRASSIOTTO, 2003, p. 109). Cultivava-se uma grande quantidade de café e havia um prático sistema de escoamento desse produto que, produzido aos borbotões, tinha como destino os portos de Santos/SP e Paranaguá/PR. Nesse período, devido à sua economia dinâmica e o seu grande fluxo migratório, em Londrina alastraram-se as malhas viária e ferroviária, aumentou-se o número de hotéis, pousadas, espaços de sociabilidade, o movimento aeroviário cresceu, enfim, a cidade urbanizou-se rapidamente e assumiu as características de uma metrópole regional (BENATTO; BONI; UNFRIED, 2013). Nas décadas seguintes, a economia então baseada principalmente no café foi sendo paulatinamente “desalojada por novas atividades agropecuárias e industriais. Em 1970, havia 442 indústrias em Londrina, a maioria absoluta de pequeno porte, voltadas para a produção de bens de consumo não duráveis e ocupando pouca mão de obra” (ARIAS NETO, 2008, p. 182). Ainda na década de 1970, a cidade

[...] já contava com 230.000 habitantes e uma produção agrícola voltada para o mercado externo. Nesta época criaram-se os primeiros centros industriais que visavam o incentivo e a coordenação do desenvolvimento industrial da cidade. Houve uma ampliação na prestação de serviços como educação, sistema de água e esgoto, pavimentação, energia elétrica, comunicação, e a criação do Parque Arthur Thomas, a construção da nova Catedral, Ginásio de Esportes Moringão, entre outras obras. (PREFEITURA DE LONDRINA, 2007, p. 14)

Cidades são frutos da ação humana. São frutos bastante polissêmicos, por sinal, pois são constituídos por habitantes, edifícios, ruas, praças, veículos, sistemas de esgoto, etc. As cidades trazem consigo a complexidade de um sem número de fatores que dizem muito sobre elas assim como a recíproca também é verdadeira. O historiador Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses é um dos acadêmicos que se ateuve a essa questão e, de acordo com ele, a cidade também “é coisa feita, fabricada, o mais complexo artefato humano jamais produzido. Artefato, genericamente, é todo segmento da natureza física socialmente apropriado, isto é, ao qual se impôs, segundo padrões sociais, forma, função, sentido [...]” (MENESES, 2004, p. 262). A cidade é artefato, portanto Londrina também pode ser considerada dessa forma. No penúltimo excerto que apresentamos, somos informados sobre uma série de empreendimentos urbanos datados de 1970. São eles aprimoramentos voltados para o sistema de ensino e educação, eletricidade, esgoto e espaços de lazer e sociabilidade. Cada uma dessas obras reflete os anseios e as demandas sociais que funcionam como dispositivos da cidade artefato. Ao disponibilizá-las aos seus cidadãos e turistas, Londrina mostra-se, de forma ainda mais clara, uma ferramenta, um instrumento necessário às práticas sociais como o trabalho, o esporte, o lazer e o comércio. Foquemos no esporte. Para sermos mais específicos, na prática do boxe. Em Londrina esse desporto foi e é praticado em diferentes lugares, desde domicílios, academias até ginásios como o Moringão. Esse ginásio já foi mencionado nesta pesquisa, mas dessa vez trataremos dele (assim como de algumas academias londrinenses) de forma mais aprofundada.

Foquemos no Ginásio. Oficialmente denominado Ginásio de Esportes Professor Darci Cortez, ele foi inaugurado em 1972 e pelo menos dois dos motivos para tal nos são claros: houve demanda e meios logísticos para tal. Uma vez que por parte da sociedade exista considerável número de inclinações pelos esportes, ao governo municipal, detentor de fundos, estrutura e disposição suficientes resta à

incumbência de atender a tal solicitação por meio de fomentos. No caso de Londrina, edificou-se um espaço que até então lhe era inexistente. A propósito, essa construção parece ir ao encontro do rápido processo de modernização urbana que Londrina vinha sofrendo; processo este que também gira em torno do campo simbólico. Sejam mais claros e, para tal, chamamos a atenção para o seguinte excerto, que trata da construção do Estádio do Café:

O projeto de construção do Estádio do Café esteve associado à hipótese de participação do Londrina Esporte Clube no Campeonato Nacional (como era chamado o atual Campeonato Brasileiro). Isto é: o LEC só teria chance de ser convidado pela Confederação Brasileira de Futebol [CBF] a disputar o Nacional se pudesse dispor de um grande estádio. (BONI; BRITO; AMARO, 2014, p. 109)

Inaugurado em 1976, aquele estádio possui capacidade para 45.000 pessoas e é o segundo estádio de futebol que foi construído em Londrina. O primeiro é o mencionado Estádio Vitorino Gonçalves Dias, fundado em 1956. Aquele é maior que este e, de acordo com o último excerto, a construção daquele também está associada a uma hipotética possibilidade de convite ao LEC, por parte da CBF, para que se juntasse ao seleto grupo de times que compunham o almejado Campeonato Nacional, liga esta que historicamente vem sendo costumeiramente composta por equipes mais ricas, geralmente das capitais²³. Ainda no campo das hipóteses, é como se uma cidade interiorana que, almejando destacar-se no meio esportivo, tivesse de investir em construções faraônicas²⁴, travestindo-se então de capital como um pré-requisito para adentrar ou pelo menos vislumbrar o “Olimpo esportivo”.

A data de inauguração do Estádio do Café é bastante próxima à do Moringão. Apenas quatro anos as separam e ambas as construções configuram-se no mencionado período londrinense que foi marcado por uma série de modernizações estruturais. Ainda sobre a década de 1970, Londrina contava com um dos aeroportos mais movimentados do país, edifícios arquitetonicamente bastante complexos, um cinema ultramoderno (BENATTO; BONI; UNFRIED, 2013), mais de duas centenas de milhares de habitantes, dois estádios de futebol e apenas alguns modestos e esparsos espaços monoesportivos. É aí que surge o Moringão e por se

²³ Para maiores informações, as estatísticas podem ser consultadas neste endereço: <http://www.tabbrasileirao.com/2016/05/todos-os-times-do-brasil-de-futebol-em-ordem-alfabetica.html>.

²⁴ Na citação da Prefeitura de Londrina (2007), fomos informados que, na década de 1970, Londrina contava com aproximadamente 230.000 habitantes. Já que o estádio comportava 45.000 pessoas, isso significa que havia espaço para quase um quinto de toda população municipal.

tratar de um ginásio de esportes, no plural, nele são praticadas múltiplas modalidades esportivas. Hoje²⁵, em sua estrutura oval, 13.000 arquibancadas são comportadas de forma que circundam uma quadra apta à prática de futsal, vôlei, basquete e uma série de diferentes tipos de dança; também é possibilitada a prática de variadas sortes de lutas, bastando, apenas, que nele sejam instalados ringues ou tatames.

De acordo com o portal *online* da prefeitura londrinense, o Moringão foi completamente reformado, mas mesmo no período de sua fundação (devido ao seu tamanho e condição de espaço público) provavelmente ele já era entendido como *point* para praticantes e admiradores dos esportes já que nenhuma outra estrutura a igualava e, ainda hoje, ele se configura entre os quatro únicos espaços esportivos municipais²⁶ capazes de comportar milhares de indivíduos (PREFEITURA DE LONDRINA, s/d, s/p). É justamente neste ponto que é possível “amarrar” a condição artefactual de Londrina com a discussão concernente à prática do boxe enquanto um *habitus* inserido no espaço onde se desenrolam relações sociais. A prática do pugilismo no Moringão divide espaço com várias outras modalidades esportivas e, dessa forma, pode-se entender aquele como um “laboratório” por meio do qual é possível vislumbrar e problematizar o conceito bourdiano de espaço social. Segundo Bourdieu:

De maneira mais geral, o espaço de posições sociais se retraduz em um espaço de tomadas de posição pela intermediação do espaço de disposições (ou do *habitus*); ou, em outros termos, ao sistema de separações diferenciais, que definem as diferentes posições nos dois sistemas principais do espaço social, corresponde um sistema de separações diferenciais nas propriedades dos agentes (ou de classes construídas como agentes), isto é, em suas práticas e nos bens que possuem. A cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus* e de suas capacidades geradoras, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, vinculadas entre si por uma afinidade de estilo. (BOURDIEU, 2008, p. 21)

No âmbito londrinense, seria a prática do boxe um *habitus* segundo Bourdieu? Caso a fosse, representaria um “conhecimento adquirido que indica uma disposição incorporada [...] quase postural” (BOURDIEU, 1989, p. 61) que se encontra, de certo modo, relacionado ao espaço de posições sociais ocupados por aqueles que estão inseridos no universo pugilístico, ou seja, espectadores, boxeadores, treinadores,

²⁵ A estrutura foi totalmente reformada entre 1994 e 1995 (PREFEITURA DE LONDRINA, s/d, s/p).

²⁶ Os outros são o VGD, o Estádio do Café e o Autódromo Internacional Ayrton Sena.

árbitros, juízes, promotores, apostadores, entre outros. Uma vez que o *habitus* é entendido “como [um] sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (BOURDIEU, 2007, p. 191), não nos parece possível estabelecer um paralelo harmonioso com a prática do boxe. Como já demonstrado, o pugilismo como o conhecemos, apesar dos seus quase dois séculos de existência, não possui espaço assegurado dentro do universo dos esportes, haja visto os vários questionamentos contra o seu próprio caráter esportivo. Por meio dele há, anualmente, movimentações milionárias, sejam por meio de apostas, bolsas pagas aos atletas e *pay-per-views*²⁷. Neste quesito o boxe é uma prática/negócio bem estruturado, mas pensando para além do quesito “dinheiro”; e diferentemente do futebol, cujo caráter desportivo é bastante reconhecido; vez ou outra o pugilismo se vê induzido a dar explicações do tipo “ei, também sou um esporte!”.

Até aqui defendemos a condição artefactual do município de Londrina. Aliás, ela mais se parece com um multiartefato ou uma multiferramenta em constante transformação, uma vez que seus usos e desusos e também o de seus dispositivos (como os estádios mencionados) encontram-se intimamente associados às diferentes dinâmicas sociais que nela operam. Findada essa tentativa de pincelamento de um pano de fundo concernente a Londrina enquanto um palco onde são operadas diferentes tipos de disposições sociais, agora discorreremos sobre o espaço aí ocupado (ou não) pelo boxe e, para tal, como já havíamos advertido o leitor será buscado amparo em fontes orais e periódicas. Neste tópico, todavia, trataremos somente das últimas.

Nas dependências do NDPH da UEL encontra-se armazenada uma série de matérias periódicas, tanto no original quanto em microfilme, concernentes à prática do boxe além de vários outros temas. O periódico nos qual se encontram algumas de nossas fontes é o Folha de Londrina, que é um veículo de comunicação paranaense, natural da cidade que o denomina, pertencente ao Grupo Folha de Comunicação (GRUPO FOLHA DE COMUNICAÇÃO, S/D) e que vem atuando em Londrina e região desde a década de 1950. Por da análise exclusivamente dos

²⁷ Em tradução literal, significa “pagar para ver”. Consiste num sistema no qual paga-se pelo acesso por determinada programação televisiva específica (como um evento de boxe).

microfilmes de algumas de suas matérias sobre boxe²⁸, foi-nos possível identificar reportagens referentes ao pugilismo em âmbito local, regional, nacional e internacional. Nos primeiro e segundo casos, é clara a predominância de coberturas voltadas para os atletas paranaenses, muitos deles londrinenses e/ou pupilos do falecido Miguel de Oliveira em disputas municipais, regionais, estaduais e nacionais. Já nos dois últimos âmbitos, o foco é voltado para boxeadores brasileiros cujas carreiras foram marcadas por disputas internacionais e realizadas pelas grandes organizações de boxe²⁹, como nos casos dos ex-boxeadores Éder Jofre, Adílson “Maguila”, Miguel de Oliveira³⁰ e Acelino “Popó” de Freitas. Também há reportagens referentes à polêmica carreira do ex-campeão dos pesos pesados, Mike Tyson.

Fizemos emprego do adjetivo “polêmico”. Essa escolha está relacionada ao fato de que Mike Tyson e seus “feitos” foram trazidos à tona pela mídia devido, principalmente, às contravenções que marcaram sua história dentro e fora dos ringues. É interessante notar, no entanto, que as controvérsias levantadas pela Folha de Londrina não estiveram restritas ao indivíduo em questão, mas também ao boxe enquanto uma estrutura estruturante que supostamente possibilitaria ou, ao menos, facilitaria o aparecimento de selvagerias. Estas informações, a nosso ver, são fundamentais para que melhor compreendamos o espaço social ocupado pelo boxe. Inclusive, podemos citar alguns casos que nos pareceram bastante sintomáticos. Nós o faremos a seguir.

Como destacado, foram publicadas matérias periódicas que relacionavam os esportes de luta (como o boxe) às violências irracionais. Inclusive, nessas mesmas matérias foram mencionadas tentativas de banimento do pugilismo, como na vez quando foi noticiado o caso de uma ação policial contra a realização de um evento de lutas mistas que aconteceria em Curitiba, capital do Paraná. Na ocasião, o evento que envolveria música reggae e combates entre lutadores de capoeira e um dos tipos de boxe foi entendido por Jorge Ferreira, o então delegado da Delegacia de Ordem Social, como uma afronta à lei, algo animalesco e, portanto, destituído de

²⁸ As matérias periódicas com as quais trabalhamos encontravam-se todas elas em seu formato original e microfilmadas. Os microfilmes já se encontravam categorizados numa pasta intitulada como “Boxe” e todos eles também já estavam digitalizados. Adquirimos os arquivos digitais destes materiais, que foram gravados num CD. É dessa forma que acessamos estes documentos atualmente.

²⁹ Voltaremos a tratar delas no tópico a seguir.

³⁰ Como já havíamos alertado, há um lutador de boxe de mesmo nome.

esportividade. “Vale-tudo não é esporte”, afirmou o delegado ao indeferir o alvará que permitira a realização do acontecimento (DA SUCURSAL, 1993).

Ainda na Folha de Londrina, novamente a luta esportiva viria a ser sabatinada. Dessa vez, o caso envolveu a morte de um boxeador profissional inglês, uma infelicidade ocorrida no dia 28 de abril de 1994 que abriu margem à calorosas discussões dentro do próprio parlamento inglês sobre o futuro desse esporte naquele país. Na ocasião houve políticos que clamaram por medidas de segurança mais rígidas, como tornar obrigatório o uso de capacetes ou intensificar supervisão médica durante os combates. Também houve posicionamentos mais radicais, como o daqueles que levantaram a hipótese de banir o esporte do território nacional, tornando-o uma prática ilegal (PUGILISTA INGLÊS MORRE..., 1994).

Por fim, também houve uma ocasião na qual o jornalista Alberto Macedo que, enquanto entrevistava Miguel de Oliveira, questionava-lhe sobre o campeonato brasileiro de boxe amador de 1986 e sobre a suposta violência que caracterizava esse esporte (MACEDO, 1986, p. 20). Miguel de Oliveira, por sua vez, explicou ao entrevistador o porquê de não considerar o pugilismo uma prática animalésca. De acordo com o treinador londrinense, “os dois lutadores estão de comum acordo em lutarem, só este gesto mostra o motivo para a não violência, a menos que eles passem por cima do regulamento [...]” (MACEDO, 1986, p. 20).

Por meio da exposição daqueles três casos, esperamos ter clarificado um pouco mais as questões que envolvem a conflituosa ocupação do espaço social por parte do boxe assim como as variadas formas de percebê-lo enquanto prática. Nesse sentido, a entrevista realizada com Miguel de Oliveira pareceu-nos muito sintomática. O que significariam explicações como “determinado esporte não é violento desde que esteja de acordo com as regras” senão um indício da fragilidade desse mesmo esporte dentro do universo esportivo? Em outras palavras, e uma vez que o adjetivo “violento” parece ser utilizado aqui como algo contrário à esportividade, se há a necessidade em se afirmar seu caráter desportivo, é porque existe considerável desconfiança quanto ao mesmo. Dessa forma, voltamos a nos questionar: a prática do boxe, em Londrina, configura-se como um *habitus*? Ao que tudo indica, não. Talvez um campo? Também não, mas isso não significa que se constitua num não-campo, afinal, esse esporte não é totalmente desestruturado. Talvez seja possível pensá-lo como um campo em processo de estruturação. Contando com praticantes, adeptos, regras, federações e sistemas de organização e

teledifusão bastante estruturados, consagrado ou não o boxe encontra-se inserido no universo dos esportes, embora, como destacado, vez ou outra tenha sua legitimidade esportiva posta em cheque. Assim, talvez possamos pensá-lo como um proto-campo, ou, quem sabe, um “campo por vir a ser”. Segundo Roger Chartier,

Os campos, segundo Bourdieu, têm suas próprias regras, princípios e hierarquias. São definidos a partir dos conflitos e das tensões no que diz respeito à sua própria delimitação e construídos por redes de relações ou de oposições entre os atores sociais que são seus membros. (CHARTIER, 2002, p. 140)

O campo, portanto, é definido a partir do jogo de inter-relações entre atores sociais que disputam, promovem conflitos, tensões e, de diferentes formas, delimitam fronteiras mais ou menos precisas daquilo que é, ou daquilo que pode vir a ser, um campo bem estruturado. No caso do boxe, sua prática costuma ser questionada por *outsiders*. Em contrapartida, profissionais como Miguel de Oliveira e Bert Sugar³¹ confirmaram a instabilidade do proto-campo pugilístico ao simplesmente disporem-se a clarificar seu caráter desportivo. Caso estivessem seguros quanto ao “consenso” de que o boxe, assim como o futebol, o vôlei ou a fórmula 1 é de fato um esporte, eles simplesmente não o fariam, pois teoricamente não haveria essa necessidade. Dito isto, surgem-nos algumas questões: qual é o perfil daqueles que, em Londrina, praticam o boxe? De que forma essas pessoas utilizam e apropriam-se do Moringão? E, novamente, qual é o espaço ocupado por esse esporte nessa cidade?

Antes de nos atermos àquelas problemáticas, reforçamos: uma vez que o Moringão não é reservado exclusivamente à prática do pugilismo, as ocorrências desta, naquele, tornam-se condicionadas a uma série de fatores concernentes à vida em comunidade ou à cidade como um artefato. Assim como o espaço de lazer em um edifício residencial, em um ginásio não há como todos usufruírem de suas dependências ao mesmo tempo. Seguindo essa mesma lógica, o ginásio não comportará, em uma mesma situação, torneios de futsal, handebol e boxe. Faz-se necessário, portanto, prévio agendamento, organização e estratégia mais apuradas que a requerida no fictício condomínio, porque não se tratam de dezenas de moradores, mas de milhares de indivíduos dividindo um mesmo espaço público.

³¹ Tratamos de Bert Sugar no capítulo anterior.

Também ressaltamos que a prática do boxe em Londrina e no Brasil, tanto em âmbito profissional quanto amador³², possui uma trajetória bastante discreta e alguns dos reflexos concernentes a esta sutileza foram identificados por nós em matérias do periódico regional Folha de Londrina. Como destacado, é por meio de matérias de jornal e entrevistas³³ que nos amparamos, historicamente falando, enquanto na elaboração do presente capítulo. Dando-lhe continuidade, então, a partir daqui trataremos da cooperação³⁴ envolvendo o ginásio Moringão, Miguel de Oliveira, seus pupilos e a Federação Paranaense de Pugilismo.

2.2 ACADEMIAS E A FEDERAÇÃO PARANAENSE DE PUGILISMO

Miguel de Oliveira atuou em duas academias de Londrina: a que ele mesmo fundou (e que, desde a década de 1970 até agora, já mudou de nome e de lugar) e a Academia da Rádio Patrulha (RP). Iniciemos por esta. Discorrer sobre ela é um desafio, pois devido à sua escassez documental muitas de suas informações nos são desconhecidas. No entanto, por meio de entrevistas realizadas com antigos alunos pudemos saber um pouco mais sobre o seu vínculo com a Polícia Militar do Paraná (PMPR) que, até 1977, não contava com a atual e espaçosa sede do 5º Batalhão da Polícia Militar (BPM), localizada em Londrina, na Rodovia Celso Garcia Cid (POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ, s/d, s/p). Até então, o BPM situava-se em um espaço locado no Jardim Shagri-lá e, provavelmente devido às suas dimensões, era obrigado a promover parte de suas atividades em outros locais.

Em entrevista, um dos alunos daquela antiga academia relatou o seguinte:

³² O conceito de “amador” aqui empregado pode induzir o leitor ao engano. Por definição, uma prática amadora é aquela que, sem remuneração, é realizada por gosto e/ou sem pretensões profissionalizantes. Todavia, o boxe amador refere-se à versão olímpica do esporte. De fato não há remuneração salarial, mas financiamentos federais como o Bolsa Atleta são voltados para aqueles que estão aptos a participar de competições em nível nacional, internacional ou mesmo das Olimpíadas (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2013, s/p). Ainda, é de praxe que os/as pugilistas adquiram experiência nas categorias amadoras antes de aventurarem-se no universo profissional, no qual se firmam contratos com promotoras particulares e quaisquer in experiências podem prejudicar permanentemente seus currículos como lutadores.

³³ Enquanto na condição de aluno na Escola de Boxe do Londrina Esporte Clube, além dos treinos, conversas e anotações também coletamos uma série de entrevistas com indivíduos que estão/estiverem inseridos nas mencionadas instituições, seja ensinando, organizando, administrando, lutando, enfim.

³⁴ No sentido latino do termo, ou seja, referimo-nos a operação/realização de algo em conjunto.

Eu não era obrigado a ir pra academia. Quem tinha que ir era o povo da Rádio Patrulha. Eu costumava ir lá, sabe? Ficava lá na Sergipe. Eu ia bastante lá, mas não pra treinar. A gente ia lá passar um tempo, ver os amigos. Eu gostava de assistir os treinos lá, era bonito [...]. (LIMA, 2014).

Lima é um ex-policia! que aderiu à instituição em 1975 e, por meio de sua fala, é possível identificar duas importantes informações: 1) a academia localizava-se na Rua Sergipe, no centro de Londrina; 2) nela eram realizadas aulas de defesa pessoal que eram obrigatórias aos policiais de certos departamentos³⁵. Em outras palavras, o BPM e a academia situavam-se em lugares diferentes e, a alguns policiais, como os da RP, restavam às obrigatórias visitas àquela academia como uma forma de cumprimento de suas demandas trabalhistas policiais. Sobre esta questão, o excerto abaixo nos é bastante elucidativo:

Tinham os horários definidos pra cada tipo de luta. Você era obrigado a participar só de um, mas se quisesse participar de mais, tudo bem. Precisava ir lá duas ou três vezes por semana porque tinha que assinar um livrinho. Lá tinha um livrinho [...] Lá, também, a pessoa se preparava pra campeonato. Eu sabia que tinham campeonatos 'fora', mas eu não participei de nenhum. (OLIVEIRA, 2014).

Oliveira também é ex-policia! e, assim como Lima – que é seu ex-colega de turma durante o curso preparatório e, posteriormente, de profissão –, ingressou na polícia em 1975, mas diferentemente de Lima, ele tinha como obrigação atender semanalmente a academia, uma vez que integrava a RP.

Por meio das informações apresentadas, é possível inferir que os policiais que atuavam “na rua” deveriam praticar, ao menos, uma das lutas esportivas oferecidas naquela academia. Civis e policiais de outros setores, como o da banda musical, também eram bem-vindos, embora aqueles tivessem de pagar mensalidade e estes se encontrassem destituídos de quaisquer obrigações³⁶. Oliveira também mencionou um incerto número de obrigatórias visitas semanais à academia. “Precisava ir lá duas ou três vezes por semana”, disse ele antes de reportar a existência de certo livreto. “Assinar um livrinho” e compromissos relacionados ao trabalho, com dia e hora marcados; estes elementos sugerem-nos que o livrinho nada mais era que uma

³⁵ Ao longo da entrevista, Lima explicou que não era obrigado a frequentar as aulas, pois suas funções diziam respeito somente à banda musical da polícia.

³⁶ Quando questionado sobre quem frequentava os treinos, Lima afirmou o seguinte: “Não tinha só PM não, tinha civil também. A academia era vinculada à PM, sabe? Mas podia ir quem quisesse. Pros PM's era de graça, mas pros familiares e civis tinha que pagar mensalidade” (LIMA, 2014).

forma de comprovar presença no serviço, ou seja, “bater o ponto”. Ainda, é importante destacar que, além daquelas exigências, dentre as atribuições da academia da RP constava o preparo de competidores. Como mencionou Oliveira, naquela academia eram praticados diferentes tipos de lutas em momentos pré-determinados e havia campeonatos “lá fora”. Quando questionado sobre essa afirmação, Lima respondeu o seguinte: “Eu sei que tinha, mas eu nunca vi nenhum. De boxe eu sei que tinha. Eles treinavam pra competição. Eles viajavam pra ir competir, pra fazer o nome da PM lá fora, mas eu não sei te falar de nenhum. Eu só sei que tinha” (LIMA, 2014). “Fazer o nome da PM lá fora”, “tinham campeonatos fora”. Ao dizer aquilo Lima sugeriu que aconteciam disputas esportistas exteriormente às dependências da academia ou, possivelmente, da cidade e mesmo do Estado; afinal, são agentes da PMPR que, segundo ele, viajavam “para fora” justamente para tal finalidade. Seja como for, fomos capazes de descobrir apenas duas menções sobre a participação dos alunos daquela academia em torneios e uma delas se encontra publicada no formato de matéria na edição de 2 de setembro de 1986 do Folha de Londrina. Intitulada *A lenda viva do boxe de Londrina*, a matéria se constitui numa entrevista que foi realizada com o Sargento Maurício Agostinho Pereira que, na época, indignado com os rumos que o boxe em Londrina vinha tomando, rememorou o Campeonato Paranaense de 1978 disputado em Ibiporã/PR e criticou de forma severa as supostas injustiças cometidas contra seus pupilos da RP nessa ocasião além de ter mencionado, bastante orgulhoso, o 1º Campeonato Nacional de boxe que foi realizado em Londrina e promovido pela mesma academia (A LENDA VIVA..., 1986, p. 18).

Até aqui discorreremos sobre uma academia vinculada à PMPR na qual era praticada uma série de modalidades de lutas esportivas e, dentre elas, o boxe. Pode-se sugerir que a posição ocupada por ela, em Londrina, foi majoritariamente institucional, uma vez que ela serviu como um espaço preparatório frequentado principalmente por policiais estaduais sob regime de obrigatoriedade e, de forma menos recorrente e facultativa, a civis e a outros militares que porventura tivessem interesse em treinar, participar de campeonatos ou encontrar os amigos. Ela também funcionou como um espaço de sociabilidade, portanto. Dentre as práticas combativas lá ofertadas, a do boxe ficava aos cuidados do treinador Sargento Maurício Augustinho Pereira, o mesmo que mencionamos agora há pouco. Inclusive, foi junto a ele que Miguel de Oliveira passou a lecionar boxe em Londrina,

debutando naquela mesma academia. Essa experiência, segundo César Augusto Pereira³⁷ (2014), impulsionou a carreira de Miguel de Oliveira como treinador, árbitro e proprietário de academia(s).

Quanto à Academia da RP, com exceção daquela entrevista com o sargento, não identificamos novas informações suas após 1975³⁸. A academia da RP já não existe e, como em 1977 o 5º BPM teve sua sede transferida para um novo e espaçoso local, estamos inclinados considerar que, paulatinamente, o vínculo entre elas foi se findando ao passo em que as atividades foram transferidas. De acordo com o portal online da PMPR, “A (atual) unidade dispõe de estande de tiro, salas de aula equipadas e estruturadas, campo de futebol e um espaço para eventos” (POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ, s/d, s/p), o que reforça nossa hipótese.

De qualquer forma, é naquele íterim que Miguel de Oliveira, junto com o extinto Clube Vila Nova de Futsal, instalou sua primeira academia, a Esporte Clube Vila Nova (ECVN)³⁹. Tendo funcionado até a primeira metade da década de 1990 (quando lhe foram alterados nome, local e parceria), esta é uma das primeiras academias particulares de Londrina especializada em boxe que, como demonstraremos, manteve um notável “diálogo”⁴⁰ com o Moringão. Por “notável”, no entanto, não queremos induzir o leitor a considerar que sua frequência tenha sido assídua. Muito pelo contrário. Apenas chamamos atenção para o fato de que, quando comparado a outros momentos da história de Londrina, que representa um espaço tradicionalmente “morno” para o desenvolvimento e popularização da prática profissional do pugilismo, o tal “diálogo” mostrou-se estatisticamente mais recorrente.

Tratamos de uma instituição particular especializada em um esporte (o boxe); logo, por intermédio dela, a discussão que concerne à condição artefactual de Londrina “assume outros contornos”. Sobre os porquês disso, bem, o Moringão, como explicitado, constitui-se num espaço público, regido pelo Estado, não necessariamente visa o lucro e nele são praticados os mais diferentes tipos de

³⁷ Bicampeão paranaense de boxe amador, atual técnico e diretor técnico da FPP, afilhado de Miguel de Oliveira e professor da Escola de Boxe do Londrina Esporte Clube.

³⁸ No exemplar de 28/09/1979 da Folha de Londrina, há uma matéria intitulada “Qual é a deles: gente que luta boxe” por meio da qual somos informados da existência de duas academias de boxe em Londrina. Uma delas é a Esporte Clube Vila Nova. O nome da outra não foi mencionado. Talvez seja a Academia da RP, mas não encontramos evidências disso.

³⁹ É digno de nota que não houve consenso, entre os entrevistados, sobre a localização da academia, embora as sugestões sempre se enquadrem no centro da cidade.

⁴⁰ O termo aqui empregado diz respeito à cooperação entre ginásio e escola de boxe.

modalidades esportivas. Quanto à ECVN, sua direção depende de Miguel de Oliveira que, além de treinador, é empresário e seu proprietário. Lúdico e subsistência permeiam aquele estabelecimento; portanto, caso os serviços ofertados por ele não arregimentem público pagante suficiente para que houvesse superávit, sua bancarrota seria certa. Reforçamos: cidades são artefatos condicionados pelos diferentes tipos de elementos que a constituem, como espaços esportivos públicos e privados. A escola de Miguel continua aberta, então os treinos de boxe por ela oferecidos vêm mantendo sua balança financeira em níveis positivos. Em outras palavras, em Londrina há um fluxo harmônico entre oferta e demanda pela prática do boxe, o que confirma a inserção dessa escola no complexo jogo de inter-relações sociais londrinense. A cidade é uma ferramenta viva, constantemente personalizada a partir dos usos e desusos que os indivíduos dela fazem. Buscando exemplificar esta questão, sugerimos que seja imaginada uma cidade com várias universidades, como é o caso de Londrina. Numa cidade deste tipo, é compreensível que haja nela elementos condizentes ao perfil de seus cidadãos. No exemplo em questão, isso pode se dar por meio de um notável número de moradias estudantis, lanchonetes, bares e outros espaços de sociabilidade que dialogam com o perfil dos cidadãos universitários. Seguindo essa mesma lógica, é possível imaginar a existência de uma ou mais academias de boxe como sendo fruto(s) de demandas sociais. Da mesma forma que a cidade-ferramenta (e inserida nela), a escola de boxe também é passível de usos e desusos que a configuram no espaço social (BOURDIEU, 2004).

Retomemos a discussão sobre o processo de modernização londrinense a fim de que melhor compreendamos a sua relação para com a prática pugilística. Como mencionado, o Moringão foi fundado em 1972 e a ECVN entre o fim dessa mesma década e o início dos anos 1980. Aproximadamente dez anos separam as fundações dessas duas instituições que, localizadas na área central de Londrina, viriam a atuar juntas por intermédio de eventos pugilísticos de relevo interestadual, nacional, sul-americano e intercontinental⁴¹. Sobre as fontes periódicas nas quais identificamos informações referentes à prática de boxe naquele ginásio, são elas 16 matérias e artigos do Folha de Londrina, datadas entre 1981 e 1993. Ressaltamos que o número de matérias concerne especificamente às que abordam a participação de Miguel de Oliveira e/ou de seus pupilos em eventos pugilísticos realizados no

⁴¹ Vide as matérias periódicas contidas no referencial bibliográfico desta dissertação.

Moringão, seja arbitrando, organizando ou mesmo lutando. Essas menções, a propósito, circunscrevem-se ao período de atividades da ECVN: 1982 a 1993. Assim, e por intermédio desses números, inclinamo-nos a acreditar que se situe aí o mencionado “maior diálogo” entre as tais academias e o Ginásio, pois é nesse momento que o boxe torna-se mais evidenciado em Londrina. Foi justamente quando ele mais esteve presente em um dos mais importantes espaços esportivos da cidade. Referimo-nos ao Moringão, é claro.

Chegamos a um ponto crucial em nossa investigação. No parágrafo anterior foram mencionadas algumas matérias de jornal cujas publicações encontram-se temporalmente circunscritas a um período composto por treze anos. Ainda, é digno de nota que nem todas as matérias periódicas coletadas por nós serão apresentadas aqui. Mantivemos a preferência por aquelas que tratavam da prática esportiva em Londrina, e esse é o motivo pelo qual um número que já era relativamente pequeno, como veremos, tornou-se ainda menor. Além do mais, em Londrina houve outros eventos de boxe, em outros locais, nesse meio tempo, mas, no Moringão, nesse período, apenas oito foram cobertos pela Folha de Londrina⁴². Assim (e uma vez que, nesse mesmo periódico, a cobertura jornalística voltada para o futebol se dá diariamente), questionamo-nos sobre o que poderia significar um número aparentemente tão escasso de matérias que nem ao menos foram escritas por especialistas em boxe. Algumas possibilidades são: 1) eventos pugilísticos raramente são promovidos em Londrina; 2) na mesma cidade, eventos de boxe não costumam arregimentar público o bastante para que se faça necessário o emprego de uma estrutura tão grande quanto o Moringão; 3) o periódico Folha de Londrina não costuma incluir matérias sobre boxe em suas publicações; 4) as três possibilidades anteriores estão corretas.

Caso analisados, cada um dos pontos mencionados no parágrafo anterior renderia longas discussões, já que dizem respeito à História em âmbitos cultural e social em vários níveis (práticas, costumes, cultura, mídia). No entanto, a opção de número quatro parece a mais plausível, porque, como destacado, Londrina (e o Brasil, de forma geral) representa um “espaço morno” para a prática profissional de boxe, o que de certa forma lhe afeta em seu universo de práticas e consumos

⁴² Os eventos são: Troféu Brasil de Boxe, em 1982; Maguila vs Mike White, em 1984; Título Brasileiro de super galos, em 1984; Maguila vs Hughroy Currie, em 1984; Seletiva Centro-Sul, em 1987; Título Sul-americano, em 1988; Noitada pugilística, em 1992 e Título Brasileiro, em 1993.

(BOURDIEU, 2004). Apesar de contar com equipes amadoras e profissionais, com as mencionadas estruturas (ginásios, estádios e academias) e sediar a FPP, Londrina, até o momento, desenvolveu uma prática pugilística bastante singela, o que talvez explique sua escassa cobertura midiática. Na verdade, ainda parece bastante perigoso sugerir que aquela singeleza clarifique o interesse da mídia pelo tema, uma vez que o contrário também parece um caminho plausível. Seja como for, a fim de que melhor compreendêssemos aquela singeleza, nós nos ativemos à fala a seguir, do escritor e colunista de boxe Henrique Matteucci, que vai justamente ao encontro daquela problemática:

Num passado mais ou menos recente – início das atividades do ginásio do Pacaembu – tivemos no profissionalismo alguns pugilistas de padrão internacional, certamente tão bons quanto os melhores do mundo. Eles só não chegaram ao *ranking* e até mesmo às disputas dos títulos mundiais porque, então, era mínimo o intercâmbio com o exterior. Não tínhamos ligações com os grandes empresários dos Estados Unidos da América e com os europeus, mesmo porque os meios de comunicação e de transporte eram muito precários. E os nossos pugilistas ficavam por aqui mesmo, lutando entre si, sem possibilidade de projeção internacional. (MATTEUCCI, 1988, p. 31)

A fala acima se volta para a São Paulo da década de 1940, quando e onde o ginásio Pacaembu foi fundado. Nesse período, de acordo com o autor, o boxe brasileiro desenvolvia-se, a federação nacional organizava-se e bons lutadores surgiam aos montes, mas existia nesse mesmo período um fator que “anuviava” a carreira de muitos esportistas e que se alonga até os dias de hoje: baixas remunerações e a recorrente falta de patrocínios (MATTEUCCI, 1988; SARMIENTO, 2013; WACQUANT, 2002). Por meio do mesmo excerto, Matteucci também sugeriu que a progressão na carreira pugilística está intimamente ligada à relação entre lutadores/equipes e seus “contatos”, ou seja, ele chamou a atenção para a importância de se criarem vínculos com influentes empresários inseridos em universos onde já existe forte prática pugilística, como em alguns países europeus e nos Estados Unidos. Teoricamente, somente assim seria possível ao lutador adquirir notoriedade bastante para que posições privilegiadas em prestigiosos *rankings* fossem alcançadas e, conseqüentemente, surgissem polpudos e rentáveis contratos.

As décadas se passaram, meios de transporte e comunicação evoluíram exponencialmente e a questão persistiu, mesmo nas supostas “Mecas” frisadas por

Matteucci. Loïc Wacquant em fins de 1980 e início dos anos 1990, enquanto em diálogo com um de seus colegas de academia, apontou-a na seguinte nota:

O *gym* [referindo-se à academia de boxe] é também, e, sobretudo, uma máquina de sonhos. De glória, de sucesso, de dinheiro, é claro. Ganhar um milhão de dólares em uma noite... Que importa se a bolsa⁴³ dos pugilistas que são chamados de boxistas “de clube” não ultrapassa, a duras penas, as duzentas notas por uma luta de quatro *rounds*, mil dólares para um combate que encabeça um programa atraente, em dez *rounds*, e um pouco mais se o Telemundo, uma cadeia hispanófono da cidade, digna-se a deslocar suas câmeras. Quem sabe se, com força de vontade, perseverança, sacrifícios e com conexões bem feitas, talvez um dia... (WACQUANT, 2002, p. 276)

O trecho acima tem como matéria prima uma série de experiências etnográficas vivenciadas em uma academia localizada em um bairro pobre de Chicago, nos EUA. Apesar das realidades bastante diferentes, parece-nos possível estabelecer alguns paralelos com o boxe no Brasil e em Londrina. Como denunciado por Wacquant, estabilidade financeira e pugilismo costumam não caminhar lado a lado, mesmo em países onde este esporte está consolidado, como nos EUA. A não ser que participem de eventos organizados por ricas promotoras associadas a grandes redes televisivas, os lutadores serão “boxistas de clube”, ou seja, participarão de eventos pequenos e continuarão sendo mal remunerados. Ainda, lutadores de categorias amadoras não são pagos para lutar⁴⁴, já o lutador profissional o é, mas é relativamente baixo o número daqueles cujas bolsas e patrocínios garantem-lhes a estabilidade financeira necessária para que não seja necessário dedicar-se, simultaneamente, ao boxe e a outro emprego⁴⁵. No Brasil, o universo pugilístico profissional talvez esteja em situação ainda mais precária; afinal, desde Éder Jofre (cuja atuação profissional se deu entre 1957 e 1976), apenas dois outros lutadores brasileiros conquistaram títulos mundiais em uma das quatro maiores federações internacionais de boxe profissional. São eles Acelino “Popó” Freitas e Miguel de Oliveira. Ou seja, o número de brasileiros que superaram a

⁴³ Os lutadores que lutam na categoria profissional recebem determinada quantia monetária a fim de cobrir os eventuais gastos/investimentos concernentes ao seu ofício. Esse valor monetário é conhecido como “bolsa”. Prêmios, gratificações e uma série de outras situações podem interferir no valor das bolsas dos lutadores, o que as torna bastante variáveis.

⁴⁴ Cada país tem suas próprias regras e estruturas. No Brasil, a CBBBoxe possui vínculos com a AIBA, unicamente. Ou seja, todas as competições associadas a ela são de caráter amador.

⁴⁵ Em entrevista à Folha de Londrina de 28 de setembro de 1979, Miguel de Oliveira lamenta pelo fato de que, usualmente, a maioria dos lutadores tem de conciliar emprego, estudos e treinos num mesmo dia (GENTE QUE LUTA BOXE, 1979, p. 17).

condição de “boxistas de clube” é muito baixo e, quando comparamos esses números ao de estadunidenses, mexicanos e porto-riquenhos que o fizeram, a disparidade torna-se ainda mais evidente (WORLD BOXING COUNCIL, WORLD BOXING ASSOCIATION, WORLD BOXING ORGANISATION, s/d, s/p).

A fim de que sejamos mais claros, voltemos nossas atenções para a seguinte estatística: nacionalidade/título de campeão Peso Pesado pelo World Boxing Council. De 1964 até 1986, este cinturão⁴⁶ foi monopolizado por lutadores estadunidenses até que o canadense Trevor Berbick sagrou-se campeão. Todavia, ainda no mesmo ano, Berbick viria a sofrer aterradora derrota diante de Mike Tyson e, novamente, o cinturão voltou a “pertencer” aos Estados Unidos quando, em 1993, o inglês Lenox Lewis conquistou-o. É possível que um mesmo lutador mantenha determinado título por alguns meses ou anos, quando finalmente é derrotado ou aposenta-se, tornando-se emérito. No entanto, ao nos atermos às nacionalidades dos campeões de quaisquer categorias de peso, de qualquer uma das quatro grandes entidades pugilísticas, é possível identificar a esmagadora presença de lutadores estadunidenses. No caso do World Boxing Council (WBC), desde sua fundação em 1964, vinte e um lutadores pesos-pesados sagraram-se campeões. Por vinte e cinco vezes o título “trocou de mãos”. Em quinze dessas vezes, essas mãos eram de quatorze estadunidenses. Portanto, mais de 50% dos detentores deste título são naturais dos EUA. Mais da metade das vezes em que o mesmo título trocou de dono, essa pessoa era estadunidense. O “monopólio” é estatisticamente evidente.

Repetimos: dentre os pugilistas campeões mundiais pelas grandes entidades de boxe constam três brasileiros. Éder Jofre⁴⁷, Acelino “Popó” de Freitas⁴⁸ e Miguel de Oliveira⁴⁹. Ao compararmos esse número de campeões com o exemplo levantado no parágrafo anterior, notamos diferenças consideráveis. No entanto, ressaltamos que o fato de a história do boxe, em determinada unidade administrativa (seja país, estado ou cidade), contar com maior ou menor consolidação enquanto prática não representa, para uma pesquisa no campo da História, algo bom ou ruim, mas nos oferece informações que concernem ao seu espaço ocupado dentro de determinado

⁴⁶ O cinturão representa o título de campeão.

⁴⁷ “Foi campeão dos galos de 1960 a 1965 pela World Boxing Association (WBA) e dos penas de 1973 a 1974 pelo WBC” (BALDINI, 2016, s/p).

⁴⁸ Ao longo das décadas de 90 e 2000, foi “campeão dos superpenas pelo WBC e pela WBA e duas vezes campeão dos leves pela World Boxing Organization (WBO)” (BALDINI, 2017, s/p).

⁴⁹ “Há exatos 40 anos, ganhava o título mundial dos médios-ligeiros do WBC” (BALDINI, 2015, s/p).

universo esportivo. Sobre como analisá-lo, retomamos aquilo que sugeriu Pierre Bourdieu sobre manter em mente uma série de indicadores relativos aos perfis dos praticantes, a distribuição de federações e academias. Voltemos a estes pontos tendo em vista o caso das academias de Miguel de Oliveira.

Em 1994, uma parceria firmada entre Miguel de Oliveira e o Londrina Esporte Clube traria profundas transformações à ECVN. A partir de então, a renovada (e renomeada) Escola de Boxe do LEC passou a funcionar sob as arquibancadas do Estádio VGD, juntamente à FPP. Grosso modo, Escola e Federação são a mesma instituição, embora não sejam a mesma coisa. Elas dividem o mesmo espaço físico e são geridas pelas mesmas pessoas, mas possuem cada uma suas respectivas funções. As federações (que são reguladas pela CBBoxe), são responsáveis pela organização, regulamentação e fiscalização de eventos e competições esportivas (CBBOXE, s/d, s/p). Já a academia (que também pode organizar seus próprios eventos) representa a

forja em que se modela o pugilista, a oficina em que se fabrica esse corpo-arma e armadura que ele se apressa por lançar em confronto no ringue, o cadinho em que são polidas as habilidades técnicas e os saberes estratégicos, cuja delicada reunião faz o lutador acabado, enfim, o forno em que se alimenta a chama do desejo pugilístico e a crença coletiva no bom fundamento dos valores indígenas, sem os quais ninguém iria se arriscar de modo duradouro entre as cordas. (WACQUANT, 2002, p. 32)

É importante destacar que as federações esportivas brasileiras passaram, ao longo da segunda metade do século passado, por algumas reformulações que hoje se encontram prescritas na Lei Pelé (BRASIL, 1998):

A Confederação Brasileira de Pugilismo, entidade muito mais eclética que a atual, durante vários anos administrou uma série de esportes de combate, como Karatê, Judô, Capoeira, Artes Marciais, Luta Livre e Greco-Romana. Até o momento em que tais modalidades foram se organizando e formando suas próprias entidades específicas [...] Na Assembleia Geral Extraordinária em 8 de maio de 1998, com a reforma dos estatutos e adequação à Lei Pelé, a denominação foi alterada para Confederação Brasileira de Boxe. (CBBOXE, s/d, s/p)

Por meio desse excerto é possível constatar que a CBBoxe data de 1998. Até então, sob a vaga alcunha de Confederação Brasileira de Pugilismo⁵⁰, nela eram

⁵⁰ Boxe e pugilismo são sinônimos apesar de que, etimologicamente falando, o segundo termo pode ser empregado como referência a todas as lutas nas quais se utilizam as mãos para golpear e/ou defender-se.

administradas uma série de modalidades combativo-esportistas diferentes e que dividiam ao menos um elemento comum. Referimo-nos ao fato de que em todos os esportes englobados por ela fazem-se uso dos punhos. Daí o emprego do termo “pugilismo” de forma tão genérica. Quanto a Londrina, seu caso não difere muito daquele:

Ela (a antiga federação londrinense de lutas) já foi na Guaporé ou no Araguaia, lá perto do terminal. Não me recordo onde, mas já foi em outros lugares. Já foi em Curitiba também [...] Como eu disse, a lei Pelé autorizou. Antigamente havia uma única federação de esportes ou de luta, não sei dizer ao certo. Isso é muito antigo. Todos os esportes de luta era lá, fechado. Daí, de acordo com uma portaria, as federações tiveram que se desmembrar, tornando-se específicas. Ou seja, não existia uma Federação Paranaense de Pugilismo, pois ela fazia parte dessa entidade. (AUGUSTO PEREIRA, 2014)

As informações contidas na fala acima nos são fundamentais, mas são dignos de nota os vários momentos em que o depoente mostrou-se um tanto quanto impreciso. “Não me recordo onde”, “não sei dizer ao certo”, “já foi na Guaporé ou na Araguaia”, todas estas dúvidas talvez sejam reflexos da escassez documental sobre o tema e/ou da juventude do depoente, uma vez que os atuais dirigentes e esportistas da Escola de Boxe ainda eram crianças ou adolescentes no momento de sua fundação. Para além daquelas imprecisões, no entanto, algo nos parece certo: entidades esportivas transformaram-se e continuam a fazê-lo. No caso de Londrina, algumas de suas entidades esportivas tiveram seus nomes alterados, desmembraram-se, foram transferidas para outras localizações, enfim, com o passar dos anos elas acompanharam uma série de mudanças em diferentes níveis, desde estruturais até legislativos. Em Londrina, de acordo com César Augusto Pereira, a hoje denominada FPP já compôs outra entidade maior, “emancipou-se”, foi transferida para outra rua, cidade até que, em 1994, foi instalada sob as arquibancadas do VGD, junto à Escola de Boxe, onde continua a funcionar até hoje.

Ainda, chamamos atenção ao seguinte: diferentemente da Escola de Boxe, a ECVN não dividiu espaço com qualquer federação esportiva. Não havia, portanto, essa aparente “centralização” como a existe hoje. A partir de 1994, a única academia especializada em boxe de Londrina passou a compor um clube poliesportivo, estando instalada no estádio dele e dividindo espaço com a entidade que a fiscaliza e regulamenta. O boxe nessa cidade, a partir de então, passou a apresentar-se de forma “nuclear”, condensada, literalmente, em um mesmo salão ao

passo em que, como discutiremos a seguir, vê-se cada vez menos povoado por atletas que buscam nele uma forma de profissionalização.

E por falar em profissionalização, são várias as motivações que podem levar o indivíduo a praticar o boxe. Defesa pessoal, *fitness*, inclinações violentas, autoafirmação, busca pelo autocontrole, apreço por brigas de rua, fama, riqueza, enfim, a lista é imensa e continuá-la fugiria aos nossos propósitos. Assim, tomemos como referência apenas duas das mencionadas possibilidades: *fitness* e profissionalismo. Estas sempre estiveram presentes nas academias abordadas aqui, seja em maior ou menor grau, conforme o passar das décadas. Na academia da RP havia uma grande parcela de praticantes policiais que se mantinham fisicamente preparados para situações de risco ou de combate. Enquadram-se na categoria *fitness*, portanto, mas entre os policiais e civis que lá frequentavam havia alguns competidores. Já na ECVN, de acordo com Miguel de Oliveira,

o pessoal que nos procura é o mais variado, desde garotos que vem para o aprendizado pedagógico, passando pelos jovens com intenção competitivas, à senhores de certa idade para a simples manutenção da forma física. E tem até moças em número bastante elevado que se interessam pelo boxe, por diversos motivos. (MACEDO, 1986, p. 20)

Datada de 1986, na fala de Oliveira, em entrevista à Folha de Londrina, foi sugerido que os alunos da ECVN formavam um grupo bastante heterogêneo. Questionado sobre o público que atendia aos treinos, Oliveira destacou que havia garotos, jovens, pessoas mais velhas e “até moças”. Aparentemente estas últimas foram citadas de forma a provocar surpresa ao interlocutor, o que sugere a costumeira baixa participação de mulheres jovens nesse esporte nesse período e, consecutivamente, reforça a mencionada diversidade entre os alunos lá presentes. Todavia, como discutido, a ECVN também se situa no período em que o boxe londrinense encontrava-se “mais efervescente” e, portanto, o espaço ocupado por ele permeia o *fitness* e o profissionalismo (com destaque para este), mas não institucional, como no caso da academia da RP. A Escola de Boxe, por outro lado, conta com alunos cujos perfis diferem em alguns pontos das outras duas. Dito isto, chamamos a atenção à fala de outro de nossos entrevistados:

Está crescendo o número de gente querendo praticar, mas nós estamos perdendo, principalmente aqui no Sul, os atletas. A maioria quer manter o físico. Os filmes e a tevê tem sido bons para o boxe,

pra nobre arte, porque tem tido mais procura, mas a formação de atletas continua difícil. (EDILSON PEREIRA, 2014)

Edílson Pereira é pugilista profissional, campeão em vários níveis⁵¹, treinador na Escola de Boxe do LEC e ex-pupilo de Miguel de Oliveira. De acordo com ele, o número de praticantes *fitness* cresceu ao passo em que o de atletas diminuiu, principalmente no sul do país. Logo, é possível constatar novas mudanças no perfil daqueles que, em Londrina, praticam o boxe e, consecutivamente, o espaço ocupado por este esporte também se transforma. Ainda de acordo com Edilson Pereira, o número de alunos não diminuiu, mas sim o daqueles que buscam profissionalizar-se. E o quê isso significa? Assim como todo processo histórico, nunca há apenas um motivo, um gatilho desencadeador. De fato, o espaço ocupado pelo boxe em Londrina mudou, uma vez que um considerável número de praticantes vem se apropriando desse esporte tendo em vista novos propósitos. Seria empobrecedor à nossa pesquisa, todavia, não mencionar a provável interferência, por parte da expansão das *multiple martial arts* (MMA), neste processo. Benedito Donizeti, vulgo Japonês Preto, que é outro antigo pupilo de Miguel de Oliveira e ex-campeão brasileiro de boxe (outro de nossos entrevistados) afirmou que o pugilismo é apequenado por aquelas lutas esportivas. De acordo com ele, “MMA e muay thai tão dominando tudo. Eles pegam o ibope do boxe. O povo só fala disso aí. Eu não sou muito chegado não, porque é muito violento. O povo fala que boxe é violento, mas esse MMA é dez vezes pior” (DONIZETI, 2014).

Ao que tudo indica, Donizeti acredita que o boxe vem perdendo seu espaço como um todo. Tanto o tom quanto as palavras utilizadas por ele revelam seus posicionamentos “pró-boxe” e “anti-MMA”. De acordo com ele, o “ibope [do boxe] é pegado” pelos outros. É como se algo estivesse sendo roubado ou tomado indevidamente. Já Edílson Pereira mencionou transformações mais pontuais e menos dramáticas no espaço ocupado pelo boxe em Londrina. De acordo com ele, não houve diminuição de sua popularidade, mas hoje são outras as motivações que levam o indivíduo para a academia. Há ainda uma terceira opinião que foi levantada por Rafael Bandeira, que é professor na Escola de Boxe e membro titular da seleção paranaense de pugilismo. Em entrevista, quando questionado sobre supostas perdas de popularidade e espaço dentro do universo esportivo, ele afirmou que

⁵¹ Dentre eles, Edílson conta com o título de campeão amador brasileiro.

O esporte não perdeu, na verdade. O que acontece, aqui no Brasil, é que a Globo foca só o MMA. O que a Globo passa é o que o Brasil vê. Em qualquer outro país, o boxe continua muito mais forte que o MMA. As bolsas do boxe são melhores que as do MMA. Inclusive, os dois atletas mais bem pagos do mundo são pugilistas. São eles o Mayweather e o Pacquiao seguidos pelo Tiger Woods [...] O boxe tinha popularidade aqui, mas o que acontece é que o brasileiro não gosta de esportes, mas sim de campeões. A partir do momento em que não há campeões, eles param de apoiar. O vôlei, por exemplo, tinha muita mídia. Agora que parou de ganhar, perdeu. Todos os esportes onde o Brasil para de ganhar são esquecidos. O Cielo era famoso, agora está esquecido. Ninguém fala dele. O brasileiro não gosta de apoiar o esporte. Nossa esperança são os irmãos: Yamaguchi e Esquiva. No entanto, eles são novos. A popularidade deles pode vir só daqui dois ou três anos [...] Eu acho que estagnou. Bom, pode melhorar com os irmãos. Caso eles ganhem, a Globo pode focar de novo, daí o esporte pode explodir de novo, igual na época do Popó. A mídia era forte, por exemplo, na época do Maguila e do Éder [...] (BANDEIRA, 2014)

Bandeira toca em outros pontos não levantados pelos dois últimos entrevistados. Além de mencionar o baixo número de brasileiros a se destacarem no boxe, ele também tece uma relação, embora de forma bastante breve, entre o espaço simbólico e midiático ocupado pelo boxe no Brasil e o descaso, por parte dos próprios brasileiros e uma de suas principais emissoras de televisão, para com os esportes nos quais não há recorrentes conquistas. Ele também vê no pugilismo uma prática que, no momento, vê-se estagnada em âmbito profissional no Brasil, mas que pode reerguer-se já que há dois novos pugilistas brasileiros em cena e cujas carreiras, até o momento, parecem bastante promissoras, afinal, eles se encontram invictos. Bandeira não mencionou a suposta e generalizada “perda de ibope” levantada por Donizete, pois acredita que o boxe mantém-se “forte” em outros países. Muito mais lucrativo e almejado que o próprio MMA, por sinal. No entanto, sua fala encerra-se no âmbito profissional. Não há qualquer menção sobre a prática *fitness* destacada por Edílson Pereira, por exemplo.

Por fim, trazendo um adendo à discussão, é interessante notar a forma como o número de academias poliesportivas multiplicou-se (e continuam a fazê-lo) ao passo em que as especializadas não acompanharam tal crescimento. Para que sejamos mais claros, ressaltamos que as academias poliesportivas são aquelas que, em um mesmo espaço, são ofertadas aulas de musculação, de variadas lutas, danças, etc. Também há, em algumas delas, o preparo de competidores profissionais, mas nota-se, majoritariamente, toda uma estrutura voltada para a

demanda que se encontra particularmente “em alta”: referimo-nos ao *fitness*. Teria isto a ver com supostos reflexos de conservadorismos (desvalorização do lutador profissional, embora haja apropriação de seus treinos como forma de emagrecimento e/ou manutenção da saúde) ou seria um sintoma das demandas sociais “modeladoras” da artefactualidade municipal? Acreditamos que a primeira questão não faça muito sentido, pois a condição de esporte “violentíssimo”, até então conferido exclusivamente ao boxe, hoje pertence majoritariamente às MMA, que são ofertadas e amparadas por uma série de academias e lojas esportivas que, em Londrina, multiplicam-se exponencialmente junto às mencionadas academias que oferecem múltiplos esportes, acompanhando também o crescimento internacional do principal promotor de eventos televisionados de MMA, o Ultimate Fighting Championship (UFC)⁵². Talvez seja esta uma nova transformação no espaço esportivo londrinense naquilo que concerne aos esportes de luta, no entanto, não trataremos aqui destas questões.

⁵² O UFC é uma organização de lutas marciais mistas que realiza eventos de Multiple Martial Arts ao redor do mundo. MMA não é um tipo de luta, mas um “ajuntamento” de várias modalidades. Um lutador pode utilizar, por exemplo, ao mesmo tempo, técnicas do boxe, de judô, de caratê, de muay thai, etc.

3. FOTOGRAFIAS: APROPRIAÇÕES E REPRESENTAÇÕES

Nesta pesquisa realizamos análises de imagens fotográficas de forma a melhor compreender as representações pugilísticas nelas contidas e, ao fazê-las, coube-nos uma série de cuidados metodológicos. Com relação às nossas fontes imagéticas de estudo, destacamos que elas são fotografias tiradas por diferentes fotógrafos, em diferentes temporalidades e que registram eventos, treinos, torneios, enfim, cenas concernentes ao universo pugilístico circunscrito às academias onde atuou Miguel de Oliveira entre as décadas de 1970 e 2000. Ressaltamos: uma vez que aqui tomamos o campo histórico como pano de fundo, coube-nos definir aquilo que compreendemos por representação, relacioná-la às imagens fotográficas além de problematizar a fotografia enquanto uma construção passível de múltiplas apropriações.

Ao aludir a Lewis Hine, Peter Burke destacou que “as fotografias não mentem apesar de os mentirosos fotografarem” (BURKE, 2004, p.25). Em outras palavras, assim como qualquer outro documento histórico a fotografia é sempre uma construção, portanto ela também é fruto de escolhas e, por mais que ela não possa mentir (já que ela representa aquilo que é capturado no instante em que o gatilho da máquina é disparado), as escolhas tomadas pelo fotógrafo (como cenários, objetos, ângulos, emprego da luz, posicionamentos, etc.) podem sugerir ou reforçar determinadas mensagens em detrimento de outras. Pode-se fotografar a praia de Copacabana, omitir as submoradias em seu entorno e, assim, sugerir uma “excelente” (e maquiada, diga-se de passagem) realidade social para aquele local. Dessa forma, a fotografia é, antes de tudo, a representação das intencionalidades do fotógrafo, um fruto da ação humana cuja investigação de forma alguma nos possibilita resgates do passado, pois

o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu [...] mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e o tempo que passa, os historiadores. (LE GOFF, 1990, p. 535)

Repetimos: não há meios de retomar o passado e, ao investigarmos fotos relacionadas ao boxe, fazemos emprego do conceito de representação principalmente por dois fatores. São eles o tempo e o espaço. Não ousaremos nos

adentrar em discussões que interessam principalmente aos químicos e aos físicos, mas como é sabido, uma série de reações mais bem estudadas pelas ciências naturais são responsáveis pelo infinito número de diferentes tipos de transformações que são provocadas a todo momento e em todo lugar. Por exemplo, é por meio de determinados processos que estrelas nascem e morrem, cadeias montanhosas são formadas e continentes ajeitam-se sob gigantescas placas tectônicas. Já entre as mudanças mais rápidas e de menor escala (e são elas que mais nos interessam), podemos citar o envelhecimento de uma pessoa, a decomposição de uma casa de madeira ou o desgaste da tinta amarela de suas paredes. Enfim, sejam aquelas transformações microscópicas ou não, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que aquilo ou aquele que é registrado deixará de ser exatamente o que era daqui a vinte minutos, uma hora, três dias ou dois anos. Esse tempo é relativo e o momento em que estas transformações se tornarão visíveis a olho nu variarão, evidentemente, mas, em suma, acreditamos que o tempo seja um fator digno de menção, pois o momento em que algo ou alguém é registrado configura-se numa das escolhas do fotógrafo. Por que, por exemplo, fotografa-se uma bonita casa amarela de madeira – como a que acabamos de imaginar – enquanto ela está novinha, mas o mesmo não acontece quando sua pintura encontra-se arruinada e as suas paredes estão sujas? Talvez uma escolha como essa possa não ser tão inocente quanto parece. Sobre o fator espaço, bem, é importante manter em vista que os fotógrafos também fazem escolhas ao registrar certos elementos, sob determinadas perspectivas ou ângulos, em detrimento de outros, e essa decisão configura-se tanto o caráter construtivo quanto representativo de uma fotografia. Já mencionamos o caso da cidade do Rio de Janeiro e como um enquadramento fotográfico seu pode omitir informações, destacar outras e, assim, construir uma série de narrativas que, como fica claro, são bastante maleáveis. Ainda, indivíduos também são passíveis desse tipo de construção. Não é para menos que modelos e musas *fitness* têm seus “melhores ângulos” explorados pelos fotógrafos.

Com relação à associação entre representação e referente, Chartier entende-a como a “relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga” (CHARTIER, 1991, p. 184). A imagem está presente, o objeto intermediado, não, e a representação deste por meio daquela só é possível graças às suas condições homólogas, ou seja, elas são semelhantes, mas não idênticas. Em outras palavras, é importante que nos atenhamos não

somente àquilo que as fotos retratam ou não, mas a todo um complexo processo construtivo que as envolve além da sua recepção, afinal de contas, um dos objetivos da imagem fotográfica é ser vista. Com isso queremos dizer que na mencionada relação imagem/objeto interessa-nos não somente o processo de construção de uma representação imagética, mas também a forma como se dá o seu processo de apropriação.

Sobre os dois últimos conceitos mencionados (representação e apropriação), buscaremos ser mais claros sobre eles por meio do estabelecimento de paralelos entre eles e um clássico da literatura. Dessa vez o autor é Howard Phillips Lovecraft. Em seu *Um sussurro nas trevas*, chegara aos ouvidos do fictício acadêmico especialista em literatura e folclore, Albert N. Wilmarth, uma série de misteriosos relatos envolvendo as grandes enchentes do estado estadunidense de Vermont ocorridas em fins da década de 1920. De acordo com os boatos generalizados, as águas torrenciais haviam arrastado das entranhas das montanhas seres monstruosos, aterradores e nunca antes vistos. Orientado tanto pelos critérios quanto pelo rigor acadêmico, o professor Wilmarth não se deixou levar (ao menos num primeiro momento) por aqueles relatos envolvendo o fantástico:

diferentes fontes tendiam a coincidir; embora o portento fosse diminuído pelo fato de que as antigas lendas, outrora conhecidas por toda a região das colinas, forneciam uma descrição morbidamente vívida que poderia muito bem ter colorido a imaginação de todas as testemunhas envolvidas. Concluí que as testemunhas [...] havia [...] permitido que o folclore revestisse esses tristes objetos de uma aura fantástica. (LOVECRAFT, 2010, p. 27-28)

Existem várias formas por meio das quais podemos acessar as representações concernentes a coisas, objetos e acontecimentos. No nosso caso, contamos com fotografias; algumas delas, inclusive, possuem informações escritas em seus versos, como datas, nomes, eventos, localização e resultados dos torneios. Verbal ou visualmente, suas transfigurações podem ocorrer por intermédio de representação, reprodução e inscrição que são levantados, encenados e enquadrados para exibição (MITCHELL, 2005). O primeiro contato entre a personagem de Lovecraft e seu objeto de investigação (referimo-nos à presença de estranhas criaturas nas montanhas de Vermont) deu-se por meio de fontes orais, ou seja, algo aconteceu e foi verbalizado para terceiros. Retomando a Chartier, existe aí a relação entre uma imagem presente (o relato oral) e um objeto ausente (criaturas

estranhas sendo arrastadas pelas águas torrenciais). Já no nosso caso, contamos, respectivamente, com fotografias e uma série de diferentes situações envolvendo a prática do boxe. Aquelas não são essas, mas uma vez firmada a relação entre elas (o ato fotográfico a faz), elas associaram-se, tornando-se homólogas.

É interessante como Wilmarth não acatou aquelas informações prontamente, pois academicamente experto, ele não incorreu ao erro de desconsiderar o caráter evidencial daqueles rumores. Antes de tudo, ele reconheceu que os dados contidos em uma fonte não sugerem verdades prontas e absolutas, mas evidências passíveis de problematizações científicas. “O folclore revestiu objetos não identificados de uma aura fantástica”, pensou o professor Wilmarth ao buscar explicações plausíveis para a situação e, sabedor das estórias e lendas comuns naquela região, logo formulou a hipótese de que aqueles boatos (representações orais) haviam sido fortemente influenciados pela cultura popular local. Historiograficamente falando, na situação de Wilmarth poderíamos formular a seguinte asserção: a apropriação do ocorrido se deu sob os auspícios do folclore local. Assim, objetos estranhos foram presenciados, percebidos e comunicados a terceiros de forma oral.

Até aqui foi possível constatar que uma série de elementos pode influenciar tanto a produção quanto a apropriação de imagens e/ou fotografias. Com as nossas fontes imagéticas o caso não poderia ser diferente. Ainda, ao nos questionarmos sobre aquilo que pode ter intervindo no seu processo de produção, elencamos os seguintes elementos: 1) o contexto histórico londrinense (nós o estudamos no capítulo anterior); 2) os conhecimentos tácitos dos fotógrafos naquilo que concerne à fotografia e ao boxe. Sobre o elemento de número dois, identificamos fotos profissionais tiradas em estúdio, com enquadramentos simétricos e perspectivas proporcionais, muitas amadoras tiradas em academias, ginásios e nos mais diferentes lugares. Algumas fotografias foram tiradas (tratando-se de um combate) em momentos estratégicos, como quando o árbitro dita as disposições básicas, o obrigatório cumprimento durante o pré-luta e o diálogo entre lutador e treinador durante o minuto do descanso no *corner* (o que pode sugerir conhecimentos pugilísticos prévios por parte do fotógrafo); retomando as fotografias amadoras, acreditamos que de fato as são, pois elas retratam indivíduos em seus momentos de lazer, nos quartos de hotéis, nas mesas de restaurantes, treinando ou mesmo em lutas oficiais, mas em vários momentos seus enquadramentos não compreenderam

parte das pernas ou cabeças dos indivíduos nelas representados, o que acreditamos reforçar a nossa hipótese.

Como discutimos, a fotografia representa aquilo que foi apropriado previamente, e a própria análise daquelas imagens fotográficas é nova apropriação, pois

A presença e a circulação de uma representação (ensinada como o código da promoção socioeconômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indica de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização. (CERTEAU, 1998, p. 40)

De acordo com Chartier, “a relação de representação é [...] perturbada pela fraqueza da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os signos visíveis como índices seguros de uma realidade que não o é” (CHARTIER, 1991, p. 185). Por intermédio deste excerto, é possível depreender que a representação é resultado de um processo de apropriação prévia. Para que algo seja representado, é necessário que esse objeto seja percebido/apropriado (e esse processo sofre influências da imaginação) para que só então seja mediado visualmente, imagetivamente, etc. Novamente, destacamos que a representação e aquilo ou aquele que é representado não são a mesma coisa. Há casos nos quais parecem idênticos (como na fotografia), mas a representação é sempre uma mensagem; ela passa por um processo de percepção e adaptação que visa sua divulgação:

[...] não se trata aqui de um modo teórico de representação; trata-se dessa imagem realizada em vista dessa significação [...] A imagem é certamente mais imperativa do que a escrita, impondo a significação de uma só vez, sem analisá-la e dispersá-la. Mas isso já não é uma diferença constitutiva. A imagem se transforma em escrita, a partir do momento em que é significativa: como a escrita, ela exige uma *lexis*. (BARTHES, 2003, p. 200-201)

Barthes vai mais a fundo naquela diferenciação ao ressaltar que, assim como a escrita, a leitura de uma imagem também exige uma *lexis*, ou seja, um vocabulário. Dessa forma (existindo aquela necessidade prévia), é possível depreender que mensagens não estão dadas, pois sempre há a possibilidade de elas serem mais ou menos significativas, e é por isso que nossa atenção volta-se para as problemáticas

levantadas por Hans Belting (2007) naquilo que concerne às relações entre corpo, mídia e imagem. De que adiantaria, por exemplo, simplesmente identificarmos (ou não) representações pugilísticas em nossas fontes fotográficas? Dessa forma, estaríamos desconsiderando todo o seu processo de construção e negligenciando o processo de situação histórica daquilo que foi captado pela câmera. O que é fotografado está repleto de símbolos. “A produção de imagens é, ela mesma, um ato simbólico que exige de nós uma maneira de percepção igualmente simbólica que se distingue notavelmente da percepção cotidiana de nossas imagens naturais” (BELTING, 2007, p. 25). Dessa forma, para além da imagem e sua produção, a mídia por meio da qual ela foi difundida e a forma como ela foi/está disposta também são importantes dados a serem analisados.

Como mencionamos, na presente pesquisa trabalhamos com mais de sete centenas de fotografias analógicas não emolduradas e que se encontravam em um saco plástico preto. Pessimamente acomodados por muitos anos, vários daqueles documentos estão rasgados, manchados, raspados, enfim, sofreram os mais diversos tipos de danos. Duas daquelas imagens encontram-se completamente destruídas, o que nos levou a questionar o que motivou esse armazenamento tão precário. As fotografias poderiam, simplesmente, ter sido descartadas, mas não foram. Poderiam ter sido doadas para que compusessem o acervo do museu em construção do LEC, mas também não foram. Isso nos levou a cogitar as seguintes hipóteses: 1) os registros fotográficos, por terem pertencido a Miguel de Oliveira, foram mantidos pelos seus amigos (apesar da forma como o fizeram); 2) em Londrina, a demanda por documentos por meio dos quais é possível investigar a história do boxe não é suficiente nem para expô-los e nem para, ao menos, “tirá-los do saco”, o que nos leva a questionar sua condição de *monumento*.

Ao investigar a etimologia daquela palavra de origem latina (*monumentum*), Jacques Le Goff constatou, a partir da raiz indo-europeia dela, que o termo remete a um sinal do passado, algo que pode evocá-lo e, assim, perpetuá-lo. Dando continuidade à sua investigação etimológica, em um segundo momento ele se concentrou em seus significados quando empregada por Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.), concluindo que “o monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas” (LE GOFF, 1990, p. 537). Esse não é o caso de nossas fontes, que eram monumentos incompletos até o momento em que seu grau de deterioração alcançou níveis avançados.

Guardadas como estavam (praticamente escondidas), não havia condições suficientes para que elas evocassem quaisquer informações referentes ao passado, já que não estavam dadas a serem vistas. No entanto, assim como tudo o que é fruto da ação humana, fotografias são tiradas, organizadas e/ou compiladas a partir de intencionalidades. É por isso que, ao invés de afirmarmos que nossas fontes não alcançam a condição de monumento, acreditamos que elas o tenham feito parcialmente.

Bourdieu (2008) também discorre sobre espaços sociais e simbólicos, discussões estas que vão ao encontro das duas hipóteses levantadas no penúltimo parágrafo. Uma vez que uma coleção composta por centenas de fotografias, que pertence tanto a uma federação esportiva quanto a uma das mais antigas escolas de boxe da cidade, não se encontra minimamente acomodada, somos impelidos a questionar sobre qual o espaço ocupado pelo boxe em Londrina. Esse espaço, no entanto, não se restringe ao campo esportivo, pois a prática de um esporte pode extrapolar o lúdico, a diversão, o bem-estar e inserir-se nos âmbitos da saúde e segurança públicas, econômicos (inclusive em escala internacional), questões raciais, etc. Norman Mailer em seu *A luta* (2011), por exemplo, aprofunda-se nestas e em muitas outras questões ao relatar a peleja entre Muhammad Ali e George Foreman, de 1974, no Zaire⁵³.

Retomemos a Londrina. Há pouco afirmamos que o pugilismo, nessa cidade, não contava (e ainda não conta) com museus, centros de memória, enfim, monumentos e centros dedicados à compilação e exposição de documentos, relatos, objetos e informações ao seu respeito. Talvez isso também se deva ao fato de que esse esporte, no que tange à cobertura midiática, não goze da mesma popularidade que outros desportos, como o futebol ou a fórmula 1. Em outras palavras, no contexto londrinense o espaço ocupado pelo pugilismo (tendo em vista o universo de práticas e consumos circunscritos a esse município) não é suficiente para que os

⁵³ Diante da repercussão internacional causada na época, esse combate foi tido como “A Luta do Século”. Batizada de *Rumble in the jungle*, a luta envolveu dois negros – um deles, militante dos direitos dos negros e dos muçulmanos – que se enfrentaram em um país cuja população é majoritariamente negra (tal escolha fora simbolicamente estratégica), realizada sob os auspícios do ditador Mobuto Sese Seko e que marcou a reconquista do cinturão dos pesos pesados por Muhammad Ali, cuja licença de lutador havia sido caçada, em 1967, por ele ter se recusado a participar na Guerra do Vietnã. Ali, alegando seus princípios éticos e religiosos, amparou sua decisão no fato de que nenhum vietcongue fizera-lhe qualquer mal. Por fim, seja econômico, político, social ou racial, essa luta representa as inúmeras possibilidades por meio das quais o boxe pode extrapolar o campo dos esportes e fazer parte de tantos outros.

registros fotográficos de uma de suas maiores e mais antigas academias de boxe saísse do obscurantismo; afinal, aparentemente não há demanda bastante para tal. Não estamos afirmando, no entanto, que o boxe seja impopular, apenas que, naquilo que tange à cobertura midiática, o pugilismo em Londrina tem ocupado uma posição bastante singela. Seja por meio da televisão, do rádio ou dos jornais, são raras às vezes em que o tema é trazido à tona.

Por fim, faz-se necessário reforçar alguns dos elementos já mencionados em outros capítulos a fim de que melhor compreendamos o pugilismo em contextos nacional e regional, além de suas formas de representação. Hoje, há muitas federações de boxe profissional, mas apenas quatro entidades contam com considerável reputação internacional. Desde a segunda metade do século XX, apenas três brasileiros sagraram-se campeões por meio delas. Assim, a baixa cobertura midiática, o reduzido número de campeões além dos escassos recursos voltados para investimentos no esporte são os elementos que compõem nosso cenário pugilístico e que estão representadas em nossas fotografias. Por exemplo, em nenhuma delas é possível identificar a pompa ou glamour de um combate realizado nos luxuosos cassinos de Las Vegas (como o Caesars Palace ou o MGM Grand); não se vêem tumultuados grupos de fotojornalistas que, contratados por grandes jornais ou emissoras de televisão internacionais, empurram-se para conseguir os melhores ângulos; também não há propagandas de grandes marcas de cerveja estampando na lona dos ringues. Por meio de nossas fontes, na verdade, deparamo-nos com eventos e disputas bastante modestas. Seja em ginásios esportivos ou em academias particulares, havendo patrocinadores ou não, os registros fotográficos mantiveram um padrão naquilo que concerne à simplicidade e a sobriedade.

3.1 A COLEÇÃO FOTOGRÁFICA “ORGANIZADA” POR MIGUEL DE OLIVEIRA

A coleção de fotografias que pertencia a Miguel de Oliveira permaneceu em um saco plástico preto de lixo comum por muito tempo. É difícil precisá-lo, mas acreditamos que a coleção já se encontrava daquela forma desde antes da morte de seu antigo proprietário, em setembro de 2009. A partir de então, a coleção não contou com quaisquer procedimentos de armazenamento ou manutenção

apropriados, motivo pelo qual muitas das fotografias hoje se encontram rasgadas, parcialmente apagadas ou roídas por camundongos. Elas também estavam sujas. Muito sujas. Repletas de excrementos animais, traças e uma grande quantidade de poeira. São poucas as peças que vêm acompanhadas de anotações explicativas, o que facilitaria e muito a identificação das pessoas e situações nelas retratadas além de sua temporalidade exata. Na verdade, algumas delas contam com informações no verso, mas como mencionamos, elas são poucas e nem sempre as anotações são tão ricas quanto gostaríamos que fossem.

Hoje as condições físicas da coleção já não são preocupantes. Com exceção de duas peças que se encontram irrecuperáveis, às outras foi-nos possível realizar processos de higienização, digitalização e acomodação. Já o espectro de suas escassezes informativas, bem, este, ao que tudo indica, ainda nos “assombrará” por algum tempo. Esse é o motivo pelo qual, para a presente análise, selecionamos fotografias que vêm acompanhadas de anotações. A propósito, nós selecionamos preferencialmente aquelas que contam com o maior número de detalhes possível.

Talvez já tenha ficado claro que a história do boxe em Londrina, apesar de acessível por meio de diferentes tipos de fontes, continua bastante lacunar. Nesta pesquisa, fizemos uso de fontes orais, periódicas e fotográficas mas, mesmo assim, uma série de hiatos mostraram-se persistentes. Ainda, durante conversas particulares com os antigos pupilos e o afilhado de Miguel de Oliveira, descobrimos que desagradava ao treinador falar sobre seu passado, e esse fator somado às dificuldades de se encontrar antigos lutadores, treinadores, etc. que pudessem nos esclarecer algumas questões tornou-se um problema parcialmente contornável graças, justamente, às informações contidas nas peças que constituem a coleção. É interessante notar a forma como Miguel de Oliveira, tanto em entrevistas quanto nas fotografias, mostrou-se constantemente em segundo plano. É como se ele de fato se esforçasse para se manter um intermediário, um promulgador dos esportes, suas práticas e informações. O fato de não apreciar falar sobre si, mostrar-se disposto a discutir sobre a prática do esporte e a sua importância além de não ter se posicionado com “protagonista” em nenhuma das fotografias que compõem a sua coleção reforçam nossa hipótese de que ele ignorava sua própria promoção. Ao que tudo indica, seu comprometimento era para com o esporte, principalmente com o pugilismo.

Dito aquilo, ressaltamos que voltaremos a falar sobre as peças fotográficas de

forma mais individualizada e, portanto, aprofundada, em outro momento, pois agora elas serão analisadas na sua forma coletiva, ou seja, enquanto um conjunto mais ou menos coerente composto por parcelas que dialogam entre si. Tratamos de uma coleção privada, apesar de que podemos considerá-la como tal somente após o momento em que elas foram tiradas de seu “esconderijo”. Assim o afirmamos tendo em vista a seguinte definição daquilo que entendemos por *coleção*:

De modo geral, uma coleção pode ser definida como um conjunto de objetos materiais ou imateriais (obras, artefatos, mentefatos, espécimes, documentos arquivísticos, testemunhos, etc.) que um indivíduo, ou um estabelecimento, se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar em um contexto seguro e que, com frequência, é comunicada a um público mais ou menos vasto, seja esta uma coleção pública ou privada. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 32)

Miguel de Oliveira reuniu fotografias que datam desde a década de 1960, quando ele ainda era marinheiro e pugilista amador, até os anos 2000. Sua morte se deu em 2009. É difícil especular quais eram os seus objetivos ao reunir estes documentos. Algumas fotografias se encontravam em albuns incompletos. Outras pareciam ter sido atiradas no saco plástico ao acaso. É como se representassem um “entulho querido”, desejado e indesejado ao mesmo tempo, por mais estranho que isso possa parecer. As questões psicológicas relacionadas ao manutenção de objetos dotados de afeto, como aparentemente é o caso das fotografias em questão, parece-nos um caminho possível para melhor compreender essa relação um tanto quanto dual para com a coleção fotográfica. Seja como for, e também da forma como foi feita, aquelas fotografias resistiram à ação do tempo e, agora, somos capazes de estudá-las tomando-as como aquilo que Ulpiano T. Bezerra de Meneses consideraria como cultura material, ou seja, fruto de processos cognitivos encarnados (MENESES, 1998). Ainda tendo como base essa proposição de Meneses, questionamo-nos sobre os tipos de informações que poderíamos inferir a partir do estudo de nossos artefatos, seus usos e apropriações, especialmente em se tratando de conteúdo histórico, (MENESES, 1998), e é aí que acreditamos situar-se a importância do processo de representação. Em outros tópicos já discutimos sobre isto, então, tendo-os ainda em mente, podemos afirmar que tudo aquilo o que é intrínseco a um objeto diz respeito à sua natureza física, ou seja, seu peso, cor, tamanho, formato, etc. Já com relação ao seu conteúdo histórico, sua inferência

dependerá do estudo de uma série de outros elementos, como seus processos de fabricação, suas apropriações e, principalmente, haverá de reconhecermos que

o artefato não é um objeto inerte e passivo, mas um agente interativo na vida sociocultural e na cognição [...] a significação do artefato reside tanto na sua faceta material quanto na performática, em seus padrões gestuais de comportamento em relação ao espaço, tempo e sociedade.⁵⁴ (MENESES, 1998, p. 91, tradução do autor)

Objetivamos investigar as representações pugilísticas presentes em fotografias, mas nem todas aquelas peças que compoem a coleção retratam lutas de boxe. Apesar de, em sua maioria, haver referências a essa modelidade de luta esportiva, também existem fotografias relacionadas a outros esportes, como o caratê, o taekwondo e a queda de braço. De fato, existem algumas poucas fotografias que, aparentemente, possuem um diálogo frágil para com o resto da coleção, como é o caso de alguns retratos de pessoas que desconhecemos, ginásios esportivos com piscinas além de quatro fotografias, em preto e branco, tiradas durante o programa *Qual é a música*, apresentado por ninguém menos do que Silvio Santos. Todavia, como será demonstrado mais adiante, o “fio condutor” responsável por estabelecer o paralelo entre, aproximadamente, 95% daquelas fotografias é justamente ao conteúdo histórico que concerne ao objeto de estudo sobre o qual viemos nos debruçando ao longo de toda esta pesquisa.

Buscaremos ser mais claros sobre aquilo que compõe a coleção e, para tal, as fotografias serão quantificadas. Pois bem, como dizíamos, são 706 peças ao todo. Seriam 708 caso duas delas não estivessem em frangalhos. Das fotografias, 26 delas contam com algum tipo de anotação, desde nomes de pessoas e eventos, datas, circunstâncias, dedicatórias ou letras que, para nós, são avulsas, uma vez que desconhecemos seu significado. Talvez sejam as iniciais do nome de alguém.

Sobre os tipos de fotografias, eles são dos mais variados. Há peças grandes, pequenas e médias, em diferentes tipos de papel, qualidades e nitidez. Há fotografias totalmente tremidas ao passo em que outras fazem jus ao profissionalismo. Em algumas poucas, Miguel de Oliveira encontra-se retradado. Nesse sentido, a coleção mais se parece com uma colcha de retalhos. É como se

⁵⁴ “an inert, passive object, but an interactive agent in sociocultural life and cognition (...) the signification of the artifact resides in both the object as a self-enclosed material fact and in its performative, ‘gestural’ patterns of behavior in relation to space, time and society”.

fosse uma série de pedacinhos de tecidos diferentes, produzidos por diferentes pessoas em diferentes momentos mas que, em determinado momento, foram ajuntados de forma a produzir um todo. Esse todo, “a colcha” ou a coleção, como preferir, apesar de poliforme, polissêmica e multicolorida, alcança seu ponto e harmonia em pelo menos um elemento: a relação de seu antigo dono para com o boxe. Tenha sido Miguel o fotógrafo ou não, como será demonstrado, o foco desta coleção é o boxe, sua promoção além de uma aparente tentativa de construção de memória na qual Miguel, como mencionado, pareceu não fazer questão de incluir-se como protagonista. A sua atenção manteve-se à prática do esporte, e não à personagens em específico. A seguir, essas questões serão melhor abordadas por meio da análise das categorias construídas a partir da análise das peças que compõem a coleção.

Pois bem, é importante destacar que foram elaboradas duas categorizações diferentes: uma inicial, referente à totalidade da coleção fotográfica e outra, que é fruto da primeira, referente à “linearidade” que acreditamos dizer respeito às etapas que compõem um combate pugilístico, ou seja, aos momentos que vão desde o treino, a preparação do lutador, a luta propriamente dita e o anúncio de seus resultados. Neste interím (da preparação até os anúncios), uma série de momentos que consideramos bastante sintomáticos fundamentaram as estruturas que delimitaram as categorias utilizadas para a elaboração da presente pesquisa.

Sobre a “categorização maior”, ela abrange todas as 706 peças fotográficas, mas nem todas foram utilizadas nesta pesquisa, é claro. Analisar 706 documentos imagéticos estenderia esta pesquisa por demais. Assim, não nos proponhos a explicar os porquês da não utilização de todas as peças, pois optamos por discorrer sobre a escolha das que foram utilizadas. Isso será feito, no entanto, somente noutra momento, quando a segunda categorização será abordada. Agora, foquemos na primeira categorização. Composta por mais de sete centenas de documentos que retratam eventos e indivíduos numa temporalidade que vai dos anos 1960 até os 2000, há nessa coleção uma “efervescência”, uma bricolagem de elementos que, apesar de suas respectivas singularidades, encontram seu ponto em comum no universo pugilístico. Tão amplo quanto o próprio conceito de *universo* já o pressupõe, isso significa, de forma bastante vaga, que nelas se encontram retratadas as mais diferentes situações envolvendo espaços mais ou menos ligados à esportividade, desde treinos, reuniões, viagens, estadias em hotéis, passeios por

centros esportivos, festas de família envolvendo Miguel, seus pupilos e suas respectivas famílias, etc. Com relação às categorias e seu respectivo número de componentes são as seguintes: Queda de braço (4); Caratê (2); Taekwondo (1); Desenhos (2); Miguel de Oliveira na Marinha (2); Competições de boxe (502); En garde (40); Lutadores famosos (8); Reuniões (5); Treinos (36); Vida privada (85); Diversas (19).

Como foi possível notar, mais de 70% das fotografias retratam competições de boxe. Também há imagens de outras modalidades esportivas, mas seu número é porcentualmente ínfimo. São apenas 4 fotografias que retratam competições de queda de braço realizadas no ginásio Moringão, 2 de caratê e apenas 1 de taekwondo. Sobre esta última, apenas é possível saber que se trata daquele esporte devido às informações anotadas na fotografia, já que nela estão retratados troféus apagados, aproximadamente uma dezena de espectadores e Miguel de Oliveira, sentado sozinho ao lado dos prêmios, o que não nos revelaria muita coisa por si só. Para além da categoria *competições de boxe*, há também as categorias *En garde*⁵⁵, *lutadores famosos*, *reuniões* e *treinos*. Todas estas são autoexplicativas e dizem respeito ao boxe. Sobre a *Desenhos*, trata-se de uma categoria composta por duas figuras: um macaco vestido como boxeador e outra de dois pugilistas representados por meio de linhas um tanto quanto surreais. Estas duas foram enquadradas e hoje enfeitam as paredes da Escola de Boxe do LEC. Já na categoria *Vida privada* encontram-se retratadas as mais diferentes situações, desde almoços em família, viagens com os lutadores, estadias em hotéis até passeios por centros urbanos e visitas a grandes centros esportivos. Em várias delas, como destacado, Miguel de Oliveira encontra-se acompanhado por sua família e/ou pupilos e colegas. Na categoria *Miguel e Oliveira na Marinha*, há duas fotografias suas e de seus companheiros. Foi lá onde ele praticou natação e boxe, como nos revelou César Augusto (2014). Finalmente, a categoria *Diversos*. Seu título já revela seu teor. Tratam-se de fotografias relacionadas a situações desconhecidas, como retratos de senhores bem vestidos, assinaturas de documentos além de 4 fotografias tiradas no auditório de um dos programas que costumavam ser apresentados por Silvio Santos. Esta categoria parece ser a única a não dialogar nem com o boxe e nem com outro esporte. Composta por apenas 19 peças, no entanto, ela representa pouco mais de

⁵⁵ Há todo um tópico voltado para esta categoria, como será discutido adiante.

2,6% do número total de fotografias.

Discutimos sobre a categorização inicial. Agora, abordaremos o segundo processo. Este, como destacado mais de uma vez, é fruto de um processo anterior e, como também mencionado, o que elaboramos foi uma classificação pautada numa “linearidade” que acreditamos estar presente no universo pugilístico. Nós o construímos a partir da categoria *competições de boxe*, que é composta por 502 fotografias e, de acordo com nossa hipótese, é possível melhor analisar as representações pugilísticas a partir de fotografias tiradas em seus momentos chave. Que momentos são esses? Bem, a própria suposição de sua existência consiste numa representação nossa. Seja como for, é assim que os imaginamos: treino(s), promoção da luta, momentos finais antes do início da luta, luta, fim da luta e anúncio de seus resultados. Tendo-os em vista, realizamos o tal segundo processo de classificação voltado para uma parte daquela coleção. Sua disposição é a seguinte: (1) Treinos: o dia-a-dia pugilístico; (2) En garde!: fotografia e significados pugilísticos; (3) Pré-luta: recomendações, cumprimento e encarada; (4) Nobre arte: esgrima com os punhos; (5) Soa o gongo. É o fim da luta. (6) Anúncio do(s) vencedor(es): louros e lágrimas.

Neste momento não nos aprofundaremos nas últimas categorias levantadas. Há um tópico destinado especificamente para cada uma delas. Para finalizar, gostaríamos de ressaltar as questões debatidas no início deste tópico. Sobre as fotografias por meio das quais construímos a presente pesquisa, são elas componentes de uma coleção. Diferentemente daquilo que sugere o senso comum, e ainda que o presente de fato constitua seu foco ordenador, as fotografias não se apresentam enquanto peças a-funcionais e nem se resumem a “perfumarias visuais”. Não. Sua função, de acordo com Meneses, é justamente significar o tempo (MENESES, 1998), uma vez que objetos históricos (inclusive aqueles que se encontram representados em fotografias) são de ordem intersubjetiva. Nós “apreciamos fotografias, as colecionamos, organizamos albuns fotográficos, onde narrativas engendram memórias” (MAUAD, 2005, s/p). As fotografias também são, portanto, frutos de intencionalidades, construções narrativas que culminam na materialização de lugares de memória que, via de regra, costumam ultrapassar a vida de seus produtores e usuários originais (MENESES, 1998). Como diria Pierre Nora, existe aí um sentimento que concerne à não espontaneidade da memória e, sendo elas bastante frágeis diante das implacáveis “varreduras” provocadas pelo

tempo, tornam-se necessárias as construções de arquivos, o manutenção de aniversários e a compilação de fotografias (NORA, 1993), mesmo que estas últimas sejam guardadas num saco de lixo.

3.1.1 Treinos: o dia-a-dia pugilístico

Enquanto discorria sobre alfabetização visual, Joseph Català Domènech afirmou que

Na imagem, a condição polissêmica que aparece em segundo lugar na linguagem apresenta-se ao espectador de imediato, o que faz com que seja confundida com a própria ambiguidade do mundo. Mas, na realidade, isso é um engano, pois a imagem, inclusive a mais simples, a mais puramente iconográfica, é uma construção que se superpõe a realidade e sintetiza a ambivalência desta em uma direção determinada. Por intermédio da língua, vamos do exato ao polissêmico, enquanto com a imagem do polissêmico nos dirigimos ao concreto por um processo de compreensão de sua estrutura visual. (DOMÈNECH, 2011, p. 15)

Complexidade polissêmica. Eis um elemento que, certamente, permeia todos os âmbitos do conhecimento. A propósito, ele também norteou as pesquisas do sociólogo francês Loïc Wacquant que, enquanto inclinado aos estudos sobre o boxe, tomou a academia de lutas como ambiente de pesquisas e descreveu-a como “uma instituição complexa e polissêmica, sobrecarregada de funções e de representações que não são apreensíveis de imediato pelo observador, mesmo que ele esteja avisado sobre a natureza do lugar” (WACQUANT, 2002, p. 31). A pesquisa de Wacquant é bastante interessante para nós porque nossa pesquisa também vem acompanhada de certos conhecimentos orgânicos, e é também por meio destes que serão problematizados os significados circunscritos às nossas fontes imagéticas.

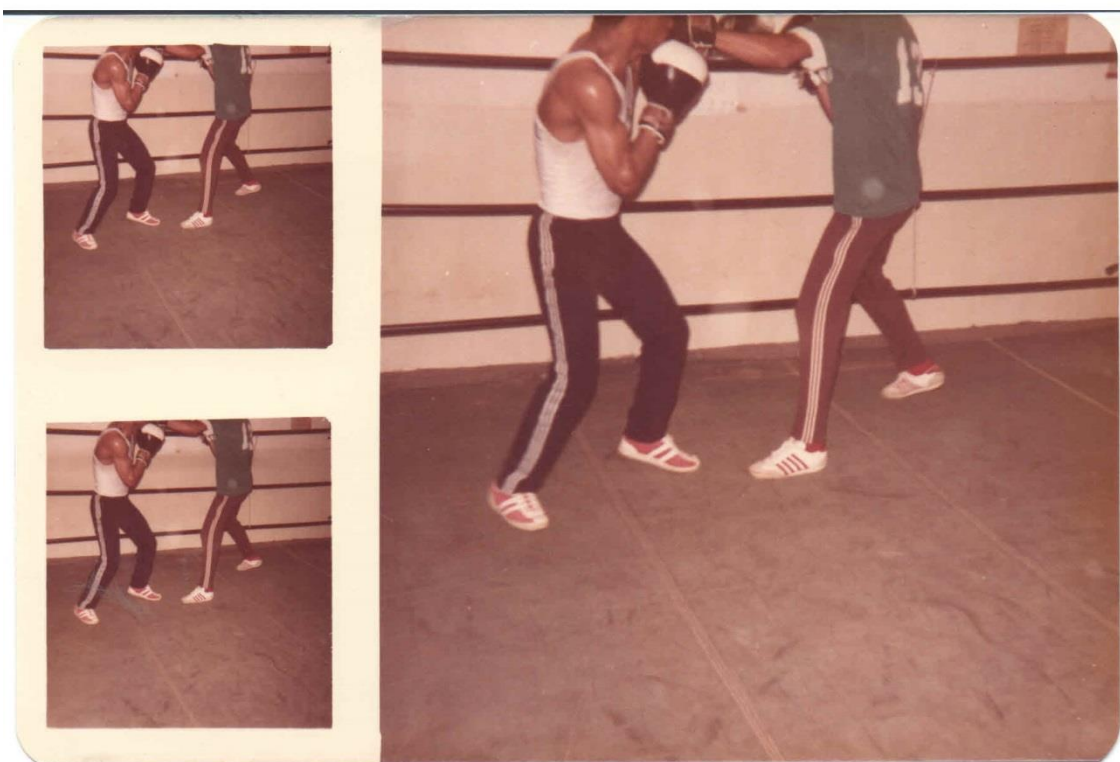
Iniciemos discutindo sobre a “rotina pugilística” daqueles que se encontram inseridos no universo boxe. Bastante solitária quando comparada aos esportes praticados em equipe, nela não há, por exemplo, exercícios que podem ser realizados com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, afinal, em uma luta de boxe envolvem-se somente dois lutadores. É claro, o praticante pode desfrutar da companhia de outros durante um exercício de corrida, dividindo um mesmo saco de pancadas ou enquanto ouve os aconselhamentos e ensinamentos de um treinador,

mas não há formas de atuação conjunta como no futebol, no qual onze pessoas compõem um time e dividem um mesmo objetivo.

Também não há um padrão de treino, embora alguns exercícios sejam universalmente difundidos. Pular cordas ou socar sacos de pancada são alguns bons exemplos. Ainda, há praticantes de boxe com os mais diferentes intuitos, desde manter ou melhorar a saúde até (por parte dos mais ambiciosos) tornar-se um campeão bem sucedido. Assim, seria estapafúrdio que a Escola de Boxe do LEC (ou qualquer outra) estipulasse aos seus alunos uma rotina fixa e estática, composta exclusivamente de exercícios que vão ao encontro dos propósitos de somente uma parcela de seus alunos.

Enfim, com a finalidade de tornar a discussão sobre os treinos mais clara, chamamos a atenção para a imagem a seguir.

Imagem 3 – *Sparring* sem proteção.



Fonte: Coleção da Escola de Boxe do LEC/ FPP. 1 fot., 10,33x15 cm. Fotógrafo desconhecido, entre as décadas de 1980 e 1990.

Não fomos capazes de identificar os indivíduos presentes nesta fotografia⁵⁶. O fotógrafo enquadrou-os de forma que apenas a metade de um rosto, parcialmente virado contra a câmera, fica visível. Está evidente que não é uma fotografia profissional, da mesma forma que este combate também não é. De acordo com as regras técnicas da AIBA (2017), numa luta oficial os lutadores jamais usam calças ou camisas com manga. Quanto à localidade representada, trata-se da extinta ECVN (a antiga academia de boxe de Miguel de Oliveira) que se localizava no Centro de Londrina e que funcionou durante os anos 1977-1994, quando foi transferida para o estádio VGD e onde permanece até hoje. Quanto ao fotógrafo, também não pudemos identificá-lo. Talvez seja o próprio Miguel, afinal, embora não atuasse profissionalmente na área, demonstrou apreço pelo ofício fotográfico. Além do mais, esses lutadores encontram-se na academia na qual ele era proprietário e treinador.

Diante das roupas e da aparente ausência de um árbitro, deduzimos que se trata de um treino de *sparring*⁵⁷, no qual dois colegas de academia estipulam um número de assaltos⁵⁸ e, durante esse período, trocam golpes ao passo em que se defendem. Há treinos de *sparring* (também conhecidos como “luvinhas”) vigorosos, destinados aos que irão competir, mas nada o impede que seja brando, atendendo então às necessidades daqueles que visam trocar alguns golpes sem correr o risco de se machucar. O teor do *sparring* é pouco formal. Em um exercício desse tipo, não impera qualquer obrigação oficial. O conjunto de regras que compõe o manual da AIBA é voltado às competições, apenas. Não há qualquer menção sobre a sua influência para os treinos, mas isso não significa que combatentes não estejam submetidos a “convenção social pugilística”, ou seja, grosso modo, eles devem utilizar exclusivamente braços e mãos tanto para o ataque quanto para a defesa e jamais desferir golpes baixos⁵⁹, agarrar-se ao adversário ou mesmo atacá-lo enquanto este estiver caído⁶⁰.

⁵⁶ É importante ressaltar que estas três imagens são idênticas.

⁵⁷ A palavra *sparring* provém do verbo em inglês *to spar* conjugado no gerúndio. *To spar* significa “realizar os movimentos usados no boxe, seja para treinar ou para testar a velocidade das reações de seu oponente” (OXFORD, 2005, p. 1466, tradução do autor).

⁵⁸ Da mesma forma que no futebol, os boxeadores contam com períodos de atuação e descanso enquanto em uma partida. No caso do boxe, os assaltos ou *rounds* equivalem a três minutos para homens e dois minutos para mulheres seguidos de um minuto de descanso, o que vale para ambos os sexos.

⁵⁹ É permitido socar o oponente acima da cintura e no rosto. Todo golpe que foge a essas regras é tido como sujo/baixo, ou seja, ilegal e passível de advertência ou punição.

⁶⁰ Considera-se que o lutador esteja caído quando ele não estiver apoiado sob as próprias pernas e/ou estiver tocando ao menos uma das luvas no chão.

Tendo a foto sido posada ou não, é possível visualizar nela certo distanciamento entre os lutadores retratados. Esse afastamento é recomendado para aqueles que desejam estudar os movimentos de seu oponente ou, simplesmente, evitar uma saraivada de golpes, já que há condições bastantes para distanciar-se do oponente rapidamente. Não há indícios de que nenhum dos pugilistas esteja desrespeitando a mencionada convenção, afinal, a fotografia sugere movimento e dinamicidade, ou seja, nenhum desses esportistas encontra-se encurralado e/ou indefeso. Esse “pé de igualde”, então, vai ao encontro ao teor “vigoroso, porém justo” destacado por Brian Wenn (1989, s/p) ao referir-se aos esportes de contato: “o Comitê Nacional [australiano] de Combate a Violência reconhece que esportes de contato rude podem ser praticados com integridade, que a competição pode ser vigorosa e justa [...] sem que seja violenta”. No entanto, os praticantes não estão usando capacetes. Como já informamos, não há regras que obriguem sua utilização, mas recorrendo a um clichê, “segurança nunca é demais”. É difícil dizer o porquê da não utilização desse equipamento de proteção tão básico. A academia não contava com capacetes suficientes para todos? Não os havia em tamanho adequado? Ou, simplesmente, os lutadores consideram o seu uso dispensável? Seja lá qual tenha sido o motivo, uma coisa é certa: estes praticantes não estão usufruindo ao máximo da segurança permitida para esse esporte.

Finalmente, pôde-se perceber que nos treinos de boxe existe uma série de convenções que são identificáveis por meio de representações principalmente corporais. Neste tópico, discorreremos sobre os treinos de forma um tanto quanto geral, mas nos aprofundamos num ponto em específico: o exercício de *sparring* e algumas de suas representações. Esperamos ter deixado claro que esse tipo de treino não se dá de qualquer forma, já que ele é regido por uma complexa malha de normas e regras, muitas das quais não necessariamente são oficiais. Algumas delas, nesse caso, nem ao menos são respeitadas (o que também se configura como uma representação), o que nos parece ressaltar a prática pugilística enquanto algo passível de apropriação. Ainda, na fotografia em questão os retratados usam calças compridas e um deles veste uma camisa com mangas, o que é proibido num combate oficial. Todavia, os retratados utilizam luvas, parecem empregar somente os punhos para golpear, não há indícios de brutalidade contra um oponente visivelmente indefeso e eles não estão socando-se abaixo da linha da cintura. Estas últimas são atitudes que seriam consideradas como “golpes baixos” (daí a

expressão). No tópico a seguir, voltaremos a discorrer sobre representações pugilísticas, mas num recorte circunscrito a outro momento dentro daquela mencionada “linearidade”: referimo-nos à propaganda.

3.1.2 En garde!: desafio e auto-propaganda

No tópico anterior, tratamos de representações circunscritas a momentos de treino de boxe. Já neste, focaremos em situações propagandísticas (tanto da luta quanto do lutador). Então, iniciaremos recorrendo a Domènech uma vez mais. De acordo com ele

Dentro da imagem, em sua própria estrutura, instalam-se os resultados de uma imaginação que também se divide nos âmbitos social e individual, pois pertence ao autor entendido ao mesmo tempo como indivíduo e como fator da sociedade que o acolhe e o produz. Essa imaginação embaralha valores e ideias em uma configuração constante que vai do figurativo ao discursivo sem nunca se deter definitivamente em um dos polos, exceto quando finalmente se materializa em uma imagem. (DOMÈNECH, 2011, p. 20)

Imagens fotográficas são construídas a partir das intencionalidades daquele(s) que as produzem. Embora não intentemos nos aprofundar no seguinte tema, acreditamos na importância, nesse caso, de se desconstruir a ideia de indivíduo, uma vez que “ninguém é o que é porque é”, pura e simplesmente. Todo sujeito encontra-se inserido numa complexa teia de inter-relações sociais e, a partir dela, sofre (em maior ou menor grau) os mais diferentes tipos de influências, tornando-se, portanto, ao invés de *indivíduo*, um *divíduo* (HARARI, 2016), ou seja, uma célula inserida em uma ou em mais “coletividades”. Qualquer produção sua traz, então, resquícios de bagagem cultural, e isto não é um traço especificamente do ato fotográfico, é claro, mas é importante ter aquilo em mente para que interroguemos historicamente quaisquer imagens de forma adequada. Quando, onde, como, por quem foi feita além de para quê e para quem se destina são apenas alguns dos questionamentos sob os quais devemos submeter quaisquer tipos de fontes, inclusive as fotográficas, a fim de que não nos deixemos levar pela inocência, tomando-as como “espelhos da realidade”, por exemplo.

Fotografias não costumam ser tiradas exclusivamente para quem as fez. Há exceções, evidentemente, mas sempre há nas fotografias um quê propagandístico.

Por meio delas, busca-se, além de registrar, *propagar*. Propaganda, então, serviria como possível resposta ao hipotético “para quê” levantado no parágrafo anterior. A propósito, como nos revelou Bert Sugar ao mencionar John L. Sullivan (um dos mais antigos ídolos mundialmente conhecidos no mundo do boxe que levou uma carreira bastante vitoriosa ao longo da segunda metade do século XIX), boxe e propaganda caminham lado a lado já há mais de um século e a autopromoção de Sullivan nos chamou a atenção devido à sua biografia que, repleta de mitos e exageros, sugere nitidamente a importância da propaganda para o desenvolvimento da fama de um lutador e, consecutivamente, para o crescimento do número de fãs dispostos a pagarem para assistir suas lutas. “Meu nome é John L. Sullivan e eu posso acabar com qualquer filho da puta deste recinto’, ele rugiria com a arrogância viril que espelhava aqueles tempos”⁶¹ (SUGAR, 2003, p. 50, tradução do autor). Voltaremos a tratar de Sullivan por meio de uma fotografia sua, mas agora nós nos manteremos focados na questão da propaganda.

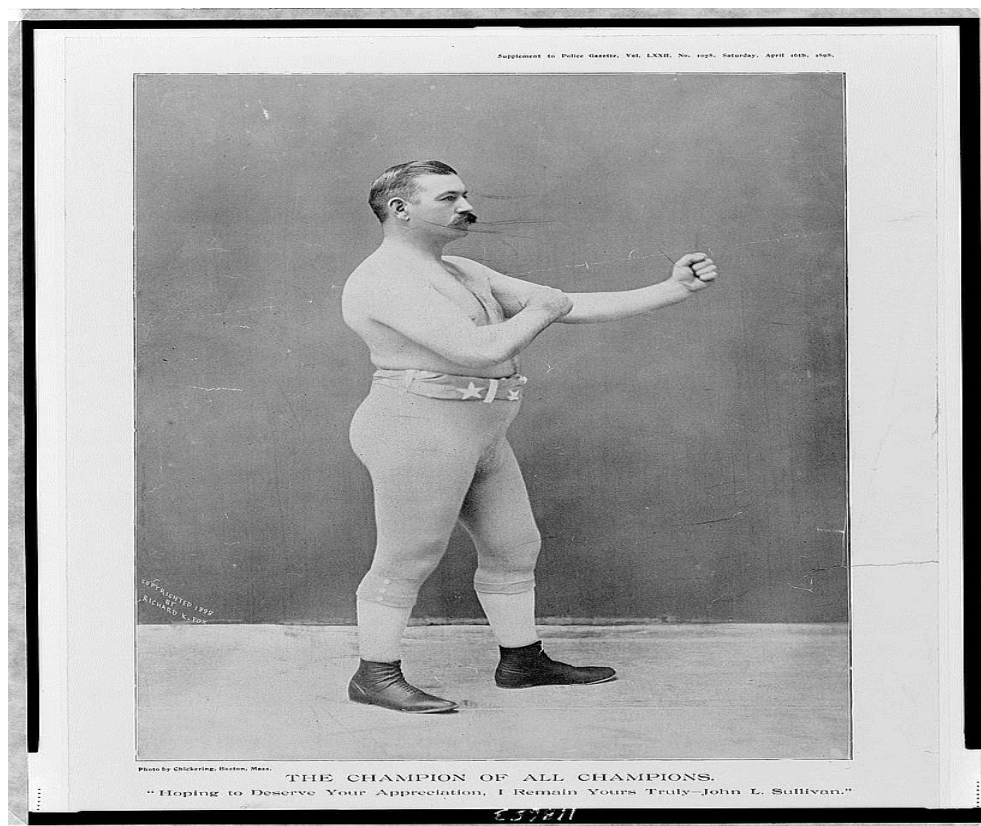
No início do século XX foi a vez de outro grande ídolo estadunidense (Jack Dempsey) de destacar a importância da relação entre boxe, propaganda e mídias de comunicação:

Nos finais de sua vida, disse Dempsey, que foi campeão de 1919 a 1926: “Fui um lutador bastante bom. Mas quem me tornou famoso foram os jornalistas.” Dempsey compreendera que a época dourada do esporte tinha sido inventada pela fase áurea da crônica esportiva. (SCHAPP, 2007, p. 12)

Fotografia, propaganda e boxe. Na relação entre eles existe um *lobby* centenário que se torna evidenciado por meio de um tipo específico de fotografia. Bastante característico, nós o disponibilizamos abaixo de forma a também atender às nossas demandas por historicidade, já que ele revela um elemento compartilhado tanto pelo universo pugilístico oitocentista quanto pelo atual.

⁶¹ “My name is John L. Sullivan and I can lick any sonofabitch in the house”, he would roar with a swaggering virility that mirrored the times, time when [...]”.

Imagem 4 – O campeão de todos os campeões. “Espero merecer seu apreço. Do seu John L. Sullivan”



Fonte: Divisão de fotografias e cópias da Library of Congress, Washington, D.C. 20540 USA. Coleção Itens miscelâneos de alta demanda, foto n. 6600, 1898. 1 fot., P&B, 10,92x13,06 cm.

Norval Baitello Junior acredita que, “ao invés de buscar a projeção de uma única função nas imagens de todas as épocas, convém muito mais compreender o papel específico exercido por elas em cada era distinta” (BAITELLO JUNIOR, 2007, p. 2). Em nossa pesquisa, o processo de historicização de fontes fotográficas nos revelou suas transformações e permanências. Quanto a estas, acreditamos que o teor propagandístico configure-se como um de seus principais elementos, pois, como demonstraremos por intermédio das imagens dispostas a seguir, a imagem de um lutador com os punhos em riste (representação pugilística esta a qual denominamos *en garde*) perdura já há mais de um século e mantém um mesmo propósito: promover lutadores e suas lutas. Já as formas como esse papel é exercido transformaram-se, no entanto, e isto parece estar associado à crescente indisposição social frente às várias formas de violência.

Embora a imagem 4 não tenha sido coletada junto às outras que se encontravam na Escola de Boxe, acreditamos que, por meio dela e seu estilo, torna-

se facilitada sua historicização ao passo em que perscrutamos por algumas das representações nela circunscritas. Datada de 23 de abril de 1898, esta fotografia de John L. Sullivan, disponibilizada pela *Library of Congress*, foi tirada pelo fotógrafo Richard K. Fox. Há nela uma série de elementos que fazem menção a uma suposta demonstração de potencial pugilístico-violento e, portanto, ela nos interessa. Sullivan encontra-se com os punhos em riste, seu braço esquerdo está bem estendido e ele não calça luvas. Essa posição de luta, denominada guarda de ataque, concerne a um estilo de boxe bastante antigo, de quando ainda não se usavam luvas e os preceitos de Queensbury⁶² ainda eram pouco populares. Sullivan usa calças aparentemente maleáveis e seu tronco está nu. Atentemo-nos primeiro às calças. Bastante diferentes das costumeiras vestimentas de um *gentleman* oitocentista, elas denotam elasticidade e, caso assim o fossem, seria bastante lógico, afinal, numa luta de boxe, quanto maior a liberdade para movimentar-se, melhor. Quanto ao torso nu, aqui cabem dois comentários. Em primeiro lugar, mobilidade representa uma grande vantagem. Em segundo lugar, somada aos punhos em riste, a guarda de luta e a encarada ameaçadora, a exposição de um corpo corpulento e/ou musculoso compõe um amalgama cuja funcionalidade é clara: mostrar-se ameaçador, dinâmico e perigoso. Em outras palavras, sugerir potencial violento⁶³.

⁶² Voltaremos a tratar destes preceitos, de forma mais aprofundada, no tópico seguinte.

⁶³ Aqui cabe um adendo. A fim de que anacronismos não sejam cometidos, ao analisarmos aquela fotografia de Sullivan é importante termos em vista que as ciências voltadas para o esporte transformaram-se desde a época em que a foto foi tirada. Atualmente, os lutadores de boxe mantêm-se com baixíssimos teores de gordura corporal a fim de que seus rendimentos não sejam comprometidos, seus equipamentos são diferentes e, portanto, suas dinâmicas de combate são outras. É visível que Sullivan não contou com dietas especiais ou tratamentos médicos e academias tão sofisticadas quanto às de hoje. Em outras palavras, o boxeador do século XIX e outro do século XXI diferem em muitos aspectos, sejam eles físicos ou técnico-combativos. Todavia, o corpo de Sullivan e sua pose compõe um amalgama representativo que diz respeito a um lutador de boxe de sua época. Como destacado, ele foi campeão mundial de boxe por alguns anos.

Imagem 5 – Boxe feminino no Shopping Quintino, Londrina.

Fonte: Coleção da Escola de Boxe do LEC/ FPP. 1 fot., 10,6x15 cm. Fotógrafo desconhecido, década de 2000.

Embora tenhamos descoberto poucas informações⁶⁴ sobre a imagem 5, sabemos que não se trata de uma competição, mas de uma demonstração ocorrida no Shopping Quintino, localizado no Centro de Londrina, por volta de 2000. À esquerda encontra-se Valéria, uma lutadora que “aventura-se” esporadicamente em lutas de boxe. Este evento não contou com o apoio da Escola de Boxe, mas Miguel de Oliveira estava lá, só que como espectador. Agora, analisemos essa imagem tendo a de número 4 ainda em mente. Diferentemente de Sullivan, estas mulheres apresentam uma “guarda mais fechada”, ou seja, seus braços encontram-se mais próximos ao corpo e à cabeça. Mais de um século separa estas fotografias e, também, uma profunda reformulação técnico-metodológica sofrida pelo boxe ao longo desse meio tempo. Nós nos referimos às Regras de Queensbury que, apesar de terem sido formuladas ainda na segunda metade do século XIX, elas vieram a popularizar-se, de fato, somente ao longo da primeira metade do século XX. Até então, não se utilizavam luvas, o que explica a posição de Sullivan com seus braços

⁶⁴ Estas informações foram obtidas por meio de um bate papo com César de Oliveira, que é o diretor técnico da FPP. Não empregamos aqui o rigor concernente às pesquisas de História oral.

tão estendidos. Esse tipo de guarda sugere o intuito de manter o oponente afastado de si ao passo em que é possível socá-lo. Já no caso das duas lutadoras no Shopping Quintino (que são praticantes do boxe com luvas), a dinâmica de seu esporte é diferente, pois já não é mais necessário preocupar-se em juntar as mãos ao rosto a fim de defender-se e, consecutivamente, ferir-se com as articulações dos próprios dedos devido a um golpe desferido pelo oponente. Atualmente, a utilização de luvas (que pesam entre 12 e 16 oz⁶⁵, dependendo das exigências de cada evento) é obrigatória e, além de serem macias o bastante para amortecer o impacto dos golpes, elas também são volumosas o suficiente para cobrir boa parte da cabeça, permitindo que antebraços e cotovelos protejam o tronco e a cintura.

Valores, estruturas e práticas que não existem em determinados momentos passam a existir em outros e vice-versa. Apontamos as transformações ocorridas na forma de se praticar o boxe e, agora, destacaremos de forma mais aprofundada umas de suas mencionadas permanências. Da mesma forma que Sullivan, ambas as mulheres (embora não trajem vestimentas propícias à prática do boxe) posam de forma a sugerir seu potencial perigoso. Desta vez, no entanto, ambas encontram-se frente a frente, encarando-se. Este constitui seu primeiro enfrentamento. O combate já está definido, “onde, quando, como e com quem” encontram-se pré-determinados e há aí o teor propagandístico. A permanência sobre a qual nos referimos há pouco é justamente essa: o estilo de fotografia *en garde*, ou seja, um estilo de imagem fotográfica na qual está/estão representados o(s) lutador(es) em guarda de combate, denotando potencial violento de forma a promoverem a si próprios e, consecutivamente, suas lutas.

Ainda em se tratando de costumes sociais representados em fotografias, por intermédio de seus estudos voltados para a antropologia da imagem, Domenèch chegou à conclusão de que Hans Belting distinguiu

o visível do visual para diferenciar aquilo que podemos ver porque os órgãos de visão nos permitem da forma histórica que essa visibilidade adquire. Com isso, ele quer dizer que, se no princípio existe uma realidade absolutamente visível, logo essa capacidade global se amolda as características de cada cultura, abrindo caminho para o visual (DOMENÈCH, 2011, p. 43)

⁶⁵ Onça (cuja abreviatura é oz) é uma unidade de medida de massa. Uma onça equivale a 28,3495 gramas.

Tomando as perspectivas de Belting como óculo, visualizamos a fotografia de Sullivan de duas maneiras: (1) visível, pois identificamos um lutador grandalhão. (2) visual, pois também identificamos um lutador grandalhão que, além de “poder acabar com qualquer um”, também podia (e pôde), por meio de suas habilidades (somadas às crônicas esportivas), atrair milhares de pessoas às suas lutas e, com isso, faturar um bocado de dólares. Já na fotografia das lutadoras, aplicamos a mesma teoria. Desconhecemos a forma como a fotografia delas foi empregada, mas é bastante lógico acreditar que foi utilizada com o propósito de promover o evento mencionado no qual atuaram. Tenha sido anunciada (ou não) por meio de panfletos, cartazes ou televisão, é evidente que uma das intencionalidades dessa fotografia girou em torno da promoção de uma luta feminina de boxe.

Por fim, identificamos teor intimidatório nas fotografias, ou seja, representações pugilísticas concernentes a uma “violência-por-vir-a-ser”, o que é bastante comum neste universo. Encaradas tensas e até mesmo situações de descontrolo (muitas das quais são encenadas) fazem parte do “repertório teatral” dos lutadores que, além de combatentes, também são profissionais da luta que precisam vencer seus adversários ao passo em que atraem pessoas dispostas a pagarem para ver por isso. Ainda, não há sinais de quaisquer tipos de desrespeito, como manifestações de deboche, menosprezo ou sinais ofensivos. Há apenas enfrentamento de ambos os lados, ausência de contato físico, olhares ríspidos e punhos em riste, o que pressupõe vigor, desafio, inclinação à vitória além de uma promissora mostra de habilidade pugilística. Isto tudo está previsto nas regras do boxe. Esta é uma das formas de promovê-lo.

3.1.3 Pré-luta: recomendações, cumprimento e a encarada

No boxe é sempre muito difícil apurar “quandos e porquês”. Diferentemente do futebol, que conta com um órgão regulador forte e centralizado⁶⁶, no boxe há dezenas⁶⁷ deles e, embora cada um siga uma série de preceitos comuns⁶⁸, eles

⁶⁶ Referimo-nos à FIFA.

⁶⁷ Destes, como mencionado, são quatro as organizações que mais se destacam no cenário internacional: a WBA, o WBC, a WBO e a International Boxing Federation (IBF).

⁶⁸ Principalmente aqueles que se referem às Regras de Queensberry, as quais abordaremos de forma mais aprofundada ao longo do texto.

também contam com autonomia e peculiaridades cujas investigações mais apuradas representariam tarefas bastante extensas.

Nos capítulos anteriores, dialogávamos sobre a teoria de Norbert Elias e os processos civilizadores. Os esportes e, mais especificamente, o pugilismo, oferecem-nos uma série de elementos cujas historicizações apresentam-se como possíveis e promissores frutos daqueles mesmos procedimentos. Neste tópico, especificamente, abordaremos o momento que precede uma luta oficial de boxe, que é regulamentada e circunscrita aos âmbitos profissional e/ou amador. Nesse curto período de tempo que não dura mais que alguns poucos minutos, há vários elementos simbólicos bastante sintomáticos, como a intimidação visual, o cumprimento (que é obrigatório) como forma de respeito ao oponente e demonstração de concordância à ética esportiva e o recito, por parte do árbitro, de algumas recomendações fundamentais ao combate esportivo. Esmiuçaremos cada um desses elementos agora e, para tanto, chamamos a atenção para a imagem a seguir:

Imagem 6 – Campeonato brasileiro de boxe. Londrina, 1977.



Fonte: Acolecção da Escola de Boxe do LEC/FPP. 1 fot., 10, 84x15 cm. Fotógrafo desconhecido, 1977.

A imagem 6 retrata um dos combates realizados durante o Campeonato brasileiro de boxe em 1977. Tendo em vista a estrutura que abriga o evento (que foi realizado em Londrina), acreditamos que ela pertença ao Ginásio de Esportes Moringão, já que, mesmo hoje, quarenta anos depois do momento em que a fotografia foi tirada, continua a ser o único com tais proporções. Sobre a fotografia, há indícios de que ela não seja profissional, pois embora nela haja três indivíduos centralizados, seus pés foram “cortados” e nenhuma de suas faces está clara. Ambos os lutadores estão com os rostos virados contra a câmera, o boxeador de calções pretos tem seus olhos e nuca ocultados por uma das cordas do ringue e o árbitro tem seu rosto completamente encoberto pelas luvas dos pugilistas. Bastante próximo ao ringue e atento aos lutadores, o fotógrafo talvez seja o próprio Miguel de Oliveira que, já nessa época, atuava como técnico de boxe e costumava manter registros fotográficos dos eventos aos quais atendia e/ou participava (MACEDO, 1986, p. 20).

Não fomos capazes identificar nem os lutadores e nem o árbitro, mas é possível depreender muito a partir das posições em que os retratados se encontram. Os boxeadores se cumprimentam, embora nem ao menos se olhem; permanecem aparentemente atentos às recomendações do árbitro, mantendo seus olhares fixos a ele. Tanto esse tipo de cumprimento (o toque de luvas) quanto o recito das recomendações básicas que concernem às regras do boxe (como respeitar aos comandos do árbitro, manter sempre a guarda⁶⁹ e não desferir golpes ilegais) tornaram-se medidas obrigatórias desde, aproximadamente, a segunda metade do século XX. Tendo em vista o processo civilizador descrito por Norbert Elias, acreditamos que seja possível estabelecer relações diretamente proporcionais entre aquelas demonstração de respeito, profissionalismo esportivo e a contemporânea e crescente intolerância frente às violências tidas como irracionais. Antes que nos aprofundemos naquelas relações, no entanto, chamamos a atenção para a imagem de número 7:

⁶⁹ A “guarda”, nesse caso, refere-se à postura defensiva no boxe. Embora não seja obrigatória, é bastante recomendado aos lutadores que se mantenham da seguinte forma: luvas próximas ao rosto, queixo baixo e cotovelos na altura das costelas.

Imagem 7⁷⁰ – “Cumprimentem-se e lutem”.



Fonte: Coleção da Escola de Boxe do LEC/FPP. 1 fot., 8, 94x12, 8 cm Fotógrafo desconhecido, 1984.

Há na fotografia acima vários dos mesmos elementos que se encontram retratados na imagem 6. Dois pugilistas se cumprimentam (mas, dessa vez, aparentemente atentos um ao outro) enquanto são orientados pelo árbitro. O momento registrado também é o mesmo. Trata-se dos instantes finais antes do início da luta, quando os segundos⁷¹ são convidados a se retirar do ringue, permanecendo somente os boxeadores e o árbitro. Novamente não pudemos identificar nenhum dos retratados com exceção de um: Miguel de Oliveira. Nesse caso, sabemos que ele não é o fotógrafo, afinal, é ele quem, de costas, caminha rumo ao canto do ringue.

Como já destacado, a fim de que melhor analisemos e interpretemos essa imagem faz-se necessário que estejamos atentos à influência de uma série de intencionalidades que influenciou sua construção. Primeiramente, houve subjetividades que motivaram a materialização dessa fotografia, e estes podem “ter partido do próprio fotógrafo que se viu motivado a registrar determinado tema do real

⁷⁰ Na parte inferior esquerda da fotografia há dois borrões. Aparentemente são frutos de um acidente, então não nos ateremos a eles.

⁷¹ No boxe, os segundos são os auxiliares dos boxeadores. Geralmente são técnicos ou preparadores físicos, mas a seleção fica a critério do lutador. No fim de cada assalto/*round*, o lutador dirige-se para o seu canto/*corner*, e é lá que os segundos entram em ação, seja hidratando o lutador, orientando-o, motivando-o ou mesmo amortizando seus inchaços e sangramentos. O segundo que é responsável por essa última atribuição também é conhecido como *cutman*.

ou de um terceiro que o incumbiu da tarefa” (KOSSOY, 2001, p. 45). Talvez esse “terceiro” seja Miguel, o então dono das fotografias que, naquele momento, atuava como treinador e não podia, ao mesmo tempo, ficar responsável pelos registros fotográficos. Não pudemos identificar o fotógrafo e nem os três indivíduos enquadrados em primeiro plano, mas a partir de suas posições identificamos uma série de outros elementos, como uma aparente mostra de cordialidade. O árbitro parece pousar as mãos gentilmente em ambas as espáduas dos lutadores enquanto lhes dita as recomendações. Os lutadores, por suas vezes, não se encaram em tom intimidatório, mas cumprimentam-se, pelo que a imagem sugere, de forma respeitosa, empregando ambos os punhos para “tocar as luvas” do oponente. Ao menos é o que aparenta o lutador de calções azuis. Já o de calções amarelos, não é possível identificar se retribui os cumprimentos da mesma forma.

Por que esse momento em específico foi registrado? Ao todo, o período que denominamos como pré-luta não dura mais do que uns poucos minutos. Um, talvez dois, no máximo. Dura apenas o bastante para que os lutadores se posicionem frente a frente e, ladeados pelo árbitro, ouvem-lhe as mencionadas e breves informações ao passo em que se cumprimentam e rumam cada uma para seu canto do ringue. O gongo é então soado e a luta se inicia.

O cumprimento, como já foi possível notar, configura-se num “tocar de luvas” mais ou menos vigoroso, ou seja, os lutadores tocam as luvas um do outro de forma a ser-lhe (ou pelo menos parecer-lhe) cortês. Apesar de não durar mais do que um décimo de minuto, é esse um dos momentos que foi registrado. Mesmo significando uma minúscula parcela do tempo total de uma luta, cá se encontra registrada em fotografias. Retomando a fala de Kossoy, a materialização da fotografia sofre influências do fotógrafo que, por sua vez, é ele próprio fruto de interferências externas, então somos levados a deduzir que esse tipo de fotografia não é produto do acaso, mas sim uma construção complexa e intencional. Como discutimos em outros tópicos, o processo de apropriação se dá das mais diferentes formas; podendo ser mais ou menos significativo. No entanto, ao nos depararmos com o registro de um cumprimento pré-luta que dura poucos segundos, nos é possível identificar a subjetividade daquele que dispara o gatilho da câmera. Alguém que, por exemplo, detestasse esse esporte, registraria esse momento em detrimento de outros que pudessem reforçar seu posicionamento? Acreditamos que não. De qualquer forma, se a fotografia, de fato, indica ou não a cortesia entre lutadores, isso

é muito relativo. Apesar de nos parecer que o fotógrafo buscou ressaltar essa leitura, no fim das contas, além de não possuímos meios de saber o que pensavam os lutadores naquele momento, tudo depende do olhar do observador e da forma como ele se apropriará daquilo que fora representado (CERTEAU, 1998).

Feitos aqueles apontamentos, nós os associamos ao mencionado processo civilizatório proposto por Norbert Elias que, naquilo que se refere ao desenvolvimento dos desportos e partindo de um longo recorte temporal que engloba desde a antiguidade até a contemporaneidade sob uma perspectiva que gira em torno do gradual e generalizado processo de monopolização da violência por parte dos estados europeus, explana os elementos que compõem sua teoria. De acordo com o sociólogo alemão (cuja investigação, nesse caso, gira largamente em torno da Europa), o conturbado século XVIII foi o estopim para que, na Inglaterra, fortalecesse-se o Estado por meio da concentração (em suas mãos) do monopólio da violência física além da centralização política e administrativa. Dessa forma, tornar-se-ia possível o estabelecimento de uma complexa teia de inter-relações que conduziram a um “refinamento” de condutas e padrões sociais (ELIAS, 1992; 1994). Estes resultados, todavia, acarretaram em outras consequências:

Um dos problemas cruciais com que se confrontavam as sociedades, no decurso do processo de civilização, era – e continua a ser – o de encontrar um novo equilíbrio entre o prazer e a restrição. A progressiva limitação de controlos reguladores sobre o comportamento das pessoas e a formação da consciência, a interiorização das regras que regulam de forma mais elaborada todas as esferas da vida, garantem às pessoas, nas suas relações entre si, maior segurança e estabilidade, mas implicaram também uma perda das satisfações agradáveis que se associavam a formas de comportamento mais simples e espontâneas [...] (ELIAS, 1992, p. 244)

O excerto acima descreve um ininterrupto processo de intercâmbio estabelecido entre Estado e população onde esta oferece sua liberdade àquele que, por sua vez, a garante seguridade como moeda de troca. Assim (inspirados em Thomas Hobbes), acreditamos que “os peixinhos terceirizam grande parte do seu potencial violento ao Leviatã”, o agora detentor legal da violência.

Na sociedade em geral, mesmo as pessoas abastadas e poderosas se tornaram cada vez mais limitadas na sua capacidade de usar a força sem a autorização da lei, e na qual a sua consciência se tornou mais sensível a respeito do uso da força bruta do acto de derramar sangue. (ELIAS, 1992, p. 244)

Embora não nos proponhamos investigar a seguinte questão mais a fundo, é importante trazê-la à tona: não há “generalizado clamor popular” pela extinção do emprego da força bruta. Apenas tornou-se a sua aceitação/apreciação mais criteriosa. Por meio da obra *A busca da excitação*, seus autores problematizaram justamente a prática regulamentada de violências físicas como forma de lazer e diversão, ou seja, o emprego do esporte como forma legal de praticar violências. Foquemos no boxe. O desenvolvimento de suas práticas se apresenta como indicativo daquele aprimoramento crítico, pois seu remodelamento técnico deu-se justamente devido ao seu crescente caráter marginal, um estigma que poderia resultar, porventura, em sérios problemas com a justiça (CARATTI, 2012; SUGAR, 2005) e, de acordo com o historiador William Joseph Baker

Em uma tentativa de “civilizar” o esporte, o 9º Marquês de Queensbury, um aristocrata inglês, apoiou e patrocinou um novo conjunto de regras. As Regras de Queensbury de 1867 previam a utilização de luvas acolchoadas, a abolição de agarramentos e lutas de chão, assaltos de três minutos intercalados por um minuto de descanso além da contagem de dez segundos iniciada no momento em que um dos lutadores caía e, caso não levantasse nesse meio tempo, a luta seria encerrada. (BAKER, 1988, p.172, tradução do autor).⁷²

O “processo civilizatório pugilístico” proposto pelo marquês de Queensbury situa-se na segunda metade do século XIX, mas sua aplicação deu-se de forma mais efetiva apenas cinco décadas depois. Foi então que o uso de luvas, a divisão da luta em assaltos de três minutos e uma série de outras medidas se tornou obrigatória tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos e outros países onde a prática pugilística era popular. E o que isso tudo tem a ver com as imagens 6 e 7? Acreditamos que o toque de luvas entre os pugilistas, a suposta cordialidade presente na imagem de número 7, o recito (por parte dos árbitros) das recomendações aos lutadores, a escolha desse momento a ser registrado fotograficamente e o fato de Miguel de Oliveira ter preservado esta fotografia representam elementos que reafirmam a mencionada crescente intolerância contra as violências físicas. Por volta da metade do século XX, como discutido, tornou-se comum uma série de outras “etiquetas” cujas funções podem ser entendidas como

⁷² *In an attempt to “civilize” the sport, the Marquis of Queensbury, an English aristocrat, lent his name and patronage to a new set of rules. The Queensbury Rules of 1867 called for the use of padded gloves, the abolition of holding and wrestling, rounds of three minutes each with a minute’s rest between, and a count of ten seconds over a fallen fighter.*

demonstrações de autocontrole, civilidade e espírito esportivo, como aqueles apontados nas imagens 6 e 7. Faz-se necessário, no entanto, que o historiador não incorra no erro de tomar aquelas condutas e pequenas éticas como “coisas dadas” e/ou livre de “dissonâncias”. Ao que tudo indica, a prática do boxe foi remodelada de forma a melhor adaptar-se às demandas concernentes aos locais onde era praticado, mas divergências são inevitáveis. Apresentamos, por exemplo, casos como o do delegado que proibiu o evento de lutas; a situação em que se discutiu, em pleno parlamento britânico, a possibilidade de se proibir a prática pugilística em território nacional, além do momento em que Miguel de Oliveira foi impelido a ressaltar o caráter “violento, mas consentido”, do boxe.

No parágrafo anterior, buscou-se apresentar a prática do boxe como um elemento em constante transformação, passível de adaptação, mas também de permanências. Não é à toa que Elias fez uso da palavra “processo”, que remete a um conjunto sequencial de ações.

Aquilo que é ainda muito invulgar no presente é a atenção a regras e normas em desenvolvimento. O problema do como e do porquê regras e normas se tornaram aquilo que elas são num dado momento não é explorado, com frequência, de maneira sistemática. Além disso, sem a investigação de tais processos, uma dimensão completa da realidade social permanece fora de alcance. O estudo sociológico dos jogos-desporto, para além do seu interesse intrínseco, desempenha também a função de um projecto-piloto. Encontram-se aqui, num campo que é relativamente limitado e acessível, problemas de um tipo que muitas vezes surge noutras áreas maiores, mais complexas e menos acessíveis. Os estudos sobre o desenvolvimento dos desportos proporcionam experiências de várias formas e, por vezes, conduzem a modelos teóricos que podem contribuir para investigação dessas outras áreas. O problema do como e do porquê se desenvolveram regras é um exemplo. O estudo estático das regras ou normas, como algo definitivamente adquirido, conduziu com frequência, no passado, e continua a conduzir hoje, a um quadro equívoco e, de algum modo, irrealista da sociedade. (ELIAS, 1992, p. 227)

O excerto acima chama-nos a atenção para a miséria investigativa voltada para as regras e normas sob a perspectiva inerte. “O estudo estático” daquelas regras pode conduzir a enganos e anacronismos concernentes aos grupos/sociedades estudados, ou seja, cabe ao investigador, dotado de sensibilidade histórica, historicizá-las a fim de que as compreendamos enquanto fruto de um complexo processo histórico, e não como algo que “surgiu do nada e simplesmente está lá”. O boxe, até muito recentemente, foi tido como a forma de

manifestação brutal e animalésca por excelência, mas com o advento dos grandes eventos promovidos pelo UFC ainda nos anos 2000, aquela balança “reconfigurou-se”. Essa medição poderia gerar outra pesquisa, portanto nós a deixemos para outro momento.

A forma como a prática do boxe desenvolveu-se apresenta uma série de elementos parelhos à teoria de Elias. O processo civilizatório foi a forma por meio da qual as lutas de boxe puderam continuar a ser realizadas sem que houvesse obstrução legais. Violências, portanto, tiveram de ser amenizadas, mas não poderiam ser extintas uma vez que o esporte em questão está intimamente associado a elas.

Ainda imersos naquela discussão, analisemos a imagem 8:

Imagem 8 – Intimidação, uma forma de pré-combate.



Fonte: Coleção da Escola de Boxe do LEC/FPP. 1 fot., 10,14x15 cm. Fotógrafo desconhecido, entre as décadas de 1990 e 2000.

Nessa fotografia estão retratados dois lutadores, seus respectivos acompanhantes (que provavelmente são seus treinadores) e Miguel de Oliveira, que atua como árbitro. A escuridão é tamanha a ponto de nos impossibilitar a nítida visualização tanto da plateia quanto das arquibancadas, o que dificulta a

identificação do local onde acontece o combate. Isso é característico do uso de *flash*. No ringue há um anúncio do jornal Folha de Londrina, então é muito provável que o combate tenha acontecido em Londrina ou em sua região metropolitana por volta da década de 1990 ou início dos anos 2000. No mais, não pudemos identificar os nomes dos indivíduos retratados ou o evento competitivo em questão.

Sobre a peleja, está claro que se trata de uma luta oficial e profissional, pois há a presença de um árbitro fardado e os lutadores não usam camisas regata, o que é permitido somente no âmbito profissional (AIBA, 2017).

Ainda, identificamos nessa imagem um elemento que a diferencia das anteriores: a encarada. O indivíduo de boné virado para trás pousa uma das mãos no ombro do lutador de calções pretos e, assim como a outra dupla, recebe as recomendações do árbitro. Os lutadores, todavia, parecem voltar a maior parte de suas atenções não para Miguel de Oliveira, mas para o combate simbólico no qual se encontram engajados. Nessa imagem, identificamos que ela sugere intimidação visual por parte dos/entre os lutadores, o que não é de se estranhar, pois essa é uma forma bastante comum de desconcertar o adversário, prejudicando seu desempenho antes mesmo que o combate físico se inicie. Difícil pensar essa intimidação ou em outras violências simbólicas dentro do universo pugilístico sem que “Iron” Mike Tyson, ex-campeão de boxe peso pesado famoso pela sua brutalidade, nos viesse à mente. Inclusive, chamamos atenção a uma interessante experiência dele que foi relatada em sua autobiografia. Era 1982 e o título da Junior Olympics⁷³ estava em jogo. Na época, era Tyson seu detentor, portanto, cabia a ele defendê-lo diante do grandalhão Kelton Brown, seu desafiante. A situação foi relatada da seguinte maneira:

Quando entrei no ringue, meu adversário estava esperando por mim. Era um cara branco de 1,98 chamado Kelton Brown. Eu me recompus, invoquei minha coragem. Fomos para o centro do ringue para receber as instruções, e cheguei tão em cima da cara dele com meu olhar malévolo, que o árbitro teve de me empurrar para trás e me dar uma advertência antes mesmo de a luta começar. O gongo soou e fui para cima dele. Dentro de um minuto, eu estava lhe dando uma surra tão magistral, que seu *corner* jogou a toalha. Eu era então bicampeão da Junior Olympics. (TYSON, 2014, p. 76)

⁷³ A Junior Olympics é uma organização estadunidense multi-esportiva e sem fins lucrativos. Maiores informações estão disponíveis em seu site oficial: < <http://www.aaujrogames.org/>>.

Mike Tyson infringiu as leis ao quase iniciar um combate antes mesmo de receber as instruções que devem precedê-lo, e foi punido por isso. Aqui não nos interessa o sistema de punições concernente ao esporte, mas o conjunto de significados que giram em torno da intimidação. Até agora destacamos as “etiquetas” dentro do universo pugilístico, ou seja, os elementos civilizatórios que agora o compõe. Intimidar (desde que não haja insultos ou contatos físicos) não foge às leis do boxe, mas também está longe de ser uma manifestação pugilística não violenta. Tyson afirma ter “lançado um olhar malévolos ao seu adversário”, talvez com a finalidade de desconcertá-lo e, assim, prejudicar o desempenho dele. Intimida-se o adversário visando vantagem sobre ele.

Como discutido, a transformação do boxe em um esporte mais civilizado foi a forma por meio da qual sua permanência dentro de uma sociedade cada vez mais sensível às manifestações de violências foi mantida. Aprimorou-se aquela sensibilidade, mas a intolerância não se tornou generalizada, como o afirmam Melo e Vaz:

Obviamente que esses esforços “civilizatórios” e de controle não foram totalmente eficazes, devendo ser encarados menos a partir de uma perspectiva linear e mais desde o ponto de vista de uma tensão constante e complexa entre as ideias de dominação e resistência. Aí talvez resida um dos grandes motivos da popularidade do esporte no decorrer do século XX: é uma prática social em que se permite uma experiência de grande fruição mimética e estética; momentos de intensa “imoralidade” no âmbito de uma sociedade muito moralizante. No decorrer do tempo, essa relação que sempre foi muito “erótica” vai se tornar cada vez mais “pornográfica” pela predominância de recursos de imagem que explicitam cada centímetro e cada instante das atividades esportivas [...] O boxe ainda que bastante regulamentado, permanece muito popular exatamente pelas situações e imagens de violência que oferece ao público. (MELO; VAZ, 2006, p. 144)

O excerto acima faz parte de um artigo no qual se discutem a relação entre cinema, corpo e pugilismo. A violência, como visto, também figura entre seus elementos de estudo e, com relação aos mecanismos de intimidação discutidos até agora (que são bastante comuns, desde, pelo menos, a segunda metade do século XX, quando as lutas de boxe passaram a ser largamente televisionadas) (MELO; VAZ, 2006), é possível identificar uma dupla funcionalidade sua: atacar simbolicamente o adversário e “fornecer doses legais de violência” aos espectadores que, em partes intolerantes à violência física, anseiam-na até certa medida.

Por fim, destacamos que no boxe são recorrentes os empregos de outras formas de manifestações pugilísticas associadas à violência que não somente os golpes trocados pelos combatentes. Em outras palavras, há sim uma série de demonstrações associadas ao respeito e à segurança dos lutadores, mas também existem outras que estão associadas à intimidação e a busca pela desestabilização do oponente. Violências compõem esse esporte de variadas formas e em diferentes níveis, mas elas próprias também estão sujeitas às transformações e aprimoramentos de acordo passar dos anos (e, também, do imaginário social).

3.1.4 Nobre arte: esgrima com os punhos

Passemos para o momento no qual os boxeadores sobem ao ringue. É neste instante que os lutadores, semelhantes a gladiadores modernos que se encontram diante da plateia e de “juízes-Césares” que se encontram posicionados bem próximos ao ringue, colocam em prática seu potencial violento de forma a subjuguem seus adversários e, assim, fazerem jus ao interesse prestado pelos seus fãs e expectadores. É nesse momento também que acontece a tão esperada troca de golpes entre os lutadores e, como mencionamos, houve toda uma preparação para isso. Assim, é de se imaginar que, numa luta oficial, os mecanismos de defesa e ataque não sejam utilizados a torto e a direita. É claro, seria inocência de nossa parte esperar que todos os praticantes viessem a apresentar profundos conhecimentos técnico-combativos. Assim como em qualquer outra área, há aqueles que dominam mais ou menos as técnicas e métodos de seu ofício. De qualquer forma, espera-se que o lutador domine ao menos o necessário para que possa subir ao ringue e, uma vez lá, não seja expulso por demonstrar imperícia excessiva e/ou má fé por meio da aplicação de golpes ilegais. Enfim, aquilo que definirá o que é uma briga e o que é uma luta legal são justamente os elementos que aproximam o boxe de uma “arte tida como nobre”, por parte daqueles que são simpáticos a sua prática.

“Nobre arte”. É importante destacar que ao mencionar este termo não se intenciona compactuar com quaisquer juízos de valores. Ao nos referirmos ao combate pugilístico dessa forma, não o fazemos de forma a enaltecê-lo, mas sim de lhe fazer alusão a partir de um termo que lhe é costumeiramente associado. Nobre

arte está para a prática do boxe assim como “pelada” está para a partida não oficial de futebol. Em ambos os casos, a história de suas etimologias poderiam gerar outras pesquisas, mas diferentemente do caso do futebol, “nobre arte” parece ir ao encontro de uma tentativa de transformação daquilo que era uma prática violenta em excesso em outra menos agressiva e mais criteriosa. Em outras palavras, parece-nos possível conjecturar uma relação entre as representações pugilísticas e uma tentativa de enobrecê-las⁷⁴.

Daremos continuidade àquela discussão por meio do estudo de fotografias que retratam lutas de boxe e algumas de suas representações e, como veremos, elas estarão associadas a um complexo jogo que envolve ataques e defesas que mais se parecem com uma “esgrima de punhos”.

Em uma luta oficial de boxe (seja ela amadora ou profissional), sobem ao ringue dois desafiantes e um árbitro. Há toda uma equipe “atrás das cordas”, é claro, mas não nos atentaremos a ela. O que nos interessa, neste momento, são os indivíduos que se digladiam e aquele que, muito próximo daqueles, mantém-se como o “bastião das leis esportivas”, aplicando as regras que regem o combate e advertindo e/ou punindo os competidores quando necessário. O papel do árbitro é fundamental, pois há situações em que os lutadores agem de má fé, seja aplicando golpes ilegais (como cabeçadas, cotoveladas e agarramentos) ou ofendendo verbalmente seu adversário. Quando isso acontece, dependendo da forma como o árbitro venha a interpretar a situação, um simples aviso poderá ser proferido, mas há casos mais graves quando se faz necessária a retirada de pontos do infrator e, até mesmo, sua desqualificação, como quando em 9 de novembro de 1996, diante dos milhares de espectadores presentes no MGM Grand Garden Arena e dos milhões de assinantes do pay-per-view, Mike Tyson abocanhou e dilacerou a orelha de Evander Holyfield. Ressaltamos que este é um caso isolado e bastante incomum. Via de regra os combates sofrem tanta interferência por parte do árbitro quanto uma partida de futebol também a sofre por parte do juiz. Aqui e acolá pequenas faltas (propositais ou não) acontecem e são rapidamente solucionadas para que o combate/partida volte a acontecer o quanto antes, mas como mencionamos, situações mais graves também podem acontecer.

⁷⁴ Por “enobrecimento” fazemos menção ao cumprimento das regras de Queensbury, que foram mencionadas por Baker (1988), por parte dos pugilistas. O objetivo destas regras era justamente tornar a prática do boxe mais técnica e menos brutal.

Feitas aquelas considerações, chamamos a atenção para a imagem de número 9:

Imagem 9 – Luta amadora na Escola de Boxe.



Fonte: Coleção da Escola de Boxe do LEC/FPP. 1 fot., 10,1x15 cm. Fotógrafo desconhecido, entre 1994 e início da década de 2000.

Na imagem acima se encontra retratado um combate amador e oficial. O uso de capacetes⁷⁵ e a presença de um árbitro⁷⁶ sustentam nossa afirmação. Ainda sobre o capacete, a sua utilização parece-nos, para este tópico, constituir-se numa representação pugilística bastante importante. Assim acreditamos, pois as motivações que tornaram obrigatório o seu uso em 1984 e as que o revogaram em 2016 encontram-se repletas de problemáticas que envolvem desde polêmicas entre instituições esportivas discordantes até questões concernentes à violência. Foquemos nestas últimas e, para tanto, iniciemos por discorrer sobre o propósito do equipamento de segurança em questão. A utilização de um capacete acolchoado durante uma luta tem um objetivo claro: proteger a cabeça de quem o usa. O emprego deste é bastante comum entre os lutadores na categoria amadora pré-

⁷⁵ Seu uso deixou de ser obrigatório em 2016.

⁷⁶ É possível identificar apenas um pedaço da manga de sua camiseta atrás da coluna.

2016 e entre aqueles que costumam treinar *sparing*, por exemplo, e buscam atenuar o impacto dos golpes sofridos.

Outro motivo para se utilizar o capacete (e este tem a ver tanto com a violência quanto com a mencionada discordância) diz respeito à juventude e à inexperiência dos lutadores que se encontram na categoria amadora. Numa luta, como já frisamos um bocado de vezes, o principal objetivo é a subjugação do adversário, e uma das formas mais almejadas de fazê-lo é por meio do nocaute, com destaque para aqueles que são provocados por devastadores socos desferidos contra o queixo ou outra parte da mandíbula do oponente. Com o capacete, essa forma de vitória torna-se menos provável, o que, de um lado, protege o competidor ao amenizar a violência do combate, mas de outro, pode mudar completamente a dinâmica da luta. Buscaremos ser mais claros. Imortalizado e supervalorizado pelos filmes e romances, o nocaute, que se constitui num dos mais almejados critérios de vitória, vem acompanhado de uma grande carga de valor simbólico. Além de enriquecer e muito o cartel⁷⁷ de um lutador, o nocaute também pode lhe servir como um trunfo quando instituições e/ou revistas especializadas selecionam e/ou premiam os protagonistas das prestigiosas “lutas do ano”. Já numa luta com capacete, os nocautes tornam-se mais incomuns, o que induz os lutadores a adotarem posturas mais sóbrias e cautelosas, pontuando por meio de golpes certos e evitando ser atingido de forma a, no fim da luta, ter pontuado mais do que o oponente.

Ao que nos parece, a abolição do uso de capacetes no boxe amador funciona como uma tentativa de aproximação do amadorismo ao profissionalismo de forma a, com o aumento da carga de violência esportiva naquela categoria, atrair um maior número de expectadores ávidos não por lutas decididas a base de pontos, mas por nocautes cinematográficos. Essa interpretação nos parece possível uma vez que, mesmo diante do grande número de vozes dissonantes, de acordo com uma matéria do periódico O Estado de São Paulo (BOXE CONFIRMA QUE..., 2016) a abolição dos capacetes foi, de fato, uma das estratégias da Aiba para aproximar o boxe amador do profissional.

Retomemos à fotografia de número 9, na qual estão representados dois lutadores que utilizam capacetes. No primeiro plano à esquerda, assistindo ao

⁷⁷ O cartel é uma espécie de currículo pugilístico. Nele se encontram informações como os nomes dos oponentes, número de vitórias, derrotas e além de informações concernentes a como se deu a derrota/vitória.

combate, encontra-se Miguel de Oliveira, e a competição acontece nas atuais dependências de sua Escola de Boxe, por volta dos anos 1994 e a primeira metade da década de 2000. Não identificamos nesta fotografia quaisquer indícios de conduta antiesportiva. Nela, é possível visualizar uma plateia atenta à peleja que é travada entre dois competidores em aparente “pé de igualdade”. Sob uma iluminação bastante precária⁷⁸, é possível identificar que ambos encontram-se eretos e concentrados aos movimentos um do outro. Enquanto o lutador de vestes brancas golpeia, o de vermelhas defende-se, expondo a face direita enquanto afasta o tronco a fim de não ser atingido. Nesta fotografia, é possível identificar uma série de representações pugilísticas que vão ao encontro da conduta esportiva legal: equipamentos de segurança são utilizados pelos competidores amadores que, supervisionados pelo árbitro, parecem, ao menos na foto, jogar de acordo com as regras uma vez que enquanto um golpeia de forma correta, o lutador acuado defende-se com os braços, de frente para o oponente e não utiliza as pernas para contra-atacar. O mesmo já não acontece na imagem de número 10:

⁷⁸ Aparentemente, o fotógrafo fez uso do *flash*. Assim o deduzimos, pois aquilo que se encontra no primeiro plano (Miguel de Oliveira e outra pessoa a sua direita, ambos de costas) está iluminado, mas a luta, que provavelmente era o foco do fotógrafo, não. Interpretamos essa situação como uma imperícia por parte do fotógrafo e, portanto, acreditamos que a fotografia seja amadora.

Imagem 10 – Infração cometida durante uma competição amadora na Escola de Boxe.



Fonte: Coleção da Escola de Boxe do LEC/FPP. 1 fot., 10,27x15 cm. Fotógrafo desconhecido, entre 1994 e início da década de 2000.

Esta fotografia encontrava-se no mesmo álbum que a imagem de número 9. Este e outros indícios nos levam a crer que ambas as fotos retratam o mesmo evento, apesar de, desta vez, o fotógrafo ter se posicionado na outra extremidade do ringue. É possível identificar Miguel de Oliveira logo atrás da perna direita do árbitro. O ponto de vista agora é outro, mas aparentemente Miguel se encontra no mesmo lugar que o da fotografia anterior.

Foquemos nos lutadores. Todas as informações que nos levaram a considerar a luta retratada na imagem anterior como amadora encontram-se presentes na imagem de número 10. São utilizadas regatas, capacetes, há um árbitro, etc. O que há de diferente aqui é o fato de estar claro que o pugilista à direita, com vestes amarelas, agarrou-se ao oponente de forma que ambos, aparentemente, vieram a cair. Sobre o motivo da queda e tudo o que aconteceu no seu desenrolar, podemos apenas conjecturar. Seriam as posições das pernas dos lutadores indícios de uma joelhada desferida contra as partes íntimas do lutador da esquerda ou teria o lutador de amarelo, inspirado num dos golpes do judô,

arquitetado a queda de seu oponente? Talvez o lutador de vermelho, com o tronco inclinado, tenha investido contra seu oponente de forma a desferir-lhe uma forte cabeçada no rosto e/ou, num momento de descontrole, tentado levá-lo ao chão? Sem maiores informações, torna-se impossível precisar estas questões, mas seja como for, no boxe, assim como em outros esportes, acidentes acontecem (ou, pelo menos, é o que os lutadores nos fazem parecer). Não são raras às vezes em que um lutador tropeça, escorrega ou desequilibra-se de alguma forma. Todavia, agarrar-se ao oponente constitui uma violação às regras, sendo passível de punição. O ato de agarrar o oponente, manobra esta também conhecida como *clinch*, mesmo sendo recorrente, constitui numa penalidade passível de advertências, mas por mais estranho que pareça, essa conduta (que, de acordo com as regras, é proibida) é largamente tolerada por árbitros das mais diversas federações. Tenório D’Albuquerque já criticava a “normalidade” com a qual é tratado o *clinch* por grande parte dos árbitros do Brasil e do mundo desde a década de 1930 (D’ALBUQUERQUE, 1930).

Por fim, através da análise das imagens de números 9 e 10 fomos capazes de identificar diferentes representações pugilísticas mais ou menos relacionadas à violência. Nós nos ativemos principalmente à utilização do capacete e às condutas que podem ser consideradas antiesportivas, como a utilização das pernas para derrubar o adversário e/ou agarrar-se a ele. Na imagem 10, além de agarrar seu oponente, o lutador da direita manteve-se dessa forma, levando-o, aparentemente, junto a si para o chão. Tenha sido proposital ou fruto de seus reflexos (buscando não cair), essas atitudes violam as regras que regem um combate oficial amador. Agarrar-se ao oponente é estritamente proibido e é parte do protocolo pugilístico que o árbitro dite as regras aos combatentes antes do início da luta. Aos lutadores é informado, entre outras coisas, aquilo que é ou não permitido fazer. Ignorância sobre as regras, nesse caso, portanto, não pode ser considerada como uma justificativa válida. A falta é clara. Já com relação ao uso do capacete, tomamos a sua obrigatoriedade como uma das formas de tornar o boxe menos brutal. Como vimos, críticas já foram levantadas contra a não utilização desse tipo de proteção mesmo entre os lutadores da categoria profissional. A abolição daquele material de proteção, no entanto, não é de causar estranheza. Como também já discutimos, a busca pela “extirpação” da violência não é e nunca foi uma realidade. O que se busca, na verdade, é a “domesticação” da violência, e não a sua extinção. Dentro

desta perspectiva, o boxe, assim como quaisquer outras práticas, encontra-se à mercê de uma série de transformações que marcam sua historicidade. O fato de determinado esporte tornar-se mais ou menos violento devido às transformações em algumas das regras que o regem, portanto, configura-se como algo relativamente normal.

3.1.5 Soa o gongo. É o fim da luta

Já abordamos os momentos de treino, a promoção da luta, os instantes finais que a precedem e o tão esperado combate. A duração destes momentos, no boxe, podem variar de acordo com a temporalidade, categoria e sexo dos lutadores. Buscaremos ser mais claros quanto a isso. Apesar de tantas variações, existe naquelas situações um elemento que representa uma permanência mais que centenária. Referimo-nos ao gongo. Numa luta de boxe, o soar deste instrumento pode indicar três situações distintas: o início e o fim de cada um dos assaltos que compõem a luta além de chamar a atenção para a divulgação dos resultados das disputas a serem emitidos pela equipe de jurados. Sobre as duas primeiras situações, ressaltamos que, consecutivamente, também são indicados o início e o fim dos minutos de descanso que intercalam os assaltos, ou seja, termina-se um *round*, inicia-se o minuto de descanso e vice-versa.

Caso a luta não termine em nocaute⁷⁹, nocaute técnico⁸⁰ ou em desistência, é previsto que ela dure entre dez e doze rounds de três minutos para homens e dois para mulheres⁸¹. Essa contagem nem sempre funcionou dessa forma, pois, como destacamos⁸², houve uma época em que não havia um número limite de *rounds*. Já hoje, terminado aquele espaço de tempo pré-determinado que é marcado por uma frenética troca de socos, o gongo é soado e, como é bastante comum, os lutadores

⁷⁹ Acontece quando o lutador, inconsciente, cai ao chão.

⁸⁰ Acontece quando o lutador encontra-se consciente, mas sem condições de continuar combatendo.

⁸¹ Esses números variaram de tal forma que traçar suas transformações demandaria um esforço hercúleo. Até o início do século XX, era comum não haver um número limite de assaltos. A luta terminava somente quando um dos oponentes desistia e/ou não estivesse mais em condições de lutar. Já por volta da década de 1980 (e tendo em vista que lutas valendo títulos costumam contar com um maior número de rounds), a duração era de até 15 assaltos. Hoje, o tempo é equivalente à categoria do lutador (amadores lutam quatro assaltos e profissionais até doze), sendo que os profissionais contam com uma espécie de “progressão” conforme avançam em suas carreiras: lutadores novatos começam em lutas de até quatro rounds, subindo para seis, oito e assim por diante.

⁸² Vide a citação de Baker na página 98 da presente pesquisa.

passam a acenar e/ou fazer gracejos para o público com a finalidade de conquistar a plateia e, assim, serem suficientemente ovacionados a ponto de “influenciar” os jurados em suas decisões e pontuações. Não trataremos da hipotética efetividade dessa estratégia, mas buscaremos identificar representações pugilísticas que se encontram circunscritas em fotografias que retratam o exato momento quando, após o último soar do gongo, são anunciados os resultados e, consecutivamente, o vencedor (ou o empate, o que é incomum).

Atentemo-nos à fotografia a seguir:

Imagem 11 – Combate no Shopping Quintino. Anúncio do vencedor.



Fonte: Coleção da Escola de Boxe do LEC/FPP. 1 fot., 10,46x15,01 cm. Fotografia desconhecida, segunda metade da década de 2000.

Na imagem 11 está retratado um combate amador realizado no Shopping Quintino⁸³, em Londrina, por volta da segunda metade da década de 2000. Tal estimativa ampara-se no seguinte critério: entre os seis *logos* dos patrocinadores que, parcialmente enquadrados, encontram-se estampados ao fundo da imagem,

⁸³ O logo desse estabelecimento encontra-se parcialmente enquadrado ao fundo da imagem, atrás do lutador da direita.

identificamos números de telefone fixo com oito dígitos. Tal regra, em Curitiba, capital do Paraná, passou a valer somente a partir de meados de 2005.

Como destacamos, nossas fontes fotográficas mantêm um padrão naquilo que concerne à simplicidade. O caso da imagem 11 não é diferente. Por meio de sua análise, não identificamos quaisquer traços de pompa ou exuberâncias. Roupas, equipamentos, ambiente, tudo se mostra bastante simples e sóbrio. Assim o afirmamos, pois, apesar de tratar-se de uma luta oficial, de caráter regional⁸⁴ e com uma série de patrocínios privados⁸⁵ e governamentais⁸⁶, ela acontece em um espaço adaptado no estacionamento de um shopping pequeno e o lutador que representa o LEC nem ao menos utiliza sapatilhas específicas para o boxe, mas sim tênis e meias compridas. Quanto ao fotógrafo, desconhecemos sua identidade, mas é possível notar que o momento retratado por ele é bastante estratégico: refere-se ao anúncio do vencedor. Isso pode significar que o fotógrafo seja alguém que possua certos conhecimentos sobre boxe, mas não de fotografia profissional. Como é possível visualizar, ele desconsiderou a estética fotográfica profissional porque, apesar de ter captado a imagem de forma a enquadrar e deixar muito claros os rostos dos envolvidos no combate, destes foram “cortadas” as pernas. É como se ele estivesse interessado especificamente nas informações técnicas da luta: identidade dos envolvidos x resultados.

O resultado, a propósito, é favorável ao competidor londrinense, a quem notamos um sutil maior interesse. Dentro do universo pugilístico, a imagem do lutador vitorioso com os punhos levantados talvez lhe seja uma das mais icônicas. Hollywood explorou esse momento em vários de seus filmes sobre pugilismo, como em *Touro indomável*, *Menina de ouro*, *A luta pela esperança*, *O vencedor* ou os seis longas metragens que compõem a franquia *Rocky*, um lutador. Tamanho simbolismo associado a esse momento em específico é mais bem compreendido quando temos em vista que, nele, está representado um dos mais importantes objetivos de uma luta de boxe: a vitória. Vencer, teoricamente, é a meta do lutador, então, em uma sociedade cada vez mais imagética como a nossa, o registro fotográfico de um pugilista com os braços levantados em sinal de vitória torna-se para o boxe aquilo que um troféu reluzente significa para uma equipe de futebolistas.

⁸⁴ Afinal, o árbitro porta um uniforme estampado, no canto esquerdo do tórax, com uma araucária, um dos símbolos que representa o Estado do Paraná.

⁸⁵ Como as empresas Color Painéis e Navega Tur.

⁸⁶ Como a Fundação de Esportes de Londrina (FEL).

Ainda na imagem 11, ressaltamos que nela está representada não somente a vitória no pugilismo, mas também sua condição inversa: a “derrota”. Selecionamos essa imagem justamente por essa razão: por intermédio dela nos é possível problematizar uma fotografia cuja composição conta com elementos contraditórios (embora não excludentes) além de um singelo maior destaque voltado aos elementos que indicam a vitória no pugilismo. À nossa esquerda, o indivíduo de calções e camisa azuis (ambos estampados com escudos do LEC) encontra-se com os dois braços levantados: um é elevado pelo árbitro, que anuncia sua vitória. Já o outro representa um sinal de comemoração, o que nos fornece um contraste bastante interessante. Num primeiro momento, é como se a fotografia nos induzisse a focar nos braços que estão estendidos para cima e, posteriormente, somos compelidos a acompanhar uma imaginária linha decrescente (representada pelas espáduas do árbitro) que ruma em direção ao adversário perdedor. Repetimos: estão representadas nessa fotografia tanto a “vitória” quanto a “derrota”, e essa coexistência resulta em elementos que dão origem a outra representação: a violência. Vitória possui, dentro desse contexto específico, braços levantados (um deles pelo árbitro) como seu homólogo, enquanto que, dentro das mesmas circunstâncias, a derrota equivale ao punho que, mesmo segurado pelo árbitro, mantém-se baixo, não passando da linha da cintura do lutador de regata branca. Para que haja vitorioso é necessário que alguém perca. Tendo essa perspectiva como pano de fundo, identificamos violência na imagem 11 justamente na impossibilidade conceitual de que existam dois vitoriosos em uma mesma contenda. No boxe, ou se perde, ou se empata ou se vence. No caso dessa fotografia, os louros de um relegou a amarga derrota ao outro (ODÁLIA, 1983), o que, sob o ponto de vista laciano, acarretou em um tipo de castração simbólica, pois instaurou-se a perda de uma coisa que “funda o sujeito enquanto sujeito desejante, isto é, referido a uma falta. O desejo é sinônimo de falta e incompletude, da mesma maneira que a pulsão é sinônimo de insatisfação em relação ao gozo que ele almeja” (JORGE, 2017, s/p).

Por fim, reiteramos que representações pugilísticas relacionadas com a violência se dão não somente por meio do registro das agressões físicas e verbais. É claro, como destacamos, numa luta de boxe há sempre o contato físico bruto, mas nela também são constantes as violências simbólicas que são retratadas fotograficamente e cuja percepção necessariamente depende e está associada à

representação de outros elementos. Nesse caso, os papéis da vitória e da derrota é justamente esse. Dentro de todo um contexto envolvendo boxe em Londrina na temporalidade proposta, identificamos, portanto, uma representação de violência simbólica (BOURDIEU, 1999) em algo que, ao longo da história do boxe, configurou-se como uma permanência praticamente imutável: a busca pela vitória por meio da subjugação do adversário. Aquele que é subjugado representa para aquele que o venceu o acréscimo de uma “unidade de vitória” em seu cartel. Grosso modo, “compra-se a glória com desgraça” (PESSOA, s/d, p. 2).

3.1.6 Anúncio do(s) vencedores: louros e lágrimas

Chegamos aos momentos finais desta pesquisa, e eles também concernem aos últimos instantes de uma luta de boxe. Tudo isso não necessariamente implica no fim do evento no qual o combate está inserido, pois os resultados das lutas são anunciados logo após os seus terminos. Todavia, seja no fim de uma luta em específico ou do evento pugilístico como um todo, em ambos os casos existem particularidades representativas as quais buscaremos nos ater ao longo deste último tópico.

Da mesma forma que em todos os outros momentos chave que acreditamos encontrarem-se circunscritos à prática pugilística, o seu fim também é dotado de representações que lhe são peculiares. Sobre esse diferencial, ao que parece ele conta com elementos que se configuram na forma de um interessante rito de passagem que é dotado de uma série de diferentes tipos de simbolismos. Esses simbolismos, embora diferentes dos outros já estudados, também são compostos por posições corporais, sinais feitos com as mãos e objetos cujas disposições “têm lugar e vez”. A fim de que sejamos mais claros, pensemos novamente numa peça de teatro. Em seu desfecho, os atores reúnem-se no palco a fim de se reverenciarem diante da platéia que os assistiu e que agora, teoricamente, está a ovacioná-los. Essa situação não acontece no início da peça por uma série de motivos, e, dentre eles, devido ao fato de que não faz sentido algum agradecer à presença de espectadores que ainda não espectaram coisa alguma. Da mesma forma que no teatro, então, algumas das representações que permeiam a mostra pugilística apenas passam a possuir significações mais coerentes enquanto em seu desfecho, e isso inclui toda uma ambientação que é construída justamente para este fim.

Cientes daquilo, chamamos a atenção para a imagem a seguir:

Imagem 12 – Resultados do XIV JABS.



Fonte: Coleção da Escola de Boxe do LEC/FPP. 1 fot., 10,26x16,27 cm. Fotógrafo desconhecido, 2005.

Na imagem de número 12, quatro indivíduos além de parte do que parece ser a mão de uma quinta pessoa, enquadrada no canto inferior esquerdo da fotografia, encontram-se retratados. Foquemos nos três indivíduos que estão de pé sobre o pódio. Além de encontrarem-se sobre essa estrutura, eles também usam medalhas e estão com os braços levantados. Estes três atos simbólicos (usar uma medalha ao redor do pescoço e elevar os braços em cima de um pódio) somados às informações contidas no próprio pódio revela-nos que as três pessoas em questão são as vencedoras da décima quarta edição de uma competição intitulada como “Jabs”

(Jogos Abertos Brasileiros) que, a propósito, faz menção a um dos golpes referentes à prática do boxe⁸⁷.

Nessa fotografia, novamente foi utilizado o *flash*. É por isso que se tornou claro e evidenciado tudo aquilo que se encontra no primeiro plano. Já com relação ao seu fundo, não vemos mais nada além de algumas arquibancadas imersas na escuridão, o que dificulta a identificação de maiores informações sobre o espaço no qual se desenrolaram os combates. Ainda, nenhuma anotação foi feita na parte de trás desta fotografia ou das outras que também foram tiradas neste mesmo evento, então tivemos de recorrer à versão online do periódico Tribuna do Paraná a fim de descobrirmos maiores detalhes sobre essa competição. Assim o fizemos, pois nas fontes periódicas as quais tivemos acesso por meio do NDPH não haviam quaisquer referências sobre o evento em questão. Feito aquilo, descobrimos que tudo se passou em Campo Grande/MS ao longo dos dias 22 a 27 de maio de 2005. Naquela ocasião, equipes que representavam vários estados brasileiros competiram, mas foi a equipe de São Paulo que sagrou-se campeã (PARANÁ TERMINA EM QUARTO..., 2005). No parágrafo a seguir, discutiremos mais sobre estas vitórias e suas formas.

Diferentemente do boxe profissional, os atletas brasileiros que competem na categoria amadora podem lutar como integrantes de seleções municipais, estaduais, nacional, etc. Há diferentes tipos de torneios que promovem, por exemplo, enfrentamentos que podem funcionar nas formas de estado contra estado, município contra município, estados da região norte contra estados da região sudeste e assim por diante. As combinações são inúmeras, variadas e são organizadas de forma bastante semelhante às competições de futebol, que são categorizadas, também, em níveis regionais, estaduais, nacionais, continentais e, por fim, o tão almejado mundial. A propósito, na imagem 12 estão representado os vencedores de uma determinada categoria de peso. No boxe, todos os lutadores apenas podem lutar contra oponentes que possuam pesos corporais parelhos aos seus. Nomenclaturas e definições para as categorias de peso variaram e continuam a mudar⁸⁸, mas a regra que proíbe a realização de uma luta envolvendo um grandalhão de 150 quilos contra um oponente que não possui nem a metade desse peso, por exemplo, mantém-se como uma permanência no universo pugilístico de forma a “igualar” as

⁸⁷ O jab é um dos golpes mais comuns num combate pugilístico. Trata-se de um golpe aplicado com a mão não dominante. Seu emprego visa mais a rapidez do que a potência com a qual é desferido.

⁸⁸ Números e definições encontram-se disponíveis no manual de normas técnicas da AIBA (AIBA, 2017).

chances dos lutadores, o que em teoria lhes faz justiça e torna o combate um tanto quanto mais civilizado.

Falávamos sobre categorias de peso. Cada seleção conta com lutadores de diferentes pesos de forma que uma mesma equipe pode competir em mais de uma divisão. Como dizíamos, a imagem 12 trata dos resultados de uma categoria em específico. Desconhecemos qual seja, uma vez que é impossível definir o peso de alguém com precisão apenas olhando para essa pessoa. De qualquer forma, podemos notar que o vencedor desta categoria é um dos competidores que lutava pela FPP. É possível identificar-lhe o brasão por trás da medalha. Desconhecemos o nome de todos os retratados e também não fomos capazes de identificar a filiação dos outros lutadores, uma vez que eles não portam brasões ou símbolos que pudessem revelá-la, mas uma série de outros elementos representativos que são compartilhados por esses três indivíduos nos são bastante informativos. Voltaremos a falar deles de forma que possamos melhor compreender as mencionadas especificidades representativas deste momento chave, mas antes chamamos a atenção para a imagem de número 13:

Imagem 13 – Resultados dos Jogos Abertos de 1984.

Fonte: Coleção da Escola de Boxe do LEC/FPP. 1fot., 15,11x14,71 cm. Fotógrafo desconhecido, 1984.

Propomos uma comparação entre a imagem acima e aquela que a atende. Ambas tratam de um mesmo momento: o anúncio e premiação dos vencedores. No entanto, diferentemente da imagem 12, a imagem 13 conta com datação em seu canto inferior esquerdo⁸⁹ além das seguintes anotações que se encontram na sua parte de trás: “Jogos Abertos PR. 1984. Campeão – Londrina; Vice – Pitanga. Miguel, Pelúcio”. Por intermédio dessas informações nos foi possível identificar a situação, datação além dos resultados e os nomes daqueles que representam as equipes vencedoras. Referimo-nos a Miguel [de Oliveira] e Pelúcio. Ainda na

⁸⁹ “10 set 84”.

imagem 13, o pódio parece ter espaço para três pessoas, mas somente dois indivíduos o ocupam. Miguel de Oliveira ocupa o local de destaque enquanto que Pelúcio ocupa a segunda colocação. Desconhecemos a razão da não ocupação do terceiro espaço. Sobre os indivíduos que lá se encontram, Miguel de Oliveira, naquela ocasião, atuava como treinador da seleção londrinense, e Pelúcio como o treinador da equipe de pitangueiras⁹⁰. Faz sentido acreditar que esta pessoa seja o treinador da outra equipe, uma vez que as anotações “Miguel” (treinador) e “Londrina” (equipe) dividem espaço com “Pelúcio” e “Pitanga”. Por que estão os técnicos e não os lutadores no pódio? Bem, como destacamos, uma mesma equipe conta com vários lutadores de diferentes categorias. É provável que eles não coubessem num espaço tão pequeno, então provavelmente os técnicos serviram-lhes como representantes de time.

Em ambas as situações aqueles que se encontram no pódio portam objetos que funcionam como indicativos de vitória. Referimo-nos ao troféu e às medalhas. Miguel de Olivera, por sua vez (e caso prestemos bastante atenção à imagem), recebe o maior troféu de alguém que provavelmente é o mestre de cerimônia do evento em questão. É interessante imaginar o troféu enquanto um objeto que representa a vitória. O segundo lugar também é uma posição de destaque em uma competição, é claro, mas o primeiro lugar lhe é superior. Talvez isso explique o porquê de o troféu de Miguel ser maior que o de seu rival. Seu triunfo é mais grandioso, afinal de contas, e isso vem acompanhado de determinada carga simbólica. Grosso modo, todos os troféus representam vitória, mas há vitórias mais “vitoriosas” do que outras, e isso pode ser ressaltado através do tamanho do troféu, por exemplo.

Já na imagem 12 há uma representação menos “provocativa” e que faz menção à suposta civilidade que caracteriza o boxe. Referimo-nos ao fato de que, embora todos os três vencedores retratados estejam com os punhos levantados em símbolo de vitória, o atleta que competiu pela FPP segura os antebraços de seus adversários como uma clara mostra de espírito esportivo. Ele os venceu, mas este gesto parece simbolizar que, apesar de derrotados, seus rivais também são dignos e seus esforços também merecem ser respeitados. Acreditamos que esta representação seja bastante sintomática porque a forma como ela aparentemente

⁹⁰Na anotação consta a palavra “Pitanga”. Acreditamos que se trate do município de Pitangueiras/PR.

está sendo explorada pelo fotógrafo pode possuir esse sentido somente nesse momento. O vencedor aparentemente demonstra respeito àqueles que ele venceu para alcançar o primeiro lugar. É impossível dizer, com segurança, se o primeiro colocado o fez por vontade própria ou por recomendação de um fotógrafo que aparentemente se encontrava na direção para qual eles olhavam. Curiosamente, todos focam em um mesmo local enquanto realizam uma das formas mais comuns de se representar o caráter desportivo do pugilismo. Enfim, parece fazer sentido acreditar que isso foi realizado para ser visto, fotografado e monumentalizado (LE GOFF, 1990; NORA, 1993).

Finalmente, destacamos que o anúncio dos vencedores e a premiação que acontecem ao fim de uma luta ou competição de boxe representa um rito de passagem. É nesse momento que os louros passam a cingir as tezes dos campeões enquanto outros ficam relegados a posições inferiores ou não se destacam nem ao menos para ocupar um local no pódio, que é ele próprio uma representação. Alguns estão sobre ele, outros não e, no boxe, como talvez tenha sido possível notar, algumas vitórias são representadas como “mais vitoriosas” do que outras. Não é à toa que a altura do pódio é decrescente, indo do mais alto primeiro lugar até rasa terceira colocação. Buscando “amenizar” a violência simbólica que esta situação pudesse porventura levantar, o primeiro colocado na imagem 12 parece ceder parte de seus louros para seu adversário ao alçar-lhes os punhos para os céus, aparentemente também chamando a glória para eles. Essa visão, é claro, constitui-se numa construção. Troféus, medalhas e pódios também servem como objetos representativos. Já a forma de utilizá-los, conforme debatemos neste tópico, pode fazer mais ou menos sentido de acordo com “como” e “onde” são empregados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, uma série de elementos foram explorados e entre os principais deles encontram-se a história do boxe em Londrina, as representações pugilísticas que foram retratadas numa coleção fotográfica em específico além do conceito de violência. Enfim, por meio destes e outros “ingredientes” é que buscamos contribuir para com o campo da História, principalmente à História do Esporte.

Ainda bastante lacunar, aquele último campo continua a manter o frescor que é característico das áreas de estudo que se encontram pouco exploradas e que ainda se encontram repletas de hiatos, o que pode despertar dois sentimentos distintos àqueles que nelas se aventuram: 1) instigamento, devido ao grande número de novidades e possibilidades de estudo; 2) dissuasão, devido às poucas referências relacionadas com o tema e à quase inexistência de acervos bem estruturados e organizados. Vale destacar que nos deparamos com ambas as situações.

Sobre as fontes, havia várias delas e de diversos tipos. Apesar de termos nos mantido focados principalmente na mencionada coleção fotográfica, também fizemos uso de matérias periódicas e fontes orais provenientes de entrevistas que foram realizadas por meio do método de História oral. Através da crítica voltada para cada uma delas (referimo-nos às fontes de estudo), fomos capazes de melhor compreender a história do boxe em Londrina em suas representações.

Como dizíamos, houve momentos “dissuasivos” durante a pesquisa. Acreditamos que eles se deveram ao fato de que, em Londrina, a prática do boxe parece manter-se configurado, já há décadas, num “campo por vir a ser”. Essa condição pode explicar alguns dos porquês de não terem havido condições suficientes para que à história desse esporte fossem elaborados e/ou construídos lugares de memória mais marcantes. A própria coleção fotográfica com a qual trabalhamos pode ser tomada como exemplo disso. Apesar de ela pertencer aos dirigentes da Federação Paranaense de Pugilismo e de uma das escolas de boxe mais antigas da região, aquelas fotografias, que são datadas de 1960 a 2000, encontravam-se num saco plástico preto. É como se estivessem escondidas. Diante desta situação, questionamo-nos se haveria uma situação mais sintomática para

melhor compreender o espaço ocupado pela prática do boxe e o manutenção de suas memórias no complexo espaço de disposições sociais londrinense.

Além daquelas considerações que se referem ao contexto histórico no qual nosso objeto de estudo circunscreve-se, também nos ativemos às fotografias e a sua análise crítica, é claro. Composta por sete centenas de peças, a coleção foi categorizada de forma a dialogar com momentos que tomamos como “momentos chave” na prática pugilística. Em cada um deles, foi-nos possível identificar uma miríade de representações pugilísticas associadas, de diferentes formas, ao conceito de violência. O boxe como o conhecemos transformou-se ao longo das décadas, e estas mudanças (assim como algumas permanências) tornam-se evidenciadas por meio das fotografias. Seja através de poses, gestos, utilização ou não de determinados equipamentos de segurança, enfim, em cada uma daquelas categorias fomos capazes de identificar representações referentes ao universo do boxe que dialogam de forma um tanto quanto fluida para com o processo civilizatório estudado por Norbert Elias. Seja no combate, na promoção da luta ou na divulgação dos resultados, nas entrelinhas de todas estas situações sempre estiveram presentes os elementos que as dotavam daquilo que, de acordo com o senso comum, seria uma luta violentíssima de uma maior aceitabilidade, afinal, como bem destacou Eric Dunning, o processo teorizado por Elias diz respeito à “domesticação da violência”, e não à sua extinção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A LENDA VIVA DO BOXE DE LONDRINA. **Folha de Londrina**, Londrina, 02 set. 1985.

ALBERTI, V. Fontes orais: histórias dentro da história. In: PINSKY, C.B. (Org.). **Fontes históricas**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

ARENDDT, Hanna. **Da violência**. Disponível em: <http://delubio.com.br/biblioteca/wp-content/uploads/2014/02/harendtdv.pdf>. Acesso em: 21 set. 2017.

ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado**: representações da política em Londrina (1930-1975). 2 ed. Londrina: EDUEL, 2008.

ASSOCIATION INTERNACIONAL DE BOXE AMATEUR. **AIBA Regras técnicas**. 26 abr. 2017. Disponível em: <http://www.cbboxe.com.br/novoadmin/fckeditor/editor/filemanager/connectors/userfiles/file/AIBA%20Regras%20T%C3%A9cnicas%20Abril%202017.pdf> >. Acesso em: 27 fev. 2018.

BAITELLO JUNIOR, Norval. Para que servem as imagens mediáticas? Os ambientes culturais da comunicação, as motivações da iconomania, a cultura da visualidade e suas funções. **Revista f@ro**, Valparaíso, n. 6, 2007.

BAKER, William Joseph. **Sports in the Western World**. Illinois: Illini Press, 1988. 359 p. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=rkuAiv3LoR4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false >. Acesso em: 29 set. 2017.

BALDINI, Wilson. Éder Jofre faz 80 anos e afirma: 'Se eu fosse dar de direita em alguém, escolheria um político'. **Lance!**, 23 fev. 2016. Disponível em: <http://www.lance.com.br/lutas/eder-jofre-faz-anos-afirma-fosse-dar-direita-alguem-escolheria-politico.html> >. Acesso em: 01 ago. 2017.

_____. Os 40 anos do título de Miguel de Oliveira. **UOL Esporte**, 07 mai. 2015. Disponível em: <https://blogdobaldini.blogosfera.uol.com.br/2015/05/07/os-40-anos-do-titulo-de-miguel-de-oliveira/> >. Acesso em: 01 ago. 2017.

_____. Popó deve dar revanche na despedida. **Lance!**, 26 jul. 2017. Disponível em: <http://blogs.lance.com.br/blog-do-baldini/popo-deve-dar-revanche-na-despedida/> >. Acesso em: 01 ago. 2017.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. 9 ed. Campinas: Papiрус, 2008

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

BELTING, Hans. **Antropoloigia de la imagen**. Buenos Aires: Katz editors, 2007.

BENATTO, Omeletino; BONI, Paulo César; UNFRIED, Rosana Reineri. **Memórias fotográficas**: a fotografia e fragmentos da história de Londrina. Londrina: Midiograf, 2013.

BONI, Paulo César; BRITO AMARO, Joaquim Francisco Gonçalves de. A fotografia como “recriadora” de fatos desaparecidos da memória: a construção do Estádio do Café em 1976. In: BONI, Paulo César (Org.). **Retratos da Cidade**. Londrina: Midiograf, 2014. p. 99 – 129.

BOXE CONFIRMA QUE CAPACETES SERÃO ABOLIDOS NA OLÍMPIADA APÓS 36 ANOS. **O Estado de São Paulo**, 01 mar. 2016. Disponível em <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,no-rio--boxeadores-va-abandonar-protetor-de-cabeca-apos-32-anos,10000019041>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

BRANDÃO, Leonardo. O esporte e a escrita da história: novos desafios. **CES Revista**, v. 24, Juiz de Fora, 2010a.

_____. Esportes de ação: notas para um pesquisa acadêmica. **Rev.Bras.de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 32, n. 1, set, 2010b.

BRASIL. Decreto-Lei 2848, de 7 de dezembro de 1940. **Código Penal**. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10623933/paragrafo-9-artigo-129-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

_____. Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9615consol.htm>. Acesso em: 29 set. 2017.

BURKE, Peter. **O historiador como colunista**. Ensaios para a Folha. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2009.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: Edusc, 2004.

CARAM, Dalto. **Violência na sociedade contemporânea**. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

CARATTI, Jônatas Marques. “Calçando as luvas”: primeiros comentários sobre a formação do boxe gaúcho (Porto Alegre, 1920). **Revista Latino-Americana de História**, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 3, mar. 2012. Disponível em: <<http://projeto.unisinos.br>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

_____. “Quando o boxe era caso de polícia”: Espetáculo, violência e repressão em tempo do surgimento do pugilismo em Porto Alegre/RS (1908-1922). **Vozes, Pretérito & Devir**, v. 5, n. 1, p. 220-241, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152>>. Acesso em: 29 set. 2017.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BOXE. Disponível em: <<http://www.cbboxe.com.br/sitenovo/>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

CRUZ, Celso Donizete. Introdução. In: KAFKA, Franz. **A metamorfose**. São Paulo: Hedra, 2009.

CRUZ, Heloisa de Faria.; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 255-272, dez. 2007.

CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. O mundo como representação. **Estudo avançados**, v. 5, n. 11, pp. 173-191, 1991.

_____. Pierre Bourdieu e a história – debate com José Sérgio Leite Lopes. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 139-182, jan./jun., 2002.

DACOSTA, Lamartine (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Disponível em: <<http://www.confef.org.br>>. Acesso em: 26 de jul. 2016.

DA SUCURSAL. Polícia proíbe desafio entre vários lutadores. **Folha de Londrina**, Londrina, 26 ago. 1993.

DOMÈNECH, Josep M. Català. **A forma do real**. São Paulo: Summus, 2011.

DUNNING, Eric. As ligações sociais e a violência no desporto. In: ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial, 1992, p. 327–354.

ELIAS, Norbert. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial, 1992, p. 223-256.

_____. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FORTES, Rafael; MELO, Victor Andrade de. História do esporte: panorama e perspectivas. **Fronteiras Revista de História**, Dourados, v. 12, n. 22, jul./dez/ 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob a economia patriarcal. 48ª ed. São Paulo: Global, 2003.

_____. Foot-ball mulatto. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 jun. 1938.

GENTE QUE LUTA BOXE. **Folha de Londrina**, Londrina, 28 set. 1979.

GRASSIOTTO, Maria Luiza Fava; GRASSIOTTO, Junker de Assis. A atividade comercial e sua relação com o urbano: o exemplo de Londrina. **Semina**: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 24, p. 101 – 120, set. 2003.

Grupo Folha de Comunicação. **Nossa história**. Disponível em: <<http://www.folhadelondrina.com.br/grupofolha/>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

HAAG, Fernanda Ribeiro. Mario Filho e O negro no futebol brasileiro: uma análise histórica sobre a produção do livro. In: **Esporte e Sociedade**, v. 9, n. 23, mar. 2014. Disponível em: <http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es2306.pdf>. Acesso em: 29 set. 2017.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **“Raízes do Brasil”**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 3**: a clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Fundamentos_da_psican%C3%A1lise_de_Freud_a_L.html?id=FzJVDgAAQBAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 29 set. 2017.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. São Paulo: Hedra, 2009.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. **Enciclopédia Einaldi**, vol. 1, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990.

LONDRINA ESPORTE CLUBE. Disponível em: <<http://www.londrinaesportecolube.com.br>>. Acesso em: 29 set. 2017.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **Um sussurro nas trevas**. São Paulo: Hedra, 2010.

MACEDO, Alberto. Nome de campeão. **Folha de Londrina**, Londrina, p.20, 26 ago. 1986.

MAILER, Norman. **A luta**. A história da maior luta do boxe do século XX: Muhammad Alis versus George Foreman. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

MARINHO, Inezil Penna. Contribuição para a história do futebol no Brasil. **Arquivos da ENEFD**, Rio de Janeiro, ano 9, n. 10, p.41-45, nov.-dez./1956.

MATTEUCCI, H. **Boxe**: mitos e história. São Paulo: Hemus, 1988.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do museu paulista**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 133-174, Jun. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142005000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 abr. 2018.

MELO, Victor Andrade de; VAZ, Alexandre Fernandez. Cinema, corpo, boxe: suas relações e a construção da masculinidade. **ArtCultura**, v. 8, n. 12, p. 139-160, jan.-jun. 2006.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, jul. 1998. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067/1206>>. Acesso em: 20 Abr. 2018.

_____. O museu de cidade e a consciência da cidade. In: SANTOS, Afonso Carlos Marques dos et al. (Orgs.). **Seminário Internacional “Museu e Cidades”**. Livro do Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2004.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. Programa bolsa atleta Disponível em: <<http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/prerequisitos.jsp>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

MICALI JÚNIOR, Paulo Sérgio. **Nobre arte londrinense**: Considerações sobre o boxe em Londrina (1975-2014). 2014. 39 pgs. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Centro de Letras e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Londrina, 2014.

MITCHELL, William John Thomas. **What do pictures want?** The lives and loves of imagens. Chicago> The University of Chicago press, 2005.

MUCHEMBLED, Robert. **História da violência**: Do fim da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História do Departamento de História da PUC**. São Paulo, 1993.

ODALIA, Nilo. **O que é violência**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Oxford: Advanced Learner's Dictionary. 7. Ed. Oxford: Oxford University Press, 2005.

PARANÁ TERMINA EM QUARTO NOS JAB'S DE CAMPO GRANDE. **Tribuna do Paraná**, 27 mai. 2005. Disponível em: <
<<http://www.tribunapr.com.br/esportes/parana-termina-em-quarto-nos-jabs-de-campo-grande/#>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

PREFEITURA DE LONDRINA. Ginásio de esportes Moringão. Disponível em: <
http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=107&Itemid=105>. Acesso em: 01 ago. 2017.

_____. **Perfil de Londrina 2007**. 2007.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Disponível em: <
<http://srec.azores.gov.pt/dre/sd/115152010600/nova/biblioteca/Fernando%20Pessoa/mensagem.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2017.

POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ. **5ºBPM-Histórico**. Disponível em:
<http://www.pmpr.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=447>. Acesso em: 01 ago. 2017.

PUGILISTA INGLÊS MORRE DOIS DIAS DEPOIS DA LUTA. **Jornal de Londrina**, Londrina, 30 abr. 1994.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no football brasileiro**. Irmãos Pongetti Editores: Rio de Janeiro, 1947.

ROSA, Alexandre Reis. **(O) braço forte, (a) mão amiga: um estudo sobre a dominação masculina e violência simbólica em uma organização militar**. 2007. 255 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Lavras, Lavras. 2007.

SARMIENTO, Wagner. **Com as próprias mãos**. São Paulo: Panda Books, 2013.

SCHAAP, Jeremy. **Homem Cinderela**: James J. Braddock, Max Baer e a maior reviravolta da história do boxe. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SCHWARTZ, Adriano. O processo civilizador do esporte. **Folha de São Paulo**, Caderno Mais!, entrevista, 08 ago. 2004. Disponível em: <
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0808200403.htm>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

SUGAR, Bert Randolph. **Bert Sugar on boxing**: The best of the sport's most notable writer. Connecticut: The Lyons Press, 2003.

SOUSA FILHO, Alipio de. Michel de Certeau: Fundamentos de uma sociologia do cotidiano. **Sociabilidades**. São Paulo, v. 2, p. 129 – 134, 2002.

TYSON, Mike. **A verdade nua e crua**. São Paulo: Saraiva, 2014.

VAZ, Alexandre Fernandez. **A nobre arte do soco**. Disponível em: <www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/a-nobre-arte-do-soco>. Acesso em: 29 set. 2017.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WORLD BOXING COUNCIL. Disponível em: <<http://wbcboxing.com>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

WORLD BOXING FEDERATION. Disponível em: <<http://www.worldboxingfederation.net/http://www.worldboxingfederation.net/>>. Acesso em: 28 set. 2017.

WORLD BOXING ORGANIZATION. Disponível em: <<http://www.wboboxing.com>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

HARARI, Yuval Noah. **Uma breve história do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Fontes orais [arquivo pessoal em áudio e transcrito]

Depoimento de Edilson Agostinho Pereira, 20/06/2014

Depoimento de Wilson de Oliveira, 13/06/2014

Depoimento de Benedito Donizete, 28/08/2014

Depoimento de Rafael Bandeira, 20/06/2014

Depoimento de Cesar Augusto Pereira, 20/06/2014

Depoimento de Romildo de Lima, 25/08/2014

Fontes fotográficas [arquivo pessoal digitalizado]

Coleção fotográfica da Escola de Boxe do Londrina Esporte Clube e da Federação Paranaense de Pugilismo.

Fontes periódicas [arquivo microfilmado pessoal]

Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica – NDPH – Universidade Estadual de Londrina.